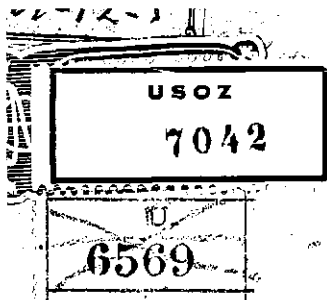


RESEARCH
DEPT
BOSTON

UIC 2
712



R I M A S
D E
M A N O E L M A R I A
D E B A R B O S A D U B O C A G E .

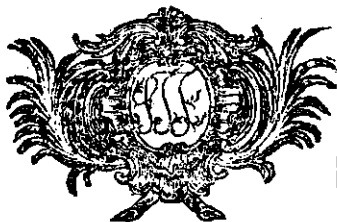


*Denique securus fame, Liber, ire memento:
Nec tibi sit lecto displicuisse pudor.
Non ita se nobis præbet Fortuna secundam,
Ut tibi sit ratio laudis habenda tua.*

Ovid. Trist. Lib. 1. Eleg. 1.

T O M O I .

Segunda Edição correcta, e augmentada.



LISBOA. M. D. CCC.

NA OFFICINA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

*Vende-se na mesma Officina na rua da Atalaia
ao Bairro Alto.*



SONETO I.



INCULTAS produções da Mocidade
Exponho a vossos olhos, ó Leitores:
Vêde-as com mágoa, vêde-as com piedade,
Que ellas buscáo piedade, e não louvores:

Ponderai da Fortuna a varjedade
Nos meus suspiros, lagrimas, e amores:
Notai dos males seus a immensidade,
A curta duração dos seus favores;

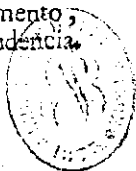
E se entre versos mil de sentimento
Encontrardes alguns, cuja apparencia
Indique festival contentamento,

Crêde, ó Mortaes, que foráo com violencia
Escritos pela mão do Fingimento,
Cantados peia voz da Dependencia.

Tom. I.

A

SO.



S O N E T O II.

C Horosos versos meus desentoados,
Sem arte, sem belleza, e sem brandura,
Urdidos pela Mão da Desventura,
Pela baça Tristeza envenenados:

Vêde a luz, não busqueis, desesperados,
No mudo esquecimento a sepultura:
Se os Ditosos vos lerem sem ternura,
Ler-vos-hão com ternura os Desgrazados.

Não vos inspire, ó versos, cobardia
Da saryra mordaz o furor louco,
Da maldizente voz a tyrannia:

Desculpa tendes, se valeis tão pouco,
Que não póde cantar com melodia
Hum peito, de gemer cançado, e rouco:

SO-

SONETO III.

DE suspirar em vão já fatigado,
 Dando trégoa a meus males, eu dormia;
 Eis-que junto de mim sonhei que via
 Da Morte o gesto lívido, e mirrado.

Curva fouce no punho descarnado
 Sustentava a cruel, e me dizia:
Eu venho terminar tua agonia:
Morre, não penes mais, ó Desgraçado!

Quiz ferir-me, e de Amor foi atalhada,
 Que armado de cruentos passadores
 Apparece, e lhe diz com voz irada:

Empréga n'outro objecto os teus rigores;
Que esta vida infeliz está guardada
Para victima só de meus furores.

R I M A S

S O N E T O I V .

Raios não peço ao Creador do Mundo ;
Tormentas não supplico ao Rei dos Mares ,
Vulcões á Terra , furacões aos Ares ,
Negros Monstros ao Barathro profundo :

Não rogo ao Deos de Amor , que , furibundo
Te arremesse do pé de seus Aliares ,
Ou que a Peste mortal vôle a teus lares ,
E murche o teu semblante rubicundo .

Nada imploro em teu dano , inda que os laços
Urdidos pela Fé , com vil mudança
Fizeste , ingrata Nise , em mil pedaços .

Não quero outro despique , outra vingança ,
Mais que ver-te em poder de indignos braços ,
E dizer quem te perde , e quem te alcança .

SO-

SONETO V.

JA' sobre o Coche de évano estrellado
 Deo meio gyro a Noite escura, e feia :
 Que profundo silencio me rodeia
 Neste deserto Bosque, á luz vedado!

Jaz entre as folhas Zéfyro abafado,
 O Téjo adormeceo na lisa areia;
 Nem o mavioso Rouxinol gorgeia,
 Nem pia o Môcho, ás trévas costumado.

Só eu vélo, só eu, pedindo á Sorte,
 Que o fio, com que está minha alma preza
 A' vil materia languida, me córte.

Consola-me este horror, esta tristeza,
 Porque a meos olhos se affigura a Morte
 No silencio total da Natureza.

SONETO VI.

MAvorte, porque em pérfida cilada
 O cruel Moço alígero o ferira,
 Não faz caso da Mãe, que chora, e brada,
 Quer puhir o Traidor, que lhe fugira.

Na sinistra o Pavéz, na dextra a Espada,
 Nos igneos olhos fuzilante a ira,
 Pula a negra Carroça ensanguentada,
 Que Bellona infernal e'o as Furias tira.

Assim parte, assim vòa, eis-que vê posto
 No cõllo de Marilia o Deos alado,
 No cõllo, aonde tem milhões encosto:

Já Marte arroja as armas, e, applácado,
 Diz, inclinando o formidável rosto:
Valha-te, Amor, esse lugar sagrado.

SONETO VII.

A O Templo do propicio Desengano
 A prósida Razão guiou meus passos,
 Por ver-me, louco já, mordendo os laços,
 Os duros laços de hum amor profano.

Ajoelho ante o Numen soberano,
 Mostro-lhe os roxos, os cativos braços,
 Dizendo-lhe: *Grão Deos, faze em pedaços*
Os ferros, que me pôz Amor tyranno.

A Deidade, inimiga da Esperança,
 Me responde: *Em te livro do flagello,*
Que opprime os corações: Mortal, descança.

Eis-que, brandindo hum lúcido cutélo,
 Meus ferros corta, e logo da lembrança
 Me escapa de Marfida o rosto bello.

SO-

SONETO VIII.

Não, Marília, teu gesto vergonhoso,
A luz dos olhos teus serena, e pura,
Teu riso, que enche as almas de ternura,
Agora meigo, agora desdenhoso:

Tua candida mão, teu pé mimoso,
Tuas mil perfeições crer que a Ventura
As guarda para mim, fôra loucura:
Nem sou digno de ti, nem sou ditoso;

E que Mortal, em fim, que peito humano
Merece os braços teus, ó Nynfa amada?
Que Narciso? Que Heróe? Que Soberano?

Mas que lê minha Mente illuminada!...
Ceos!... Penetro o Futuro!... Ah! não me engano:
De Jove para o Tóro estás guardada.

SONETO IX.

EM sórdida masmorra aferrolhado,
De cadêas aspérrimas cingido;
Por ferózes Contrarios perseguido,
Por linguas impostôras criminado:

Os membros quasi nús, o aspecto honrado
Por vil boca, e vil mão roto, e cuspido,
Sem ver hum só Mortal compadecido
De seu funesto, rigoroso estado:

O penetrante, o barbaro Instrumento
De atroz, violenta, inevitavel morte
Olhando já na mão do Algoz cruento:

Inda assim não maldiz a iniquia Sorte,
Inda assim tem prazer, socego, alento
O Sabio verdadeiro, o Justo, o Forte.

S O N E T O X.

A Loira Filis na Estação das Flores
Comigo passeou por este prado
Mil vezes, por sinal trazia ao lado
As Graças, os Prazeres, e os Amores.

Quantos mimos então, quantos favores,
Que innocente afeição, que puro agrado
Me não virão gozar (ó doce estado!)
Mordendo-se de inveja os mais Pastores!

Porém, segundo o feminil costume,
Já Filis se esqueceu do amor mais terno,
E com Jonio se ri de meu queixume.

Ah! se nos, cotações fosses eterno,
Tormento abrazador, negro Ciume,
Serias tão cruel como os do Inferno.

S O N E T O XI.

Marilia, nos teus olhos bolicosos
 Os Amores gentis seu facho accendem;
 A teus labios voando, os ares fendem
 Ternissimos desejos sequiosos:

Teus cabellos sutis, e lumbrosos
 Mil vistas cegão, mil vontades prendem,
 E em age aos de Minerva se não rendem
 Teus alvos, curtos dedos melindrosos.

Reside em teus costumes a candura,
 Móra a firmeza no teu peito amante,
 A Razão com teus rizes se mistura;

E's dos Ceos o Composto mais brilhante:
 Derão-se as mãos Virtude, e Formosura
 Para crear tua alma, e teu semblante.

SO-

S O N E T O XII.

Negra Féra, que a tudo as garras lanças,
Já murcháste, insensível a clamores,
Nas faces de Tirsalia as rubras flores,
Em meu peito as viçosas esperanças.

Monstro, que nunca em teus estragos canças,
Vê as tres Graças, vê os nús Amores
Como praguejão teus crueis furores,
Ferindo os rostos, arrancando as tranças.

Domicilio da Noite, horror sagrado,
Onde jaz destruida a Formosura,
Abre-te, dá lugar a hum desgraçado.

Eis desço, eis cinzas palpo... ah Morte dura!
Ah Tirsalia! Ah meu Bem, resto adorado!
Torna, torna a fechar-te, ó sepultura,

SO-

SONETO XIII.

OLhos suaves, que em suaves dias
Vi nos meus tantas vezes empregados,
Vista, que sobre esta alma despedias
Deleitosos farpões, no Ceo forjados;

Santuarios de Amor, luzes sombrias;
O'hos, olhos da côr de meus cuidados,
Que podeis inflammar as pedras frias,
Animar os cadaveres mirrados;

Troquei-vos pelos Ventos, pelos Mares,
Cuja verde arrogancia as nuvens tóca,
Cuja horrisona voz perturba os ares;

Troquei-vos pelo Mal, que me suffoca,
Troquei-vos pelos ais, pelos pezares:
O' cambio triste! O' deploravel troca!

S O N E T O XIV.

DA pérfida Gertrúria o juramento
Parece-me, que estou inda escutando,
E que inda ao som da voz suave, e brando
Encolhe as azas, de encantado, o vento:

No vasto, infatigavel Pensamento
Os mimos da perjura estou notando....
Eis Amor, eis as Graças, festejando
Dos térnos votos o feliz momento.

Mas ah! Da minha rápida alegria
Para que accendes mais as vivas cores,
Lisongeiro pincel da fantasia?

Basta, céga paixão, loucos Amores;
Esqueção-se os prazeres de algum dia,
Tão bellos, tão duraveis como as flores.

SONETO XV.

DE Pafos o Menino ardendo em ira,
Porque humna ingrata as suas leis detesta,
Tão grave insulto despicar protesta,
E a domar-lhe a altivez, teimoso; aspira.

Dormindo encontra a desdenhosa Elmira;
Sobre a mão reclinada a nivea testa;
*Teu genio (diz) amansarei com esta
Farpa sutil, e do Carcaz a tira:*

Mas a bella Acidalia, a quem sómente
Rende o travesso Infante vassallagem,
Lhe apparece, e lhe grita: *Amor, detem-te!*

*Tu, Filho, que não soffres, que me ultragem,
Elmira vens ferir, irreverente!
Nella de tua Mãe não vês a imagem?*

SO-

S O N E T O XVI.

O' Franças, de que Amor prizões me tece,
O' mãos de néve, que rogeis meu Fado!
O' thesoiro! O' mysterio! O' pat sagrado,
Onde o Menino aligero odormece!

O' ledos olhos, cuja luz parece
Tenue raio do Sol! O' gesto amado,
De rosas, e assucenas semeado,
Por quem morrêra esta alma, se podessé!

O' labios, cujo riso a paz me tira,
E por cujos dulcissimos favôres
Talvez o proprio Jupiter suspira!

O' perfeições! O' dons encantadores!
De quem sois? Sois de Venus? He mentira?
Sois de Marilia, sois dos meus Amores.

SONETO XVII.

JA' por barbaros Climas entranhado,
Já por Mares inhóspitos vagante,
Victima triste da Fortuna errante,
Té dos mais desprezíveis desprezado:

Da fagueira Esperança abandonado,
Lassas as forças, pálido o semblante,
Sinto rasgar meu peito a cada instante
A mágoa de morrer expatriado.

Mas ah! Que bem maior, se contra a Sorte,
Lá do Sepulcro no sagrado Hospício
Refugio me promete a amiga Morte!

Vem, pois, ó Nume, aos miseros propício,
Vem livrar-me da mão pezada, e forte,
Que de rastos me leva ao precipício.

S O N E T O XVIII.

A Quelle, a quem mil bens outórga o Fado,
Deseje, com razão da vida amigo,
Nos annos igualar Nestor, o antigo,
De trezentos Invernos carregado:

Porém eu, sempre triste, eu desgraçado,
Que só nesta Caverna encontro abrigo,
Porque não busco as sombras do jazigo,
Refugio perduravel, e sagrado?

Ah! Bebe o sangue meu, tosca Morada,
Alma, quebra as prizões da Humanidade,
Despe o vil Manto, que pertence ao Nada;

Mas eu tremo... Que escuto!... He a Verdade,
He ella, he ella, que do Ceo me brada!
O' terrivel pregão da Eternidade!

SO-

S O N E T O XIX.

Qual novo Orestes, entre as Fúrias brada,
 Infeliz, que não crês no Omnipotente,
 Com Systema sacrilego desmente
 A Razão luminosa, a Fé sagrada:

Tua barbara voz iguale ao Nada
 O que em todas as cousas tens presente:
 Basta, que o Sabio, o Justo, o Pio, o Crente
 Louve a Mão, contra os Máos do raio armada;

Mas vê, blasfemo Atheo, vê, Monstro horrendo,
 Que a bruta opinião, que, cego, expressas,
 A si mesma se está contradizendo;

Pois quando de negar hum Deos não cessas,
 De tudo o inerte Acaso Author fazendo,
 No Acaso, a teu pezar, hum Deos confessas.

S O N E T O XX.

Louca, cega, illudida Humanidade,
 Miseravel de ti: não consideras,
 Que o barro te gerou, como que esperas
 Evadir-te á geral fatalidade!

Pó, que levanta o sopro da Vaidade,
 Homem caduco, e fragil, não pondéras,
 Que teus bens, teus braços, tuas quiméras
 Nenhum valor terão na Eternidade?

Ah volta, volta os olhos mais sisudo:
 Alli na Magestade anniquilada
 Te faz o Desengano aviso mudo:

Attenta de José na Cinza amada:
 Que serás, se elle he já, se ha de ser tudo
 Pasto da Morte, victima do Nada!

SO-

Na morte do Serenissimo Principe o Senhor D. José.

SONETO XXI.

JA' se affastou de nós o Inverno agreste
Envolto nos seus humidos vapôres,
A fertil Primavera, a Mãe das flores
O Prado ameno de boninas veste:

Varrendo os ares o sutil Nordeste,
Os torna azues: as Aves de mil cores
Adejão entre Zéfyrus, e Amores,
E tóma o fresco Tejo a côr celeste:

Vem, ó Marília, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beileza,
Destas copadas Arvores o àbrigo.

Deixa louvar da Corte a vã grandeza:
Quanto me agrada mais estar contigo
Notando as perfeições da Natureza!

S O N E T O XXII.

P Or fôfos Escarcéos arremessado
Ora aos Abysmos, ora ao Firmamento,
Escutando o furor, e o som viplentô
Do rispido Aquilão, de Noto irado:

Aberto o peito, o coração rasgado
Pelo agudo punhal do Apartamento,
Qual Pombinho, que foi de Açor cruento
Pelas garras mortaes atravessado:

Assim d'hum cêgo Amor já cêgo, e louco
Envio, Alma querida, envio aos ares
De quando em quando hum ai trémulo, e rouco

Mas tantas afflicções, tantos pezares
Tudo he pouco, Gertruria, tudo he pouco,
Se inda eu vir os teus olhos singulares.

SONETO XXIII.

Qual o Avaro infeliz, que não descança ;
Volvendo os olhos d'hum para outro lado ;
Por cuidar, que ao thesouro idolatrado
Cubiçosa Vontadê as mãos lhe lança :

Tal eu , meu doce amor , minha esperança ,
De suspeitas cruéis atormentado ,
Receio , que a distancia , o tempo , o Fado ,
Te arranquem meus carinhos da lembrança :

Receio , que , por minha adversidade ,
Novo amante , sagaz , e lisongeiro
Macule de teus votos a lealdade.

Ah ! crê , bella Gertruria , que o primeiro
Dia , em que eu chôre a tua variedade ,
Será da minha vida o derradeiro.

S O N E T O XXIV.

GRato silencio, trémulo Arvoredo,
 Sombra propicia aos crimes, e aos amores,
 Hoje serei feliz: longe, temores,
 Longe, Fantasmas, illusões do medo.

Sabei, amigos Zefyros, que cedo
 Entre os braços de Nise, entre estas flores,
 Furtivas glórias, tácitos favores
 Hei de, em fim, possuir; porém segredo.

Nas azas frôxos ais, brandos queixumes
 Não leveis, não façais isto patente,
 Que nem quero que o saiba o Pai dos Numes:

Cale-se o caso a Jove Onnipotente,
 Porque, se elle o souber, terá ciúmes,
 Vibrará contra mim seu raio ardente.

SO-

SONETO XXV.

EM quanto os bravos, formidaveis Notos,
 Por entre os cabos trémulos zunindo,
 O fendente Baixel vão sacudindo
 A Climas, do meu Clima tão remotos:

Em quanto de Nerêo contínuos motos
 Na vacillante poppa estou sentindo,
 Ao meu idolo amado, ausente, e lindo
 Fôrmo nas mãos de Amor: sagrados votos.

Mordaz tristeza o coração me córte,
 Soffra tudo, ó Gertruria, por amar-te,
 Farte-se; embora, a cólera da Sorte:

Mas talvez (ai de mim!) que se não farte,
 Que ou tua variedade, ou minha morte
 Me roube as esperanças de lograr-te.

SO-

S O N E T O XXVI.

Perverso estragador da Formosura,
 Alma corrupta, desleal, impia,
 Onde Interesse, Amor, e Aleivosia
 Jazem com feia, e sordida mistura:

Os fructos, que produz tua ternura,
 São (que assombre!) a vileza, a tyrannia:
 Sacrificas a tua idolatria
 Com tuas proprias mãos em Ara impura.

Que bruto Coração, que torpe Amante
 Vende o seu gosto? Ah misera Belleza,
 Eu te choro, eu te choro, outrem te cante:

Excedeo-se em formar-te a Natureza:
 Divina te julguei pelo semblante,
 Humana vejo que és pela fraqueza.

SO-

SONETO XXVII.

Temo, que a minha ausencia, e desventura
 Vão na tua alma, docemente açesa,
 Apoucando os excessos da firmeza,
 Rebatendo os assaltos da ternura:

Temo, que a tua singular candura
 Leve o Tempo fugaz nas azas preza,
 Que he quasi sempre o vicio da Belleza
 Genio mudavel, condição perjura:

Temo, e se o Fado máo, Fado inimigo
 Confirmar impiamente este receio,
 Spéctro perseguidor, que anda comigo,

Com rosto, alguma vez de mágoa cheio,
 Recordate de mim, dize comigo:
Era fiel, amava-me, e deixei-o.

SO-

SONETO XXVIII.

SE a minha lastimosa desventura
 Irreparavel he, se trago escrito
 No rosto côr da morte o meu delicto,
 Que louca idéa os passos me segura!

Ah! sóme-te, infeliz, fuge, e procura
 Margens, quaes as do lívido Cocyto,
 Brenhas, Matos, Sertões, errante, afflicto,
 Até que vás parar na Sépultura:

Oh Nume enganador, Nume falsario!
 Oh lúbrica Fortuna, de quem régo
 Em vão com triste pranto o Santuario!

Já sem violencia em tuas mãos me entrego:
 Sim, Varia, aqui me tens, inda mais vario,
 Cega, a ti me abandono, inda mais cego.

SO-

S O N E T O XXIX.

P Or terra jaz o Emporio do Oriente,
 Que do rígido Affonso o ferro, o raio
 Ao grão Filho ganhou do grão Sabaio,
 Envergonhando o Deos armipotente.

Cahio Goa, terror antigamente
 Do Naire vão, do pérfido Malaio,
 De barbaras Nações... ah! que desmaio
 Apaga o Marcio ardor da Lusa Gente

Oh Seculos de Heróes! Dias de Gloria!
 Varões excelsos, que, a pezar da Morte,
 Viveis na tradição, viveis na Historia!

* Albuquerque terrível, Castro forte,
 Menezes, e outros mil, vossa memoria
 Vingam as injúrias, que nos faz a Sorte.

S O N E T O XXX.

O Deos, ó Rei do Ceo, do Mar, da Terra,
(Pois só me restão lagrimas, clamores)
Suspende os teus horrisonos furores,
O corisco, o trovão, que a tudo atterra:

Nos subterrâneos carceres encerra
Os procellosos Monstros berradores,
Que, enchendo os ares de infernaes vapôres,
Parece, que entre si travarão guerra.

Para nós, compassivo, os olhos lança,
Perdôa ao fraco Lenho, attende ao pranto
Dos Tristes, que em ti põem sua esperança:

A's densas Trévas despedaça o manto,
Faze, em sinal de proxima bonança,
Brilhar no ethereo Tópe o Lume Santo.

SO-

SONETO XXXI.

SE o Destino cruel me não consente,
Que o ferro nú brandindo, irado, e forte,
Lá nos horrendos Campos de Mavorte
De louros immortaes guarneça a frente:

Se prohibe, que em Solio refulgente
Faça os Povos felices, de tal sorte,
Que o meu nome, a pezar da negra Morte,
Fique em Padrões, e Estatuas permanente:

Se as suas ímpias leis inexoraveis
Não querem, que os Mortaes em alto verso
Cantem de mim façanhas memoraveis,

Submisso á má Ventura, ao Fado adverso,
Ao menos por desgraças lamentaveis
Terei perpétua Fama no Universo.

S O N E T O XXXII.

EM quanto o Sabio arreiga o pensamento
Nos Fenómenos teus, ó Natureza,
Ou sóla arduo Problema, ou sobre a meza
Volve o subtil, Geometrico instrumento:

Em quanto, alçando a mais o entendimento,
Estuda os vastos Ceos, e com certeza
Reconhece dos Astros a grandeza,
A distancia, o lugar, e o movimento:

Em quanto o Sabio, em fim, mais sabiamente
Se remonta nas azas do sentido
A' Corte do Senhor Omnipotente;

Eu louco, eu cégo, eu misero, eu perdido,
De ti só trago cheia, ó Jônia, a Mente:
Do mais, e de mim mesmo ando esquecido.

SO-

S O N E T O XXXIII.

U Surpando hum minuto a meu lamento,
Amigo somno os olhos me occupava,
E em quanto o debil Corpo descansava,
Velava Amor, velava o pensamento:

Eis-que em deserto, e lúgubre Aposento,
Que semimorta luz mais affeava,
Cri, Gertruria, (ai de mim!) que te avistava
Já sem côr, já sem vóz, já sem alento:

Súbito acórdò, em lagrimas banhado,
E, das trévas palpando o véo medonho,
Em vão busco teu Corpo delicado:

Mas inda em ancias, trémulo, supponho,
Que me vaticinou meu negro Fado
Dos males o peor no horrivel Sonho.

S O N E T O XXXIV.

Afflicto Coração, que o teu tormento,
Que os teus desejos, tácito, devoras,
E ao doce Objecto, ás perfeições, que adoras,
Só te vás explicar c' o pensamento:

Infeliz Coração, recobra alento,
Sécca as inúteis lágrimas, que choras;
Tu cevas o teu mal, porque demoras
Os vãos ao ditoso Atrevimento.

Inflamma surdos ais, que o Medo esfria,
Hum Bem tão suspirado, e tão subido,
Como se ha de ganhar sem ousadia?

Ao Vencedor affoite-se o Vencido:
Longe o respeito, longe a cobardia;
Morres de fraco? Morre de atrevido.

SO-

SONETO XXXV.

P Or esta Sôlidão, que não consente
 Nem do Sol, nem da Lua a claridade ;
 Ralado o peito já pela Saudade,
 Dou mil gemidos a Mãe ausente :

De seus crimes a franquia, inda recente ;
 Lava Amor, e tráfega da Verdade ;
 A Belleza, a pezar da Falsidade,
 Me occupa o Coração, me occupa a Mente.

Lembrão-me aquelles olhos tentadores ;
 Aquellas mãos, aquelle riso, aquella
 Boca suave, que respira amoras

Ah ! Trazei-me, Illusões, a ingrata, a bella,
 Pintai-me vós, ó Sonhos, entré flores ;
 Suspirando outra vez nos braços della.

S O N E T O X X X V I .

Cesarões, Viriathos, Apimanos,
 Vós, que, brandindo vingadora espada,
 Tentastes sacudir da Patria amada
 O vil, o ferreo jugo dos Romanos:

Surgi, vede-a no sangue de Tyrannos
 Inda peores outra vez banhada,
 E a nossa liberdade edificada
 No estrago dos intrusos Castelhanos.

Aos Senhores do Mundo armipotentes
 Arrancastes em bellica porfia
 Parte do louro, que lhe honrava as frentes:

Porém com milagrosa valentia
 Os vossos memoraveis Descendentes
 Fizerão mais, livrarão-se n'um dia.

SO-

A' feliz Acclamação do Senhor Rei D. João IV.

S O N E T O XXXVII.

Pouco a pouco a letifera Doença
Dirige para mim trémulos passos,
Eis seus cahidos, macilentos braços,
Eis a sua terrifica presença.

Virá pronunciar final sentença,
Em meu rosto cravando os olhos baços,
Virá romper-me á vida os tenues laços
A fouce, contra a qual não ha defenza.

Oh! Vem, Deidade horrenda, Irmã da Morte,
Vem, que esta Alma, avezada a mil conflictos;
Não se assombra do teu, bem que mais forte:

Mas ah! Mandando ao Ceo meus ais contritos,
Espero, que primeiro que o teu córte,
Me acabe viva dor dos meus delictos.

SO-

S O N E T O XXXVIII

A Penas vi do dia a luz brilhante
Lá de Tubal no Emporio celebrado,
Em sanguineo carácter foi marcado
Pelos Destinos meu primeiro instante:

Aos dois lustros a Morte devorante
Me roubou, ternã Mãi, teu doce agrado,
Segui Marte depois, e em fim meu Fado
Dos Irmãos, e do Pai me pôz distante:

Vagando a curva Terra, o Mar profundo,
Longe da Patria, longe da Ventura,
Minhas faces com lagrimas inundo:

E em quanto insana Multidão procura
Essas quiméras, esses bens do Mundo,
Suspiro pela paz da Sepultura.

SO-

SONETO XXXIX.

José, sangue de Heróes, Príncipe amado,
 Nosso bem, nosso Pai, nossa alegria,
 Tu pela negra mão da Morte fria,
 Da truculenta Morte em flor cortado!

Tu de nós para sempre desterrado!
 Nós sem ti para sempre! Horrivel dia!
 Misero Povo! Infausta Monarquia!
 Rígida Lei do inexoravel Fado!

Aureas, vás esperanças concebemos...:
 Ei-las, ei-las em cinzas no jazigo
 Com teu Rosto adoravel, que perdemos.

Ah! Que he do nosso generoso Abrigo!
 Que fazemos no Mundo! Ah! Que fazemos,
 Que nos não vamos sepultar contigo!

SO-

*Na pranteada Morte do amabilissimo Príncipe o
 Senhor D. José,*

S O N E T O XL.

M Arilia, se em teus olhos attentára
Do estellifero Sóllo reluzente,
Ao vil mundo outra vez o Omnipotente,
O Fulminante Jupiter baixára :

Se o Deos , que assanha as Furias , te avistára
As mãos de neve , o cóllo transparente ,
Suspirando por ti , do Cáos ardente
Surgíra á luz do Dia , e te roubára :

Se a ver-te de mais perto o Sol descêra ,
No aureo Carro veloz dando-te assento ,
Até da esquiva Dafne se esquecêra :

E , se a força igualasse o pensamento ,
O' Alma da minha alma , eu te offrecêra
Com ella a Terra , o Mar , e o Firmamento.

SONETO XLI.

Rompe os ares Peloito sibilante,
 Da Guerra iniqua pelas mãos forjado,
 E para te prostrar, Pireno amado,
 Voa com elle a Parca devorante:

Cerras teus olhos, despe o teu semblante
 Aquella viva côr, de que era ornado,
 E sobes, da materia desatado,
 Espirito feliz, ao Ceo brilhante:

Na dura, Marcial, honrosa Lida,
 Entre os braços da Gloria, heroico, e forte,
 Recebeste a cruel, mortal ferida,

Ah! Que inveja me faz a tua Sorte!
 He viver, como eu vivo, infausta vida,
 He morrer, como tu, ditosa morte.

SO-

*Ae Guarda Marinha Prudencio Rebello Palhares,
 amigo do Author, e morto no Combate de Argel.*

S O N E T O XLII.

DA fria Habitação, da vitrea Gruta
Alça o Calipo (*) a fronte salitrosa,
E, risonho, pentêa a nunca enxuta,
Alva melena, rispida, e limosa:

Em torno delle a modular se escuta
Chusma de Nynfas candida, e formosa:
Dos Ventos o tropel, bramindo, luta
Lá na Eolia masmorra cavernosa.

Dando lascivos osculos nas flores,
Gratos effluvios Zéfyro derrama,
Desfaz do Inverno os mádidos vapôres:

Almo prazer os Corações inflamma,
Tudo respira Amor, tudo louvores
Ao festivo Natal do Illustre Gama,

SO-

*Nos faustos Annos do Senhor Antonio José Ber
nardo da Gama Faria e Barros.*

(*) O Rio Sado.

S O N E T O XLIII.

O Cervo grassador, e o Mocho feio,
 O Sapo berrador, e a Rã molesta
 São meus unicos Socios na Floresta,
 Onde carpindo estou, de angustia cheio.

Perdi todo o prazer, todo o recreio....
 Ah malfadado Amor! Paixão funesta!
 Urselina perdi, nada me resta:
 Madre Terra! Agasalha-me em teu seio.

Da vibora mordaz permite, ó Sorte,
 Que nos matos asperrimos, que piso,
 As plantas me envenene o tenue côte.

Ah! Que he das Graças, que he do Paraíso?
 A minha alma onde está? Quem logra... ó Morte!
 Quem logra de Urselina o doce riso?

SO.

S O N E T O XLIV.

G uiou-me ao Templo do letal Ciume
 A Desesperação, que em mim fervia :
 O cabello de horror se me arripia
 Ao recordar o formidavel Nume :

Fumegava-lhe aos pés Tartareo lume ,
 Crespa Serpe as entranhas lhe roia ;
 Erão Ministros seus' a Aleivosia ,
 O Susto , a Morte , a Cólera , o Queixume :

*Cruel ! (grito em frenético transporte)
 Dos Socios teus , no Bárathro gerados ,
 Dá-me hum só , que te invejo , a Morte , a Morte.*

*Cessa (diz) os teus rogos são baldados :
 Querem ter-te no Mundo Amor , e a Sorte
 Para consolação dos Desgraçados.*

SO-

SONETO XLV.

A Ncias terríveis, íntimos tormentos,
Negras imagens, hórridas lembranças,
Amargosas, mortaes desconfianças,
Deixai-me socegar alguns momentos:

Soffrei, que logre os vãos contentamentos,
Que sonhão minhas doidas esperanças:
A posse de alvo rosto, e loiras tranças,
Onde prezos estão meus pensamentos;

Deixai-me confiar na Formosura,
Cruéis! Deixai-me crer n'um doce engano,
Biazonar de fantastica ventura.

Que mais mal me quereis, que maior dano
Do que vagar nas trévas da Loucura,
Aborrecendo a Luz do Desengano?

SO-

S O N E T O XLVI.

NO ethéreo Prado a Lua apascentava
 Das Estrellas o nítido Rébanho,
 Quando o miseró Almeno em Cima estranho
 De negro bosque as sombras penetrava.

*Silencio, em cujo horror, que a vista aggrava;
 Qual Fantasma noctivago, me entranho,
 Sofre (dizia) os prantos, com que banho
 De hum crime a nódoa, que o chorar não lava:*

*Soffre os gritos... mas ai! Que sem piedade
 Por entre folha, e folha a Luz procura
 Furtar me o triste bem da Escuridade!*

*Onde te hei de escápar, ó Sorte dura,
 O' cruel, insoffrivel Claridade?
 Já sei onde, já sei: na Sepultura.*

SO-

SONETO XLVII.

OLha, Marília, as flautas dos Pastores
Que bem que são, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfýros brincar por entre as flores?

Vê como alli, beijando-se, os Amores
Incitão nossos osculos ardentes:
Ei-las de planta em planta as innocentes,
As vagas Borboletas de mil cores:

Naquelle arbusto o Rouxinol suspira,
Ora nas folhas a Abelhinha pára,
Ora nos ares, susurrando, gyra.

Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira
Mais tristeza que a noite me causára.

SO-

S O N E T O XLVIII.

TU, que, em torpes desejos atolado,
 Vergonhosos Prostibulos frequentas,
 Tu, que os olhos famintos alimentas
 No cofre, de thesoiros atulhado :

Tu, que do oiro, e da purpura adornado,
 Quasi de igual a Jupiter ostentas,
 Bebendo as frases vis, e peçonhentas
 De Bando adulator, que tens ao lado :

Monstros, que deshonrais a Humanidade,
 Desprezando a pobreza attribulada,
 E transgredindo a Lei da Caridade,

O Desengano ouvi, que assim vos brada :
Tremei da pavorosa Eternidade,
Tremei, Filhos do Pó, Filhos do Nada.

SO.

SONETO XLIX.

OS milhões de aureos Lustrés coriscantes ;
Que estão da azul Abobada pendendo ,
O Sol , e a-que illumina o Throno horrendo
Dessa , que amima os ávidos Amantes ;

As vastissimas Ondas arrogantes ,
Seiras de espuma contra os Ceos erguendo ,
A leda Fonte humilde o chão lambendo ,
Loirejando as Searas fluctuantes :

O vil Mosquito , a próvida Formiga ;
A rama chocalheira , o tronco mudo ,
Tudo , que ha Deos a confessar me obriga :

E para crer n'um Braço , Author de tudo ,
Que recompensa os Bons , que os Máos castiga ,
Não só da Fé mas da Razão me ajudo .

S O N E T O L.

Fiei-me nos sorrisos da Ventura,
Em mimos feminis, como fui louco!
Vi raiar o prazer, porém tão pouco
Momentaneo Relampago não dura:

No meio agora desta Selva escura,
Dentro deste penedo humido, e ouco,
Pareço, até no tom lúgubre, e rouco,
Triste Sombra a carpir na Sepultura:

Que estancia para mim tão propria he esta!
Causais-me hum doce, e fúnebre transporte,
A'ridos Matos, lôbrega Floresta!

Ah! Não me roubou tudo a negra Sorte:
Inda tenho este abrigo, inda me resta
O pranto, a queixa, a Solidão, e a Morte.

SO-

SONETO LI.

ARde em vão por Elisa, em vão porfia
Contra a constancia da Heroína Augusta
O barbaro Senhor d'Africa adusta,
Que do Sangue de Jove se gloria:

Em vão lhe offrece a vasta Monarquia,
Aonde a espada Atlantica robusta
Sustenta os Ceos, o Caminhante assusta,
E horridos Monstros indomaveis cria:

Não cede Elisa, e vendo, que, furioso,
Usa da força o Líbyco Tyranno,
Ella, intrepida, escolhe hum fim glorioso.

Mentes, mentes, injusto Mantuano:
Dido infeliz foi victima do Esposo,
Foi victima da Fé, não do Troyano.

D'ill

SO-

S O N E T O L I I .

Filho, Espirito, e Pai, tres, e hum sómente.
 Que extrahiste do Cáo, do Pó, do Nada
 O Sol doirado, a Lua prateada,
 O racional, e irracional Vivente:

Eterno, Justo, Immenso, Omnipotente,
 Que occupas essa Abobada estrellada,
 Grão Ser, de cuja Força illimitada
 A Máquina do Mundo está pendente,

Tu, que, se queres, furacão violento,
 Sumátra (*) feia, tempestade escura
 Desatas, e subjugas n'um momento:

Creator, que remiste a Cretura,
 Quebra o furor do tímido Elemento,
 Que nos abre no Inferno a Sepultura.

SO-

(*) Assim se chama nos Mares da India a huma especie de tufão pouco duravel.

S O N E T O L I I I .

HA pouco a Mãi das Graças, dos Amores,
 Gerada pela espuma crystallina,
 Baixou da Etherea Região Divina
 Nas azas dos Favónios voadores:

*Oh das margens do Téjo Habitadores,
 Hoje torna a luzir (disse Ericina)
 O ledó instante, em que nasceo Marina,
 Inclito Fruto de Inclitos Maiores:*

*Do Ceo, do Mar, da Terra os Soberanos;
 Imprimindo-lhe encantos a milhares,
 Creação nella a Gloria dos Humanos.*

*Eia, cantai-lhe os dotes singulares,
 Louvai seus olhos, applaudi seus annos;
 Queimai-lhe arômas, erigi-lhe Altares.*

SO-

Aos annos da Senhora D. Maria Joaquina de Mello.

S O N E T O L I V.

A Teus mimózios pés, meu bem, rendido;
Confirmo os votos, que a Traição manchára,
Fumão de novo incensos sobre a Ara,
Que a vil Ingratidão tinha abatido.

De novo sobre as azas de hum gemido
Te offereço o coração, que te aggravára:
Saudoso tórno a ti, qual torna a cara,
Perdida Pátria o mísero Banido;

Renovemos o nó, por mim desfeito;
Que eu já maldigo o tempo desgraçado,
Em que a teus olhos não vivi sugeito;

Concede-me outra vez o antigo agrado:
Que máis queres? Eu choro, e no meu peito
O punhal do Remorso está cravado.

SO-

SONETO LV.

OS suaves effluvios, que respira
A flor de Venus, a melhor das flores,
Exhalas de teus labios tentadores,
O' doce, ó bella, ó desejada Emira;

A que nasceo das Ondas, se te vira,
A seu pezar cantára os teus louvores:
Ditoso quem por ti morre de amores,
Ditoso quem por ti, meu bem, suspira!

E mil vezes ditoso o que merece
Hum teu furtivo olhar, hum teu sorriso,
Por quem da Mãe formosa Amor se esquece!

O sacrilego Atheo, sem lei, sem siso,
Contemple-te huma vez, que então conhece,
Que he força haver hum Deos, e hum Parizo.

SO-

S O N E T O L V I.

E Sses thesoiros, esses bens, sagrados
 Para os cegos Mortaes, bens, de que abunda
 Asia guerreira, America fecunda,
 Filhos da Terra, pelo Sol gerados;

Honras, grandezas, titulos inchados,
 Servil incenso, adulação jucunda
 Não quero, não, que sobre mim diffunda
 Amiga dextra de risonhos Fados:

Quero, que as Furias hórridas me escoltem,
 Quero, que contra mim, que em vão delito,
 Os Racionaes, e iracionaes se voltem:

Quero da Morte o formidável tiro,
 Com tanto, ó Jonia, que meus labios soltem
 Nesses teus labios o final suspiro.

SONETO LVII.

O Rei dos Reis, ó Arbitro do Mundo,
 Cujas Mão Sacro-santa as Mãos fulmina,
 E a cuja Voz terrifica, e Divina
 Lucifer treme no seu Céos profundo:

Lava-me as nódoas do Peccado immundo,
 Que as almas cega, as almas contamina;
 O Rosto para mim, piedoso, inclina
 Do Eterno Imperio teu, do Ceo rotundo:

Estende o Braço, a lagrimas propicio,
 Solta-me os ferros, em que chofo, e gemo
 Na extremidade já do precipicio;

De mim proprio me livra, ó Deos Supremo,
 Porque o meu Coração, propenso ao Vicio,
 He, Senhor, o Contrario, que mais temo.

SO-

S O N E T O LVIII.

A Eva Gertruria minha, a quem saudoso
 Mando tremulos ais enternecidos,
 Gertruria, que encantaste os meus Sentidos
 C'hum meigo riso, c'hum olhar piedoso:

Amor, o injusto Amor, Numen doloso,
 Insensivel peneo a meus gemidos,
 Me exhala sobre os tímidos ouvidos,
 Estas vozes cruéis em tom raivoso:

*Tu, que já desfrutaste os meus favores,
 Tu, que na face de Gertruria bella
 Nectar bebeste, mitigaste ardores,*

*Não tornarás, não tornarás a vèlla:
 Lamenta, desgraçado, os teus amores,
 Accusa, desgraçado, a tua estrella.*

SONETO LIX.

DA triste, bella Ignez inda, os clamores
Andas, Eco chorosa, repetindo,
Inda aos piedosos Ceos andas pedindo
Justiça contra os impios Matadores :

Ouvem-se inda na Fonte dos Amores
De quando em quando as Naiades carpindo,
E o Mondego, no Caso reflectindo,
Rompe, irado, a barreira, alaga as flores :

Inda altos Hymnos o Universo entôa
A Pedro, que da morta Formosura
Comvosco, Amores, ao Sepulcro vôa,

Milagre da Belleza, e da Ternura!
Abre, desce, olha, geme, abraça, e crôa
A malfadada Ignez na Sepultura.

SO-

S O N E T O LX.

Não sinto me arrojasse o duro Fado
Nesta abobada feia, horrenda, escura,
Nesta dos Vivos negra Sepultura,
Onde a luz nunca entrou do Sol doirado:

Não me consterna o ver-me traspassado
Com mil golpes cruéis da Desventura,
Porque bem sei, que a fragil Creatura
Raramente he feliz no Mundo errado:

Não choro a Liberdade, que enleada
Tenho em ferreas prizões, e a paz ditosa,
Que vòou da minha alma attribulada:

Só sinto, que Marilia rigorosa,
Entre os braços de Aonio reclinada,
Zombe da minha Sorte lastimosa.

SO-

SONETO LXI.

MEia noite seria; eu, passeando,
 No meu Palmár chorava o meu Destino,
 Eis-que ao som de hum gemido repentino
 Olho, e vejo huma Sombra no ar gyrando:

Quem és, Guirá? (1) (pergunto-lhe, arquejando)
 Quem és, quem és, ó Lémure malino?
Sou o Espirito (diz) de Saladino, (2)
De quem já lêste o Caso miserando.

De Grisalda as traições inda lamento
Da solitaria Noite entre os horrôres,
E os olhos, Mortal cêgo, abrir-te intento.

Não soltes por Natércia mais clamores,
Sepulta a Desleal no esquecimento:
Olha o tragico fim de meus amôres.

SO-

(1) Guirá, Alma, Sombra, segundo a crença dos Gentios da India.

(2) Para intelligencia disto, veja-se a historia de Saladino na Lusitania Transformada de Fernão Alvaes do Oriente.

S O N E T O LXII.

MEu frágil Coração, para que adoras,
Para que adoras, se não tens ventura,
Se huns olhos, de quem ardes na luz pura,
Folgando estão das lágrimas, que choras?

Os dias vês fugir, vôr as horas,
Sem achar nelles a menor ternura,
E inda a louca Esperança te figura
O premio dos martyrios, que devoras!

Desfaze as trévas de hum funesto engano,
Que não has de vencer a inimidade
De hum genio contra ti sempre tyranno:

A Justa, a Sacro-santa Divindade
Não força, não violenta o peito humano,
E queres constranger lhe a liberdade?

SO.

SONETO LXIII.

Sonhei, que nos meus braços inclinado
Teu rosto encantador, Gértruria, via,
Que mil ávidos beijos me soffria
Teu níveo cóllo, para os mais sagrado:

Sonhei, que era feliz por ser ousado,
Que o siso, a força, a voz, a côr perdia
N'um extasis suave, em que bebia
O nectar nem por Jove inda libado:

Mas no mais doce, no melhor momento
Exhalando hum suspiro de ternura,
Acórdo, acho-te só no pensamento.

O' Destino cruel! O' Sorte escura!
Que nem me dure hum vão contentamento,
Que nem me dure em sonhos a Ventura!

SO.

S O N E T O LXIV.

EU me ausento de ti, meu patrio Sado,
Mansa corrente, deleitosa, amena,
Em cuja praia o nome de Filena
Mil vezes tenho escrito, e mil beijado:

Nunca mais me verás entre o meu gado
Soprando a namorada, e branda avena,
A cujo som descias mais serena,
Mais vagarosa para o Mar salgado.

Devo, em fim, manejar por lei da Sorte
Cajados não, mortiferos alfanges
Nos Campos do colérico Mavorte;

E talvez entre impavidas Falanges
Testemunhas farei da minha morte
Remotas margens, que humedece o Ganges.

SO-

SONETO LXV.

OS garços Olhos, em que Amor brincava ;
Os rubros labios, em que Amor se ria,
As longas tranças, de que Amor pendia,
As lindas faces, onde Amor brilhava :

As melindrosas mãos, que Amor beijava,
Os niveos braços, onde Amor dormia,
Forão dados, Armania, á terra fria
Pelo fatal Poder, que a tudo aggrava :

Seguiu-te Amor ao tácito Jazigo
Entre as Irmãs, cobertas de amargura,
E eu que faço (ai de mim !) como os não sigo ?

Que ha no Mundo que ver, se a Formosura,
Se Amor, se as Graças, se o Prazer contigo
Jazem no eterno horror da Sepultura ?

S O N E T O LXVI.

Não disfarces, Marília, por Josino
 Já nos teus olhos a paixão flammeja;
 E em que parte estará, que se não veja
 O tenro Deos, o aligero Menino?

Inda que ostentes de animo ferino,
 Ha quem teu níveo peito abraça, e reja;
 Porém, Marília, dize-me qual seja
 A causa justa de hum amor tão fino?

Nesse, que as esquivanças te suavisa,
 Encontra huma férvida ternura,
 Hum coração brioso, huma alma liça?

Seus meritos quaes são...? Mas, ó Loucura!
 Quem he feliz, que meritos precisa?
 Que dons ha de mister quem tem ventura?

SO-

S O N E T O L X V I I .

U Rselina gentil, benigna, e pura ;
 Eis nas azas sutis de hum ai cansado
 A ti meu Coração vòã , alagadò
 Em torrentes de sangue , e de ternura :

Põe-lhe os olhos ; meu bem , vê com brandura
 Seu miseravel , doloroso estado ,
 Que , nas garras da Morte já cravado ,
 A fé , que tè jurava , inda tè jura :

Põe-lhe os olhos , meu bem , suavemente ,
 Põe-lhe os mimosos dedos na ferida ,
 Palpa de Amor a Victima innocente ;

E pôr milagre delles , ó querida ,
 Verás cerrar-se o golpe , e de repente
 Em ondas de prazer tornar-lhe a vida

S O N E T O LXVIII.

SE te adornas de sá Filosofia ,
 E pio Coração , porque o desmentes ,
 Mantendo contra as lindas Innocentes
 Perante a seria Mãi , tenaz porfia ?

Se hum Character ingenuo desafia
 Tua voz a dizer tudo o que sentes ,
 Considera , tambem , que tens presentes
 A Virtude , a Belleza , a Fidalguia.

Despindo a magistral severidade ,
 Confessa , que de huns olhos a brandura
 He Carta de favor , que persuade :

Sê digno Preceptor , mas com doçura :
 Mil desculpas merece a tenra Idade ,
 E mil adorações a Formosura.

SO-

SONETO LXIX.

EM veneno letífero nadando,
No roto peito o Coração me arqueja,
E ante meus olhos, hórrido, negreja
De mortaes Afflicções espesso Bando.

Por ti, Marilia, atdendo, e delirando
Entre as garras asperrimas da Inveja,
Amaldiçôo Amor, que ri, e adeja
Pelos ares, c'os Zéfyrós brincando:

Recrêa-se o Traidor com meus clamores,
E meu cioso pranto . . . O' Jove, ó Nume,
Que vibras os coriscos vingadores!

Abafa as ondas do Tartareo lume,
Que para os que provocáo teus furores
Tens Inferno peor, tens o Ciume.

SO-

S O N E T O L X X .

O Filho do Grão Rei, que a Monarquia,
 Tem lá nos Ceos, e que de si procede,
 Hoje, mudo, e submisso, á furia cede
 Do Povo, que foi seu, que á Morte o guia :

De trévas, de pavor se veste o dia,
 Inchado o Mar, o seu limite excede,
 Convulsa a Terra, por mil bocas pede
 Vingança de tão nova tyrannia.

Sacrilego Mortal, que espanto ordenas,
 Que ignoto horror, que lúgubre Apparato!
 Tu julgas teu Juiz! Teu Deos condenas!

Ah! Castigai, Senhor, o Mundo ingrato,
 Caião-lhe as maldições, chováo-lhe as penas:
 Tambem eu morra, que tambem vos mato.

SO-

SONETO LXXI.

Musa chorosa, que por Terra estranha,
 Tão longe de teu patrio Ninho amado,
 Andas errante, suspirando ao lado
 Da saudade fiel, que te acompanha,

Do chão, onde a lançaste, a Lyra apanha,
 E seja em brando som por ti cantado.
 Hum peito, de virtudes adornado,
 A piedosa, a magnanima Saldanha:

Louva os dons daquella Alma excelsa, e pura,
 Que as tuas gastará mágoas penosas,
 Como a Aurora desfaz a Noite escura;

Depois ás lindas Filhas melindrosas,
 Rivaes da Mãe de Amor na formosura,
 Téce capellas, e festões de rosas.

SO-

*Offerecido em Macáo á Excellentissima Senhora D.
 Maria de Saldanha Noronha e Menezes, e suas Filhas.*

S O N E T O LXXII.

SE considero o triste abatimento,
Em que me faz jazer minha desgraça;
A Desesperação me despedaça
No mesmo instante o fragil soffrimento;

Mas subito me diz o pensamento,
Para applacar-me a dor, que me traspassa,
Que Esse, que trouxe ao Mundo a Lei da Graça,
Teve n'um vil Presepe o Nascimento:

Vejo na palha o Redemptor chorando,
Ao lado a Mãe, prostrados os Pastores,
A milagrosa Estrella os Reis guiando:

Vejo-o morrer depois, ó Peccadores,
Por nós, e fecho os olhos, adorandu
Os castigos do Ceo como favores.

SO-

S O N E T O LXXIII.

N Os campos o Villão sem sustos passa,
Inquieto na Corte o Nobre mora:
O que he ser infeliz aquelle ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça:

Aquelle canta, e ri, não se embarça
Com essas cousas vãs, que o Mundo adora;
Este (ó céga ambição!) mil vezes chora,
Porque não acha Bem, que o satisfaça:

Aquelle dorme em paz, no chão deitado,
Este no ebúrneo leito precioso,
Nutre, exaspéra velador cuidado.

Triste! Sahe do Palacio magestoso:
Se has de ser Cortezão, mas desgraçado,
Antes ser Camponez, e Venturoso.

SO-

S O N E T O LXXIV.

DO Mandovi (1) na margem reclinado
 Chorei debalde minha negra Sina,
 Qual o misero Vate de Corina,
 Nas Tomitanas praias desterrado:

Mais duro fez alli meu duro Fado
 Da vil Calumnia a lingua viperina,
 Até que aos Mares da longinqua China
 Fui por bravos Tufões arremessado:

Atassalhou-me a Serpe, que devora (2)
 Tantos mil, perseguio-me o grão Gigante,
 Que no terrivel Promontorio mora:

Por barbaros Certões gemi, vagante:
 Falta-me inda o peor, falta-me agora
 Ver Gertruria nos braços de outro Amante.

SO-

(1) Rio de Goa. (2) Allude-se a huma especie de peregrinação do Author por terras barbaras, em que suppozou os horrores da penuria.

SONETO LXXV.

DO Arbusto, ó Nise., a Venus consagrado;
 Envisquei hoje hum tremulo raminho;
 Pousou nelle este incauto passarinho,
 E pelos tenros pés ficou pegado:

Então, depois de o ter na mão fechado,
 Corri, dizendo alegre: eu adivinho,
 Que ha de Nise estimar, que o meu carinho
 Lhe dedique este Musico do Prado.

Disse, e no mesmo instante a simples Ave
 Desata a linda voz, e principia
 Hum Canto harmonioso, agudo, e grave.

Ah! Por ser tua, entendo, que dizia
 Que a prisão mais gostosa, e mais suave
 Que a propria liberdade encontraria.

SO-

S O N E T O LXXVI.

P Raias de Sacávem, que Lemnoria
 Orna c'os pés nevados, e mimosos,
 Gotejantes Penedos cavernosos,
 Que do Téjo cobris a margem fria:

De vós me desarreiga a tyrannia
 Dos asperos Destinos poderosos,
 Que não querem, que eu logre os amorosos
 Olhos, aonde jaz minha alegria.

O' funésto, ó penoso Apartamento!
 Objecto encantador de meus sentidos;
 A Sorte o manda: assim, de ti me ausento;

Mas inda lá de longe os meus gemidos
 Guiados por Amor, cortando o vento,
 Virão, Nynfa querida, a teus ouvidos.

SONETO LXXVII.

A Damastor cruel! De teus furores
Quantas vezes me lembro, horrorisado!
O' Monstro! Quantas vezes tens tragado
Do soberbo Oriente os Domadores!

Parece-me, que, entregue a vís Traidores,
Estou vendo Sepulveda affamado
C'o a Esposa, e c'os filhinhos abraçado,
Qual Mavorte com Venus, e os Amores:

Parece-me, que vejo o triste Esposo,
Perdida a tenra Prole, e a bella Dama,
A's garras dos Leões correr furioso.

Bem te vingaste em nós do affeito Gama;
Pelos nossos desastres és famoso:
Maldito Adamastor! Maldita Fama!

SO.

S O N E T O LXXVIII.

O' Retrato da Morte! O' Noite amiga,
 Por cuja escuridão suspiro ha tanto!
 Calada Testemunha de meu pranto,
 De meus desgostos Secretaria antiga!

Pois manda Amor, que a ti sómente os diga,
 Dá-lhes pio agasalho no teu manto,
 Ouve-os, como côstumas, ouve, em quanto
 Dorme a Cruel, que a delirar me obriga:

E vós, ó Cortezãos da Escuridade,
 Fantasmas vagos, Mochos piadores,
 Inimigos, como eu, da Claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores:
 Quero a vossa medonha sociedade,
 Quero faltar meu Coração de horrores.

SO-

SONETO LXXIX.

C Amões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Igual causa nos fez, perdendo o Téjo,
Arrostar c'o sacrilego Gigante:

Como tu, junto ao Ganges susurrante,
Da Penuria cruel no horror me vejo,
Como tu, gostos váos, que em vão desejo,
Tambem carpindo estou, saudoso Amante:

Ludibrio, como tu, da Sorte dura,
Meu fim demando ao Ceo, pela certeza,
De que só terei paz na Sepultura:

Modelo meu tu és, mas... ó tristeza!
Se te imito nos trances da Ventura,
Não te imito nos dons da Natureza.

SO.

S O N E T O LXXX.

Vinde, Prazeres, que por entre as flores
Nos jardins de Cythéra andais brincando,
E vós, despidas Graças, que, dançando,
Trinaiis alegres sons encantadores:

Deosa dos Gostos, Deosa dos Amores,
Ah! Dos Filhinhos teus ajunta o Bando,
E vem nas azas de Favonio brando
Dar força, dar belleza a meus louvores.

Da linda Anarda minha voz aspira
A cantar o natal: tu, por clemencia,
O teu fiel Cultor, Deidade, inspira.

Do Thracio Vate empresta-me a cadencia,
E faze, que mereça a minha Lira
Os candidos sorrisos da Innocencia.

SO-

SONETO LXXXI.

TU, por Deos entre todas escolhida,
 Virgem das Virgens, tu, que do assanhado
 Tartáreo Monstro com teu Pé sagrado
 Esmagaste a cabeça entumecida:

Doce Abrigo, Santissima Guarida
 De quem te busca, em lagrimas banhado;
 Corrente, com que as nódoas do peccado
 Lava humá Alma, que geme, arrependida.

Virgem, de estrellas nítidas croada,
 Do Espirito, do Pai, do Filho eterno
 Mãi, Filha, Esposa, e mais que tudo amada

Valha-me o teu Poder, e Amor materno,
 Guia este cégo, arranca-me da estrada,
 Que vai parar ao tenebroso Inferno.

S O N E T O LXXXII.

C Anta ao som dos grilhões o Prisioneiro,
Ao som da tempestade o Nauta ousado,
Hum, porque espera o fim do cativoiro,
Outro, antevendo o Porto desejado :

Expôsta a vida ao Tigre mosqueado,
Gyra certões o sofrego Mineiro,
Da esperança dos lucros encantado,
Que anima o peito vil, e interesseiro :

Por entre armadas Hostes destemido
Rompe o Sequaz do horrifico Mavorte,
C'o triunfo, c'o a gloria no sentido :

Só eu (tyranno Amor! tyranna Sorte!)
Só eu, por Nise ingrata aborrecido,
Para ter fim meu pranto espero a Morte.

SO-

SONETO LXXXIII.

ENtre as tartáreas fórjas, sempre accezas,
 Jaz aos pés do tremendo, estygio Nume
 O carrancudo, o rábido Ciume,
 Ensanguentadas as corruptias prezás:

Traçando o plano de cruéis emprezas,
 Fervendo em ondas de sulfúreo lume,
 Vibra das fauces o letal cardume
 De hórridos males, de hórridas tristezas.

Pelas terriveis Furias instigado,
 Lá sahe do Inferno, e para mim se avança
 O negro Monstro, d' áspides toucado:

Olhos em braza de revez me lança...
 Oh dor! Oh raiva! Oh morte! Ei-lo a meu lado,
 Ferrando as garras na vipérea trança.

S O N E T O LXXXIV.

Sobre os Contrarios o terror, e a morte
 Dardeje, embora, Achilles denodado,
 Ou no rápido Carro ensanguentado
 Leve árrastos sem vida o Teucro forte:

Embora o bravo Macedonio córté
 Co' a fulminante espada o nó fadado,
 Que eu, de mais nobre estímulo tocado,
 Nem lhe amo a Gloria, nem lhe invejo a Sorte,

Invejo-te, Camões, o nome honroso,
 Da Mente creadora o sacro lume,
 Que exprime as furias de Lião raivoso,

Os ais de Ignez, de Venus o queixume:
 As pragas do Gigante proceloso,
 O Ceo de Amor, o Inferno do Ciume.

SO-

S O N E T O LXXXV.

C Ala a boca, satyrico Poeta,
Não te mettas no rol dos maldizentes,
Não tragas os Mestiços entre dentes,
Restiúe ao carcaz a hervada setta.

Dizes, que he má Nação, que he Casta abjecta,
Fruto de enxertos vis? Irra! Tu mentes;
Vai ver-lhe os seus papeis: são descendentes
Do Solar de Hidalcão por linha recta:

Vem de Heróes, quaes não vio Carthago, ou Roma:
De seus Avós, andantes Cavalleiros,
A chusma de brazões não cabe em soma:

E (se não mentem certos Novelleiros)
A muitos delles concedeo Mafoma
O foro de Fidalgos Escudeiros.

SO-

S O N E T O LXXXVI.

TU, Goa, in illo tempore Cidade,
 Sempre tens Habitantes de bom lote!
 Não receião, que a côr se lhes desbote,
 Privilegio da mixta qualidade:

Nenhum ha, que não conte, e sem vaidade,
 Que seu primeiro Avô brutal Quixote,
 Dera no Padre Adão com hum chicote
 Por lhe haver disputado a antiguidade:

Diz-nos esta Republica de Loucos,
 Que o cofre do Marata he ninharia,
 Que do grão Turco os réditos são poucos;

Mas, em casando as filhas, quem diria,
 Que o dote consistisse em quatro coucos,
 Hum Cafre, dez bajús, e a senhoria!

SO.

SONETO LXXXVII.

TU, maligno Dragão, cruel Arpia,
Monstro dos Monstros, Furia dos Infernos,
Que em vil murmuração, raios eternos
Estragas sem descanso a noite, e o dia:

Tu, que nas horas, em que o môcho pia,
Calumniaste meus suspiros ternos,
Sacode a carga de noventa Invernos
Nas descarnadas mãos da Morte fria:

Cahe de chofre no Bárathro profundo,
Cahe nas entranhas da voraz fornalha,
Deixa em socego o miseravel Mundo;

E entre a maldita, réproba Canalha,
Lá bem longe de nós, lá bem no fundo
Arde, murmura, amaldiçôa, e ralha.

SO-

S O N E T O LXXXVIII.

Quer ver huma perdíz chocar hum rato,
 Quer ensinar a hum burro anatomia,
 Exterminar de Goa a senhoria,
 Ouvir miar hum cão, ladrar hum gato,

Quer ir pescar hum tubarão no mato,
 Namorar nos serralhos de Turquia,
 Escaldar huma perna em agoa fria,
 Ver huma cobra castiçar c'um pato:

Quer ir n'um dia de Surrate a Roma,
 Lograr saude, sem comer dois annos,
 Salvar-se por milagre de Mafoma:

Quer despir a basofia aos Castelhanos,
 Das penas infernaes fazer a soma
 Quem procura amizade em vis Gafanos. (*)

SO-

(*) Nome que os Europeos dão aos chamados Mestiços de Goa.

S O N E T O LXXXIX.

P Ela porta de ferro, onde ululando
O Cão trifauce está perpetuamente,
Entraste, Orfêo, c'o a cithara eloquente
Os Monstros infernaes domesticando:

Penedos com teus sons amontoando,
Lá ergues Thebas, Anfiou cadente:
Pulsa Arion a lyra, e de repente
Vê Delfins, vê Tritões no Mar dançando.

Tu, linguagem do Ceo, tu, melodia,
A tudo encantas, para tudo és forte,
Menos para aplacar a ingrata Armia:

Mais facil te ha de ser, domando a Sorte,
Ir de novo á tartarea Monarquia,
Ver outra vez o carcere da Morte.

SO-

S O N E T O X C.

TU de quantos Dragões o Inferno encerra,
E's o peor; Inveja pestilente;
Morde a Virtude, ao Mérito faz guerra
Teu detestavel, teu maligno dente:

Athenas, por teu mando, iniquamente
O defensor Themistocles desterra;
O grão Pacheco, o raio do Oriente
Por ti, cruel, sem funeraes se enterra.

Lívidas gotas de infernal peçonha
Cuspiste sobre o Nectar, que a Ventura
Por mãos de neve me offreceo, risonha;

E, depois de tragar-me a Parca dura,
Ha de ir ainda a tua voz medonha
Minha cinza affrontar na sepultura.

MO.

M O T E.

Das Almas grandes a nobreza he esta.

G L O S A.

S O N E T O X C I.

SEr Próle de Varões assignalados,
Que nas azas da Fama, e da Victória
Ao Templo forão da immortal Memoria
Pendurar mil troféos ensanguentados:

Ler seus nomes, nas paginas gravados
De alta Epopéa, de elegante Historia,
Não, não vos serve de esplendor, de gloria,
Almas soberbas, Corações inchados.

Ouvir com dor o miseravel grito
De Innocentes, que hum Barbaro molesta,
Prezar o Sabio, consolar o Afflicto,

Prender teus vãos, Ambição funesta,
Ter amor á virtude, odio ao delicto:
Das Almas grandes a nobreza he esta.

MO.

M O T E.

Os roubos , que me fez a má Ventura.

G L O S A.

S O N E T O X C I I .

EU deliro , Gertruria , eu desespero
 No Inferno de suspeitas , e temores ,
 Eu da Morte as angustias , e os horrores
 Por ti mil vezes sem morrer tolero.

Pelo Ceo , por teus olhos te assevero ,
 Que ferve esta alma em candidos amores ;
 Longe o prazer de illicitos favores :
 Quero o teu coração , mais nada quero.

Ah ! Não sejas tambem qual he comigo
 A céga Divindade , a Sorte dura ,
 A vária Deosa , que me nega abrigo :

Tudo perdi ; mas valha-me a ternura ,
 Amor me valha , e pague-me cômigo
Os roubos , que me fez a má Ventura.

MO-

M O T E.

Nada se pôde comparar contigo.

G L O S A.

S O N E T O X C I I I.

O Ledo passarinho, que gorgêa,
D'alma exprimindo a candida ternura,
O rio transparente, que murmura,
E por entre pedrinhas serpentêa:

O Sol, que o Ceo diáfano passêa,
A Lua, que lhe deve a formosura,
O sorriso da Aurora alegre, e pura,
A rosa, que entre os zéfyros ondêa:

A serena, amorosa Primavera,
O doce Author das glorias que consigo,
A Deosa das paixões, e de Cythêra:

Quanto digo, meu bem, quanto não digo,
Tudo em tua presença degenêa,
Nada se pôde comparar contigo.

MO-

M O T E.

Morte, Juizo, Inferno, e Paraíso.

G L O S A.

S O N E T O X C I V.

EM que estado, meu bem, por ti me vejo,
 Em que estado infeliz, penoso, e duro!
 Delido o coração de hum fogo impuro,
 Meus pezados grilhões adoro, e bejo:

Quando te logro mais, mais te desejo,
 Quando te encontro mais, mais te procuro,
 Quando mo juras mais, menos seguro
 Julgo esse doce amor, que adorna o pejo.

Assim passo, assim vivo, assim meus Fados
 Me desarreigão d'alma a paz, e o riso,
 Sendo só meu sustento os meus cuidados;

É, de todo apagada a luz do siso,
 Esquecem-me (ai de mim) por teus agrados
Morte, Juizo, Inferno, e Paraíso.

MO-

M O T E.

Refinado veneno em taça de oiro.

G L O S A.

S O N E T O X C V.

F Olheando os Annaes da Antiguidade,
Lendo nelles, ó Pyramo, o teu Fado,
Vendo o peito de Elisa atravessado
Do ferro, que empunhou cruel Saudade:

Chamado pela voz da Liberdade,
Do Desengano pela mão guiado,
Fui jurar da Razão no Altar sagrado
Rancor eterno á céga Divindade;

Mas o Traidor, que aos mesmos Ceos se atreve,
Notando no meu voto o seu desdoiro,
De fazer-me perjuro astucia teve:

Mostrou-me de mil graças hum thesoiro,
E obrigou-me a beber por mãos de neve
Refinado veneno em taça de oiro.

MO-

M O T E.

Morte , Juizo , Inferno , e Paraiso.

G L O S A.

S O N E T O X C V I.

S Enhor , que estás no Ceo , que vês na Terra
 Meu fragil Coração desfeito em pranto
 Pelas ancias mortaes , o ardor , o encanto ,
 Com que lhe móve Amor terrivel Guerra :

Já que Poder Immenso em ti se encerra :
 Já que aos ingenuos ais attendes tanto ,
 Soccorre-me , entre os Santos Sacro-santo ,
 Criminosas paixões de mim desterra.

Fugir aos laços de hum gentil semblante
 Não posso eu só : da tua Mão preciso ,
 Com que prostrou David o atroz Gigante.

Fira-me a Contrição , torne-me o siso ;
 Acode-me , Senhor , põe-me diante
Morte , Juizo , Inferno , e Paraiso.

MO-

M O T E.

O desmentido Oraculo terrível.

G L O S A.

S O N E T O X C V I I.

I Dosa Fada, que nos Astros lia,
Mil males me agoirou com turvo aspecto,
Mil males me agoirou, mas, indiscreto,
Tratei de falsa a negra Profecia:

Depois daquelle brusco, infausto dia
Sempre, velando as noites inquieto,
Crasnar sinistro Coryo sobre o teto,
Piar afflicto Mocho á porta ouvia:

Vi de hum Loureiro o tronco fulminado,
Vi de hum Cometa o resplendor terrível,
Vi feias Sombras voltejar-me ao lado;

E vejo-te nas mãos da Morte horrível
O' minha Filis: eis verificado
O desmentido Oraculo terrível.

M O T E.

A Morte para os Tristes he ventura.

G L O S A.

S O N E T O XCVIII.

Quem se vê maltratado, e combatido
 Pelas cruéis angustias da Indigencia,
 Quem soffre de Inimigos a violencia,
 Quem geme de Tyrannos opprimido:

Quem não póde, ultrajado, e perseguido,
 Achar nos Ceos, ou nos Mortaes clemencia,
 Quem chora, finalmente, a dura ausencia
 De hum Bem, que para sempre está perdido,

Folgará de viver, quando não passa
 Nem hum momento em paz, quando a Amargura
 O coração lhe arranca, e despedaça!

Ah! Só deve agradar-lhe a Sepultura;
 Que a Vida para os Tristes he desgraça,
A Morte para os Tristes he ventura.

MO-

SONETO XCIX.

T Riste quem ama, cego quem se fia
Da feminina voz na vaa promessa!
Aspira a vella estavel! Mais depressa
O Facho apagará, que espalha o dia.

Alada Exhalação, que na sombria,
Tácita Noitè os ares atravessa,
Foi comigo a paixão voluvel dessa,
Que o peito me affagava, e me feria.

Dó Desenganó o bálamo lhe applico,
E a teus laços, Amor, sem medo exponho
Dos benéficos Ceos o dom mais rico.

Vejo mil Circes plácido; risoiho;
E se fé me promettem, ouço, e fico
Como quem despertou de acrio sonho.

S O N E T O C.

A Deja, Coração, vai ter aos Lares,
Ditosos Lares, que Gertruria piza,
Olha, se inda te guarda a fé mais lisa,
Vê, se inda tem pesar dos teus pesares.

No fulgor de seus olhos singulares,
Crestando as azas, tua dor suavisa,
Amor de lá te chama, te divisa,
Interpostos em vão tão longos Mares:

Dize-lhe, que do Tempo o leve gyro
Não faz abalo em ti, não faz mudança,
Que ainda lhe és fiel neste retiro;

Sim, pinta-lhe immortal minha lembrança,
Dá-lhe teus ais, e pede-lhe hum suspiro,
Que alente, Coração, tua esperança.

SO-

SONETO CL.



AH! Que fazes, Elmano! Ah! Não te ausentes
 Dos braços de Gertruria carinhosa:
 Trocas do Tejo a margem deleitosa
 Por barbaro Paiz, barbaras Gentes!

Hum Tigre te gerou, se dó não sentes,
 Vendo tão consternada, e rão saudosa
 A Tágide mais linda, e mais mimosa:
 Ah! Que fazes, Elmano! Ah! Não te ausentes.

Teme os duros cachópos, treme, insano,
 Do enorme Adamastor, que sempre véla
 Entre as Furias, e os Monstros do Oceano.

Olha nos labios de Gertruria bella
 Como suspira Amor, vê, vê, Tyranno,
 As Graças a chorar nos olhos della.



SO-

S O N E T O C I I .

EM bando espesso, em número infinito
 Defende a Ponte o barbaro Malaio,
 Eis-que, entre horrores, Emulo do Raio,
 Albuquerque immortal yôa ao conflicto.

Assim que assoma o claro Chefe invicto,
 Terror da Prole do fetoz Sabaio,
 Gela os Netos de Agar frio desmaio,
 Os Lusos soltão da victoria o grito.

Victimas são do Portuguez Mavorte
 Inda aquelles, que mal na fuga alcança:
 Leva no ferro transmigrada a Morte;

Mas já sobre Troféos o Heroe descança,
 Havendo por seu Braço illustre, e forte
 A Patria, a Natureza, os Ceos vingança.

SO.

Ao grande Affonso de Albuquerque, que tomou Malaca, em vingança da perfidia, que o Rei do Paiz usára com os Portuguezes.

SONETO CIII.

Busquei n'um Ermo Algânia Feiticeira,
 Que de abrazado feixe a par jazia;
 Fui ver se atro conjuro me extorquia
 Do laço antigo esta alma prisioneira.

Expuz-lhe minha fé, minha cegueira,
 Tracei meus males, e a rugosa Estria (1)
 Cedendo ás ternas mágoas, que me ouvia,
 Cuspio tres vezes na voraz fogueira.

Trémulas preces murmurou, e eu mudo;
 Eis-que as melenas em sinal de espanto
 Erriça com semblante carrancudo.

*Meu rito he vão (me diz) e he vão teu pranto :
 O poderoso Amor zomba de tudo ,
 Não vence encanto algum de Amor o encanto.*

SO-

(1) Póde entender-se por Feiticeira, conforme Sá de Mirand. Eglog. 4 Vers. 26.

S O N E T O C I V .

I mportuna Razão, não me persigas ;
 Cesse a rispida, voz, que em vão murmura ;
 Se a lei de Amor, se a força da Ternura
 Nem domas, nem contrastas, nem mitigas :

Se accusas os Mortaes, e os não obrigas,
 Se conhecendo o mal não dás a cura,
 Deixa-me apreciar minha loucura,
 Importuna Razão, não me persigas.

He teu fim, teu projecto encher de pejo
 Esta alma, fragil Vicima daquella,
 Que, injusta, e varia, n'outros laços vejo :

Queres, que fuja de Marilia bella,
 Que a maldiga, a desdenhe, e o meu desejo
 He carpir, delirar, morrer por ella.

SO-

SONETO CV.

O H trévas, que enlutais a Natureza,
Longos Ciprestes desta Selva annosa,
Môchos de voz sinistra, e lamentosa,
Que dissolveis dos Fados a incerteza:

Manes, surgidos da Morada acceza,
Onde de horror sem fim Plutão se goza,
Não aterrais esta alma dolorosa,
Que he mais triste que vós minha tristeza.

Perdi o galardão da fé mais pura,
Esperanças frustrei do amor mais terno,
A posse de ceeste Formosura.

Volvei, pois, Sombras vâas, ao Fogo eterno,
E, lamentando a minha desventura,
Movereis a piedade o mesmo Inferno.

S O N E T O C V I.

NO Carro de marfim sentada a Lua,
 Da antiga Mãi das sombras triunfava,
 Quando a furtivos gostos me guiava
 Amor, a quem me entrega a Sorte crua.

*Hoje (me disse o Nume) ha de ser tua
 A Nynfa mais gentil , que o Tejo lava :
 Não derão tanta gloria á minha aljava
 Nem Venus a carpir , nem Thetis nua.*

*Alli dorme o teu bem , vê que momento ! . . .
 Olho , corro , anhelante , aos pés lhe caio ,
 Mas , tentando abraçalla , abraço o Vento.*

Meu peito arqueja em súbito desmaio ,
 Eis-que sôa esta voz de hórrido accento :
Profano ! Expia o crime , e teme o raio.

SO-

SONETO CVII.

I Nda em meu fragil coração fuméga
A cinza desse fogo , em que elle ardia :
A memoria da tua aleivosia
Meu socego inda aqui desassocega.

A vil traição , que as almas nos despega ,
Não tem cabal poder na sympathia :
Gasta o Mar importuno a rôcha fria
Melhor que o Desengano a paixão cega.

Bem como o flavo Sol , que a Terra abraça
Por mais que o veja densamente opposto ,
Attrahido vapor fere , e repassa :

Tal , para misturar gosto , e desgosto ,
Na sombra de teus crimes brilha a graça ,
Com que o prodigo Ceo creou teu rosto.

SO-

S O N E T O CVIII.

JA' o Inverno, espremendo as cãs nevosas,
Geme, de horrendas nuvens carregado,
Luz o aério Fuzil, e o Mar inchado
Investe ao Poio em serras escumosas.

Oh benignas manhás! Tardes saudosas,
Em que folga o Pastor, medrando o Gado,
Em que brincão no hervoso, e fertil Prado
Nynfas, e Amores, Zéfyros, e Rosas!

Voltaí, retrocedei, formosos Dias,
Ou antes vem, vem tu, doce Belleza,
Que n'outros Campos mil prazeres crias;

E ao ver-te sentirá minha alma acceza
Os perfumes, o encanto, as alegrias
Da Estação, que remoça a Natureza.

SO-

SONETO CIX.

MImosa, linda Anarda, attende, attende
A's doces mágoas do rendido Elmano;
C'um meigo riso, c'um suave engano
Consola o triste amor, que não te offende.

De teus cabellos ondeados pende
Meu coração, fiel para seu dano,
C'o a luz dos olhos teus Cupido ufano
Sustenta o puro fogo, em que me accende.

Causa gentil das lagrimas, que choro,
A tudo te antepõe minha ternura,
E quanto adoro o Ceo, teu rosto adoro.

O golpe, que me déste, amima, e cura...
Mas ai! Que em vão suspiro, em vão te imploro:
Não pertence a piedade á formosura.

SO.

S O N E T O C X.

MEus olhos, attentai no meu jazigo,
Que o momento da Morte está chegado,
Lá sôa o Corvo, interprete do Fado:
Bem o entendo, bem sei, falla comigo.

Triunfa, Amor, gloria-te, inimigo,
E tu, que vês com dor meu duro estado,
Voive á Terra o cadaver macerado,
O despôjo mortal do triste Amigo.

Na campá, que o cõbrir, piedôsô Albano,
Ministra aos Cõtãções, que Amor flagella,
Terror, piedade, aviso, e desengano.

Abre em meu nome este Epitafio nella:
Eu fui, ternos Mortaes, o terno Elmano;
Morri de ingratições, matou-me Isbela.

SO

SONETO CXI.

JA' no calado Monumento escuro
Em cinzas se desfaz teu corpo brando ;
E pude eu ver , oh Nise , o doce , o puro
Lume dos olhos teus ir-se apagando !

Hórridas Brenhas , Solidões procuro ,
Grutas sem luz frenetico demando ,
Onde maldigo o Fado acerbo , e duro ,
Teu riso , teus affagos suspirando.

Darei da minha dor contínua prova ,
Em sombras cevarei minha saudade ,
Insaciavel sempre , e sempre nova ;

Té que torne a gozar da Claridade ,
Da Luz , que me inflamou , que se renova
No Seio da brilhante Eternidade.

S O N E T O CXII.

O Leno, meia noite está cahindo :
Accende a véla azul, queima as verbenas,
Torra os ossos de Ráa, chamusca as pennas
Da esquerda Gralha, que apanhei dormindo.

C'o pé, c'o a vara o ar, e o chão ferindo
Em quanto o filtro portentoso ordenas,
Eu irei, e a meu brado, ouvido apenas,
Virão do Inferno as Górgonas surgindo :

Eia, avante o prestigio, não cessemos
Da irresistivel, magica porfia
Contra quem vê sem dó nossos extremos ;

Que, se hoje o fel tragamos da agonia,
A'manhã doce nectar libaremos,
Tu nos braços de Nise, eu nos de Armia.

SO-

S O N E T O CXIII

Bláfema Rumeção, jura vingança
Aos Manes infernaes, ao Pai maldito,
E contra Dio em pertinaz conflicto
As industrias esgota, as forças cança.

Munido de magnanima Esperança
O portentoso Chefe, o Luso invicto,
Dos veneraveis Muros infinito,
E barbaro Trepel mil vezes lança.

Feminina Caterva as armas mede:
Encurtando ás do Rhódope a memoria,
Sobre hostil Multidão raios despede;

E quando, finalmente, a Lysia Gloria
Vê o extremo fatal, e inda não cede,
Eis-Castro, eis a Virtude, eis a Victoria!

S O N E T O C X I V .

V Ai-te, fera cruel, vai-te, inimiga,
 Horror do Mundo, escandalo da Gente,
 Que hum férreo peito, huma alma, que não sente,
 Não merece a paixão, que me affadiga.

O Ceo te falte, a Terra te persiga,
 Negras Furias o Inferno te apresente,
 E da baça Tristeza o voraz dente
 Morda o vil coração, que Amor não liga.

Disfarçados, mortiferos venenos
 Entre licor suave em aurea taça
 Mão vingativa te prepare ao menos;

E seja, seja tal tua desgraça,
 Que ainda, por mais leves, mais pequenos;
 Os meus tormentos invejar te faça.

SO-

Feito de repente.

SONETO CXV.

L Usos Heróes, Cadaveres sédiços,
 Erguei-vos d'entre o pó; Sombras honradas;
 Surgi, vinde exercer as mãos mirradas
 Nestes vis; nestes Cães, nestes Mestiços.

Vinde salvar destes Pardaes castiços
 As searas de arrôz, por vós ganhadas,
 Mas ah! Poupai-lhe as filhas delicadas,
 Que ellas culpa não tem, tem mil feitiços.

De pavor ante vós no chão se deite
 Tanto fusco Raja, (1) tanto Nababo, (2)
 E as vossas ordens tremulo respeite.

Vão para as Várzeas, leve-os o Diabo,
 Andem como os Avós, sem mais enfeite
 Que o langotim, (3) diametro do rabo.

H ii

MO-

(1) Dignidade sublime no Indostan.

(2) Outra dignidade na India.

(3) Unico panno, que cobre huma pequena parte dos Cafres, e Canariis.

M O T E.

O livro annoso do fatal Destino.

G L O S A.

S O N E T O CXVI.

DO Velho Ertilio, Mágico afamado,
 Meus passos dirigi ao Antro escuro,
 Bradei-lhe: oh Semideos, que em teu conjuro
 Tens dom, que força o Bárathro inflammado!

Se hei de ser com Tirsáia desgraçado
 Me dize, pois que, lendo no Eíther puro,
 Alças o véo do turbido Futuro,
 Sópras a névca, que rodêa o Fado.

Eis n'isto o Mago vezes tres menêa
 'A veneravel fronte, e em tom Divino
 Desta arte as esperanças me cercêa:

Pesquisar o vindoiro he desatino;
 Rogas-me em vão: só Jupiter folhêa
O livro annoso do fatal Destino.

S O N E T O CXVII.

EUrindo, caro ás Musas, e aos Amores;
 Das Tágides louças Cantor mimoso,
 Não danes o almo vérso deleitoso,
 Não sõe o lasso Elmano em teus louvores.

Exprime de Héro as lagrimas, as dores,
 Do Audaz de Abydo o transito affanoso,
 E em fôfos Escarcéos Neptuno iroso
 Mugindo, suffocando-lhe os clamores:

Pinta os males de Amor, de Ignez os Fados,⁽¹⁾
 Canta as glórias de Amor, canta de Alzira
 Os olhos, as madeixas, e os agrados,

Em vez de aviventar c'o a mága Lyra
 Musa infeliz, que em ancias, em cuidados,
 Em soluços, em ais archeja, expira.

SO-

*Ao Doutor José Thomaz Quintanilha, descrevendo
 na excellente glosa de huma quadra o desastre de Le-
 andro, e Héro.*

(1) Allude-se a hum bom Soneto do mesmo a D.
 Ignez de Castro.

S O N E T O C X V I I I .

Não temas, oh Ritália, que o choroso,
O desvelado Elmano a fé quebrante,
Não desconfies do singelo Amante,
Que tu podes, tu só fazer ditoso:

Serena o coração téрно, e cioso,
Que inda minha alma te há de ser constante;
Se, primeiro que a tua, andar errante
Pelas margens do Lethes preguiçoso.

Naquelle, ao Sol inaccessible Parte,
Dos Manes taciturnos entre o Bando,
Ao negro Esquecimento hei de furtar-te;

E o Pensamento aligero, voando
Por abafados ares, visitar-te
Dalli virá, meu bem, de quando em quando.

SO-

SONETO CXIX.

DE radiósas Virtudes escoltada,
 Dêste immaturo Adeos ao Mundo triste;
 C'o a Mente no álmo Pólo, aonde existe
 Bem, que sempre se goza, e nunca enfada.

A' fouce, a segar vidas destinada,
 Mansissima Cordeira, o collo uniste:
 O que he do Ceo ao Ceo restituiste,
 Restituiste ao Nada o que he do Nada.

E inda gemo, inda choro, Alma querida,
 Teu Fado amigo, tua Dita immensa,
 Que em vez do pranto o júbilo convida!

Ah! Pio acordo min'ha mágea vença;
 He cativoiro para o Justo a Vida:
 A Morre para o Justo he recompensa.

SO-

A huma Irmã do Author, morta na flor da idade.

S O N E T O C X X .

O H Deosa , que proteges dos Amantes
O destro furto , o crime deleitoso ,
Abafa com teu manto pavoroso
Os importunos Astros vigilantes.

Quando adoçar meus labios anhelantes
No seio de Ritalia melindroso ,
Estorva , que os máos olhos do Invejoso
Turbem de Amor os sôfregos instantes.

Thetis formosa , tal encanto inspire
Ao namorado Sol teu niveo rosto ,
Que nunca de teus braços se retire ;

Tarde ao menos o Carro , á Noite opposto ,
Até que eu desfaleça , até que expire
Nas ternas ancias , no ineffavel gosto.

SQ-

S O N E T O CXXI.

A Quella, que na Esfera luminosa
 Precedendo a manhã, qual Astro brilha;
 Mãi dos Amores, das espumas Filha,
 Que o Mar na concha azul passêa airosa,

Apenas vio sorrir Nise formôsa,
 A quem dos Corações o Deos se humilha,
 Do Cinto desatando a aurea prezilha,
 No regaço lho pôz, leda, e mimosa.

*Não te he, (lhe diz) bem sei, não te he preciso:
 Para attrahir vontades á ternura
 Basta-te hum gésto, basta-te hum sorriso;*

*Mas deves possuillo, oh Nynfa pura,
 Como troféo, que dê ao Mundo aviso
 De que Venus te cede em formosura.*

SO-

S O N E T O CXXII.

Sonhei, que a mim correndo o Gnidio Nume
 Vinha c'o a Morte, c'o Ciume ao lado,
 E me bradava: escolhe, desgraçado,
Queres a Morte, ou queres o Ciume?

*Não he peor daquella fouce o gume,
 Que a ponta dos farpões, que tens provado;
 Mas o Monstro voraz, por mim criado,
 Quanto horror ha no Inferno em si resume.*

Disse, e eu dando hũ suspiro: *ah! Não me espantes
 C'o a vista dessa Furia, Amor! Clemencia:
 Antes mil Mortes, mil Infernos antes.*

Nisto acordei com dor, com impaciencia,
 E, não vos encontrando, olhos brilhantes,
 Vi, que era a minha morte a vossa ausencia.

SONETO CXXIII.

C Ara de Réo com fumos de Juiz,
 Figura de Presépe, ou de Entremez,
 Mal haja quem te soffre, e quem te fez;
 Já que mordeste as decimas, que fiz.

Hei de pôr-te na tésta hum = t = com giz;
 Por mais, e mais pinótes, que tu dês,
 E depois com dois murros, ou com tres
 Acabrunhar-te os queixos, e o nariz.

Quem da cachola vá te inflamma o gaz,
 E a abocanhares syllabas te induz,
 Oh dos Brutos, e Alarves Capataz?

Nem sabes o = abc = pobre lapuz,
 E pasmo de que, sendo hum Satanaz,
 Com tinta faças o sinal da Cruz.

SO-

Improvisado a certo Heróe de meio character, que não sabendo nem escrever o seu nome, dizia, que os versos do Author erão errados.

S O N E T O CXXIV.

O H Ceos ! Que sinto n'alma ! Que tormento !
 Que repentino frenesi me ancêa !
 Que veneno , a ferver de vêa em vêa ,
 Me gasta a vida , me desfaz o alento !

Tal era , doce amada , o meu lamento ,
 Eis-que esse Deos , que em prantos se recrea ,
 Me diz : *a que se expõe quem não recêa*
Contemprar Urselina hum só momento !

Insano ! Eu bem te vi d'entre a luz pura
De seus olhos travéffos , c'um tiro
Puni tua sacrilega loucura.

De morte , por piedade , hoje te firo :
Vai , pois , vai merecer na sepultura
A' tua linda Ingrata algum suspiro .

SO.

SONETO CXXV.

DA minha ingrata Flérida gentil
Os verdes olhos esmeraldas são ;
He de candida prata a lisa mão ,
Onde eu de hum bejo passaria a mil ;

A trança , cor do Sol , rede sutil ,
Em que se foi prender meu coração ;
He d'oiro , o Pay da tumida Ambição ,
Prole fatal do calido Brasil ;

Seu peito delicado , e tentador
He porção de alabastro , a quem jámais
Penetrarão farpões do Deos traidor ;

Mas como ha de a Tyranna ouvir meus ais ;
Como ha de esta cruel sentir amor ,
Se he composta de pedras , e metais !

SO-

Improvisado.

S O N E T O CXXVI.

D As Terras a peor tu és, oh Goa ;
 Tu pareces mais Ermo, que Cidade,
 Mas alójas em ti maior vaidade,
 Que Londres, que París, ou que Lisboa.

A chustria de teus Incolas pregôa,
 Que excede o grão Senhor na qualidade,
 Tudo quer senhoria: o proprio Frade
 Allega, para têila, o jus da Cíoa.

De timbres prenhe estás, mas oiro, e prata
 Em cruces, com que d'antes te benzias,
 Foge a teus Infanções (1) de bolsa chata.

Oh que feliz, e esplendida serías,
 Se algum fusco Merlim, que faz bagata, (2)
 Te alborcasse a pardãos (3) as Senhorias!

SO-

(1) Título honorifico da antiga Hespanha.

(2) Feitiços, ou petas, attribuidas aos Gentios da India.

(3) Dinheiro, cujo valor he de quasi 200 réis.

S O N E T O CXXVII.

EU vim croar em ti minhas desgraças,
 Bem como Ovidio misero entre os Gétas,
 Terra sem Lei, Madrasta de Poetas,
 Estuporada Mãi de Gentes baças.

Tens filhos, antes Cães de muitas raças,
 Que não mordem com dentes, mas com tretas;
 E que impingir-nos vem, como a pateras,
 Gatos por lebiús, ostras por vidraças. (1)

Tens varias casas, armazens de ratos,
 Tens febres, mordachins (2) em demasia,
 De que escapamos a poder de tratos;

Mas a tua peor epidemia,
 O mal, que em todos dá, que produz flatos;
 He a vá, negregada Senhoria.

SO-

(1) Na Índia usa-se de ostras nas janellas em vez de vidros.

(2) Indigestão, que se cura, apertando muito o corpo com huma precinta.

S O N E T O CXXVIII.

T Ragado o peito de crueis pesares,
 Em doloroso, e rabido transporte,
 Contra Amor, de quem pende a minha Sorte,
 Voavão meus queixumes a milhares.

Eis-que desde os azuis, serenos ares
 Me grita o Deos: *tua alma se conforte,*
Que nem sempre o Furor, o Estrago, a Morie
Ministros hão de ser dos meus Altares.

Aquella paz, aquelle gosto, aquella
Ventura, que até-gora te hei negado;
Guardei nos olhos de Ritalia bella.

Disse, e limpando o rosto amargurado,
 Corro da Nynfa aos pés, encontro nella
 Quanto Amor póde dar, e o Ceo, e o Fado:

SONETO CXXIX.

D Esprega as azas, tímida Esperança,
Minha consolação, não desanimes,
Adeja, vóá: os cultos não são crimes,
Nem Jove a quem o adora os raios lança:

Com ais de hum coração, que não descansã,
Terno, benigno dó, vai ver se imprimes
Na formosa Urselina, ou se reprimes
Tenue porção de rispida esquivança.

Chorasás preces, tremulô respeito
Exercita com ella, e tu, mimoso,
Candido Amor, que escravo me tens feito,

Para adoçar-lhe o genio desdenhoso
Deixa-lhe os olhos, salta-lhe no peito:
Não perdes nada, e fazes-me ditoso.

M O T E.

Extrabe da Gloria albêa o seu desdoiro.

G L O S A.

S O N E T O CXXX.

E Is da Virtude o Templo rutilante:
Sacerdote ancião, de rubra veste,
Compâssa pelo Cantico Celeste
Meneado Thuribulo fumante.

Do pio aroma, do vapor fragrante
O gyro salutar consome a Peste
Do Vicio, que debalde encara, investe
Turba de Heróes, ás Aras circumstante.

No Solio magestoso a Deosa abrindo
Aos Alumnos fiéis almo thesoiro,
Dobra o preço a seus dons em dar sorrindo;

E á porta, que voltêa em quicios de oiro,
A Inveja, prenhe de áspides, bramindo,
Extrabe da Gloria albêa o seu desdoiro.

SO-

S O N E T O CXXXI.

* * *

JA' com ténue clarão, já quasi escura
A nocturna Diana o Ceo voltêa,
E sobre o Têjo azul, que mal pratêa,
Vai duplicando a trémula figura.

Aura subtil nas Arvores murmura,
No lago adormecido a rá vozêa,
Môcho importuno agoiros mil semêa
D'entre as umbrosas moitas da espessura.

Letargico vapor Morfêo derrama,
Com que insinua hum doce desalento
No livre coração de quem não ama.

Triste de mim! se repousar intento,
Os olhos me abre Amor, Amor me inflamma,
E Analia me persegue o pensamento.

S O N E T O CXXXII.

* * *

MIseranda Innocencia, és nome abstracto
 E's hum titulo vão da Humanidade
 Quando se envolve em sombras a Verdade,
 Quando soffres do Crime o duro trato.

Que importa que eu conserve o peito intacto
 Das peçonhentas fezes da maldade,
 Que em cumprir tuas Leis, oh Probidade,
 Fosse meu coração fiel, e exacto?

Que importa, se a Calumnia mo desmente,
 Se o ser do parecer he tão diverso,
 E em vão se oppõe o intêrno ao apparente?

Opinião, Rainha do Universo,
 Ante o teu Tribunal omnipotente
 Sócrates ímpio foi, e eu sou perverso.

SO-

SONETO CXXXIII

* * *

Nesta do feio opprobrio Estancia fêa,
Que abafas, Mãi das Trevas, com teu manto,
Muda tristeza, carrancudo espanto
O amotinado Espirito me ancêa.

Das sombras abrigada, a fragil têa
Urde Arachne sagaz de canto em canto,
Minha imaginação faz outro tanto,
Mil tristes pensamentos fóрма, enlêa:

Minha imaginação de Algoz me serve,
Forçando-me a que os gostos de algum dia
Submersos deste horror no abysmo observe.

De encontradas visões na fantasia
Baralhado Tropel me cahe, me ferve,
E nesta confusão reluz Armia.

SO-

S O N E T O CXXXIV.

* * *

Quando na rósea nuvem sobe o Dia,
De risos esmaltando a Natureza,
Bem que me aclare as sombras da tristeza,
Hum tempo semsabor me principia:

Quando por entre os véos da Noite fria
A Maquina Celeste observo acceza,
De angústia, de terror a imagens preza,
Começa a devorar-me a fantasia.

Por mais ardentes preces que lhe faço,
Meus ais não ouve o Numen somnolento,
Nem prende a minha dor com ténue laço;

No Inferno se me troca o pensamento.
Céos! Porque heide existir, porque, se passo
Dias de enjôo, e noites de tormento?

SO-

SONETO CXXXV.

* * *

Neste horrivel Sepulcro da Existencia
O triste coração de dor se parte,
A mesquinha Razão se vê sem arte,
Com que dóme a frenética Impaciencia:

Aqui pela Oppressão, pela Violencia
Que em todos os sentidos se reparte,
Transitorio poder quer imitar-te,
Eterna, vingadora Omnipotencia:

Aqui onde o que o peito abrange, e sente
Na mais ampla expressão acha estreiteza,
Negra idéa do Abysmo assombra a mente.

Differe acaso da infernal tristeza
Não ver Terra, nem Ceo, nem Mar, nem Gente,
Ser vivo, e não gozar da Natureza?

SO-

S O N E T O CXXXVI.

* * *

Nize, das Graças, e de Amor Thesoiro,
Voto implorado me firmava hum dia,
Na face meiga a candida Alegria,
Aos ventos derramada a trança de oiro.

Eis-que junto de nós Ave de agoiro
Tres vezes esvoaça, pausa, e pia,
Os ares prenhe sombra enluta, esfria,
E o raio estragador cahe sobre hũ Loiro.

No repentino horror, que a Scena altéra,
Queria talvez dizer-me o Fado
Que não tinha o meu Bem alma sincera!

Ai! Só quiz persuadir hũ desgraçado
Que de o felicitar capaz não era,
Nem a gloria de ser por Nize amado.

SO-

SONETO CXXXVII.

* * *

Sonho cruel o Espirito inquieto
 Me arrebatou a incognita Morada:
 Era de bronze a temerosa entrada,
 De bronze o pavimento, o muro, o tecto.

Ente disforme, de rugoso aspecto,
 D'alto assento me diz com voz pezada:
 „Té que do meu furor te abrigue o Nada.
 „Fulminei contra ti este Decreto:

„Os fóros perderás da Humanidade,
 „Teus flagellos serão teus semelhantes,
 „Háode extorquir-te a gloria, a liberdade.

Nisto acórdo c'os membros titubantes:
 Assim tremeste, ouvindo, oh férrea Idade,
 A queda horrenda, que esmagou Gigantes.

SO-

S O N E T O CXXXVIII.

* * *

MInha alma quer lutar com meu tormento :
Contenda inútil ! He por elle o Fado ;
Apenas de opprimir-me está cansado
Eterna força lhe refaz o alento.

Mais vale que delire o pensamento ,
Té góra c'o a Razão de balde armado ;
He menos triste , menos duro estado
A Desesperação , que o Soffrimento.

A Desesperação soluça , e chóra ,
A Desesperação mil ais desata ,
Parte do mal nas queixas se evapóra :

O Soffrimento azéda o que recata ,
Prende suspiros , lagrimas devóra ,
Tyranisa , consome , e ás vezes mata.

SO-

SONETO CXXXIX.

* * *

DE férreo julgador não vem contigo
Rugosa catadura, acções austeras;
Antes de ser Juiz já homem eras,
E achas mais glorioso o nome antigo.

O amargor, a tristeza do castigo,
Que impõe ao curvo Crime as Leis severas,
Co'a benigna Clemencia tu temperas,
Dos Réos, que gemem, Bemfeitor, e Amigo.

Se, árdua Rocha imitando, ou rijo Muro,
Reprovar, deitahir tua piedade
Tyranno Coração, caracter duro,

Delle te vingue a doce Humanidade,
Que de agravos do Tempo estás seguro:
Meus versos te darão a Eternidade.

OS-

Ao Senhor Ignacio José de Moraes e Brito.



O S A M O R E S.

O D E I.

D Os malignos Amores
 Gyrava os ares o volatil Bando,
 Seus aureos passadores
 Dos eburneos Carcazes semeando:

O mais destro Frécheiro,
 O Chefe da invencivel Companhia,
 Que tem do Mundo inteiro
 A seus pés o Destino, e Monarquia:

Aquelle, que em desmaio
 Muda ao Tigre o furor, se a dextra move,
 Que até, sem medo ao Raio,
 Sacrilego farpão cravára em Jove,

Do azul Campo sereno
 Desce, em fim, c'os Irmãos a fertil Prado,
 Vizinho ao Téjo ameno,
 E diz á Turma, de que vem cercado:

Eis,

*Eu , que não satisfeito
De combater , de triumphar na Terra ,
Comvosco tenho feito
Aos proprios Ceos inevitavel Guerra :*

*Eu , que prazer sentia
Em forjar aos Mortaes mortaes pezaes ,
Que , ufano , alegre , via
O Sangue borbulbar nos meus Altares :*

*Eu , que em Mavorcia Lida
Tornei purpureo o limpido Scamandro ,
Eu , cruento homicida
De Hero gentil , do nadador Leandro :*

*Neste Dia de gosto ,
Em que brotou de generosa Planta
Aquella , cujo rosto
Almas cativa , Corações encanta :*

*Neste bom dia , em que ella ,
Em que Marilia , nossa Gloria , Amores ,
Appareceo mais bella
Que a flor de Venus , na Estação das flores ;*

*Do que fiz me arrependo ,
Quero affamar-me por mais alta empreza :
Eternizar pertendo
A melhor producção da Natureza .*

Hum

Hum de vós , sem demora ,
 Procure o Velho , que em perpétua fome
 Rijos troncos devora ,
 O ferro , o bronze , o marmore consome :

Vá dizer-lhe , que parta
 Logo o Instrumento sangüinoso , e duro ,
 A souce , nunca farta
 De mandar os Mortaes ao Reino escuro :

Que respeite , rendido ,
 Hum dia tão sagrado , e tão júcundo ,
 Em que deixa Cupido
 Pela primeira vez , em paz o Mundo ;

E se o Monstro faminto
 Não dobrar a cerviz no mesmo instante ,
 Mostrarei , que me sinto
 Para a vingança com valor bastante :

Farei , que saiba o quanto
 Póde o fervor de hum amoroso affecto ,
 Farei , que lave em pranto
 As cans espessas do medonho aspecto.

O Mundo não tem visto
 Obrar Amor prodigios cento , e cento ?
 Pots veja agora nisto
 De meus portentos o maior portento.

Dis-

Disse, e depois que sôa
 Tenue sussurro, a ordem se executa:
 Hum delles parte, e vôa
 Do Tempo á carcomida, horrível Gruta.

O Velho injusto, e forte,
 Consumidor das cousas, encostado
 No regaço da Morte,
 Fouce na mão, Cadáveres ao lado,

Vendo entrar de repente
 O bello Infante, o Nuncio de Cupido,
 Alça a rugosa frente,
 Em tom lhe diz soberbo, e desabrido:

*Infeliz! Que arrogancia,
 Que imprudencia, que fado, ou que desdita
 Te guia á negra Estancia,
 Aonde o Tempo com a Morte habita?*

*Não pasmas, não tens susto
 De olhar-me? De me ouvir? Pois eu te ensino
 Com meu braço robusto
 A acatar-me, a temer-me, andaz Menino.*

Disse, e, vermelho o gèsto,
 Torcendo os olhos, que chamejão ira,
 Move o braço funesto,
 E c'ò a sanguinea foíce ao Deos atira:

O

O ferro os ares mede,
 Obedecendo á furia, que o sacóde;
 Mas eis que retrocede,
 Fugindo ao Numen, que ferir não póde:

Elle então c'um sorriso,
 De altivez desdenhosa acompanhado,
 Volve os olhos ao liso,
 Curvo instrumento, que lhe foi lançado;

E ao Monstro, que veneno
 Vomita da nojosa boca escura,
Cessa, (diz) en to ordeno
Em nome de Marilia bella, e pura.

Elle proseguiria;
 Mas os dois feros Socios, escutando
 Pela voz da Alegria
 O Nome encantador, suave, e brando,

Quaes os Deoses do Inferno,
 Que a frente, ouvindo Orfêo, desentugarão;
 E o ferreo Sceptro eterno
 Das inflexiveis mãos cahir deixarão:

O furor impaciente,
 Que as entranhas lhe rós, subito amanção,
 Erguem-se, e de repente
 Da mimosa Deidade aos pés se lançaõ.

Ado.

Adoravel Menino,
 (Clamão ; tremendo ; os dois) *tu nos domaste ;*
Quando o Nome divino
Da singular Mariliã articulaste.

Dize , dize o que intentas ;
Que já qualquer de nós te está sujeito ,
E as nossas mãos cruentas
Trémulas vês de affecto , e de respeito.

Quero já destruido
 (Torna o Menino) *em honra deste dia*
Esse ferro buido ,
Que com vipéreo sangue a Morte afia.

Marilia , cujo agráo
Desencrespa , é sérèna o Mar , e o Vento ;
Hoje vê renovado
Seu natalicio , festival momento.

A destra Natureza
De regozijo , de altivez se cobre
Por crear tal belleza ,
Alma tão pura , coração tão nobre :

Até Venus benignã
A disputar-lhe os cultos não se atreve ;
A louva , a julga digna
Dos Cisnes , e da Concha cor de neve.

Tom. I

K

Eia ;

*Eia , pois , humilhados
De Marilia ante os olhos vencedores ,
Ante os dois adorados
Ninhos das Graças , ninhos dos Amores :*

*Sacrificai-lhe as fúrias ,
As fúrias , que defeza não consentem ,
Nunca , nunca as injúrias
Do Tempo , ou Morte profanalla intentem :*

Com isto os labios cerra ,
E logo o Tempo dos nervosos braços
Arroja sobre a terra
A fouce , que entre as mãos fez em pedaços

Depois , inda curvado ,
Diz : *está transgredida a Lei da Sorte ;
Amor , vai descansado ,
Que a Marilia venerão Tempo , e Morte.*

Ao seu gentil Monarca
Torna o Menino alígero , e lhe contra ,
Que o Tempo achou , e a Parca
Pronto a seu mando , a seus desejos prontae

Juntos então revôão ,
E , de Marilia proximos aos Lares ,
Os Amores entôão
Hymnos canoros nos céntileos ares.

ODE



O D E II.

* * *

E Uro, batendo as azas procellosas,
 O Pelago entumece;
 Medonhos Escarcéos de fôfa espuma
 A's nuvens se atremessão:
 Do trovão, do fuzil o estrondo, o lume
 Atrôa, e cresta os ares;
 * Hórrido aos olhos, hórrido aos ouvidos;
 Lutão c'o a Vaga enorme
 Affrontados Baixeis, no Tejo arfando:
 Ao repelão frequente
 Resiste apenas a robusta amarra.
 Oh que tenor semêa
 O tumulto, que o Mar, e o Ceo revolve!
 Lá negreja no Occaso,
 De Espectros ladeada, a Noite horrenda!
 Lá desce, lá caminha,
 E envolve manso, e manso a Natureza
 No véo caliginoso.
 O Crime velador, a audaz Ternura
 A saúdão, risonhos:
 A'vida Turba com silencio cauto
 Meios, e ardis traçando,

Lhe espreita os passos, lhe calcúla as hofas,
 A fragil posse anhela
 Desses idolos vãos = Oiro, Belleza =
 Tão fataes, tão queridos!
 Oh venturoso tu, que, rodeado
 De candidos prazeres,
 Nos lares teus, nos lares da Virtude,
 Ora em extasis doce
 Pendes do Cysne, que as Meandrias agoas
 Ao sacro Tibre invejão,
 Ora todo te dás ao som divino,
 A's lyras milagrosas
 Do meu Tionio, (1) do atilado Eurindo, (2)
 De Leucacio fecundo, (3)
 Que, accesos despregando ao Estró as azas
 Pelo ceruleo Vácuo,
 O Sol transcendem, sómem-se nos Astros,
 Do Fado a nevoa rompem,
 Mystérios sondão, maravilhas palpão;
 Em quanto o Zoilo inerte,
 Cego ao rasto, ao fulgor, que pelos ares
 O arduo vôo assinala,
 Morde, e remorde as viboras do seio,
 Pragueja, brama, escuma,
 A Colera de Iove antes quizera,
 E ir, despôjo do Raio,

Ar-

(1) Antonio Bressane Leite.

(2) O Doutor José Thomaz Quintanilha.

(3) João de Sousa Pacheco.

Arder c'o as Furias, ulular no Inferno,
 Ouvir troar Sumano,
 Que soffrer o clarão da gloria alheia.
 Feliz, feliz mil vezes,
 Tu, meu Josino, que, á verdade affeito,
 Nunca do eximio Vate,
 Do Heróe, do Sabio o credito escacêas!
 Não figuras, não sonhas
 No merito dos mais o teu desdoiro;
 A's paixões sobranceiro,
 Ao jugo da Razão vontade preza;
 Do Author distingues o Homem.
 Se Espirito fallaz c'o a vil Calumnia
 Ennevoar teus dias,
 E se as Musas de si lhe dêrem tanto,
 Que embóque épica Tuba,
 Que o som da eterna Iliada renove,
 Dirás, dirás, absorto:
 Na voz, que me ferio, revive Homero.
 Exemplo venerando!
 Raros o seguem, se o proclamão todos;
 Mas vive tu, Josino,
 Vive c'o a gloria, c'o a perpetua gloria,
 Que ao grave exemplo quadra;
 Só com ella porém medrar teu nome
 Não deve entre os famosos;
 Teu genio lide, esmere-se a tua alma
 Na próvida cultura.
 Do Monte Augusto: admirem-te os que admiras;

Sê mais fiel, mais grato
 A's Musas, que te querem, que te acenão,
 Que os loiros te cultivão,
 Não temas, não fraquejes, vòa, e canta
 Além do Vulgo insano:
 Estatuas, e Padrões consome o Tempo,
 Desaba o Sêrro annoso,
 Perece o ferro, o bronze, e versos vivem,
 Para cantar de amores:
 Suave inspiração lá tens nos olhos,
 Nas ondadas madeixas,
 No riso ingenuo da louçãa Ritália,
 De Anarda encantadôra:
 Para cantar de Heróes, que á Patria dêrão
 Não cuidadas victorias,
 De sangue, de suor, de pó manchados,
 Forçando o Mar, e a Terra,
 Lê Camões, lê Camões, com elle a mente
 Fertiliza, afervôra,
 Povôa, fortalece, apura, eleva;
 Que o malfadado Elmano
 Em toco Domicilio, onde o sopêão
 Carrancudas Tristezas,
 Affaz o luctuoso pensamento
 Ao Fantasma da Morte,
 Mantêm na solidão, no horror das Trévas
 Reflexões amargosas,
 E vê na confusão da Natureza
 O quadro da sua alma.
Ao Senhor José Bressane Leite.

ODE



O D E III.

* * *

O Tyranno de Roma empunha o raio;
 Despede-o contra Senecca innocente,
 Ao Sabio Preceptor fulmina a morte

O Discipulo ingrato.

De Nero a dura voz se amorna o banho;
 As veias se retalhão, corre o sangue,
 Avermelhão-se as aguas, folga o Monstro,

O Filosofo espira.

Socrates immortal, que hum Deos proclama;
 O mestre de Platão lá comparece,
 De accusadores vis ennegrecido

No corrupto Areopago.

D'altas meditações, d'altas virtudes
 Colhe... que fructo!... a gélida cicuta;
 Cahe em silencio eterno, eterno somno

O Oraculo de Athenas.

No abyssmo do Infortunio, da Indigencia
 Agonizão Camões, Pachecos morrem;
 Mendigo, e cego, pela iniqua patria

Erra o grão Belizario.

De

De atros vapores , de tartareas sombras
 Nomes augustos a Calúpnia abafa ,
 Té que rebente hum sol da noite do Erro ,
 A Razão justicosa.

Os Homens não são máos por natureza ,
 Attractivo Interesse os falsifica ;
 A utilidade ao Mal , e ao Bem o instincto
 Guia estes frageis Entes.

Em quanto das paixões activo Enxame
 Ferve no coração , revolve o peito ,
 Perde o character , o equilibrio perde .
 A Rectidão sizuda.

Eis surge imparcial Posteridade
 Na dextra sopezando ethereo facho ;
 Tu candido , gentil Desinteresse ,
 Tu lhe espertas a flamma.

O criterio sagaz , á frente de ambos ,
 Apparencias descê ; razões combina ,
 Esmiuça , deslinda , observa a pura ,
 E depois sentencêa.

Já sem nodoa a Virude então rutila ;
 Já sem mascara o Vicio então negreja ,
 Desce ao tûmulo a Glória , Heróes arranca
 Aos dominios da Morte.

Se não somos Heróes , se em nós , ó Ponte ,
 Affoiteza não ha , não ha constancia ,
 Para com ferrea mão suster da Patria
 A nutante ventura :

Se em util , em moral Filosofia
 Não damos aos Mortaes a lei , o exemplo ;
 Se dos Luzeiros sete á clara Grecia

O grão não disputamos :

Nessos nomes , Amigo , alçados vemos
 Acima dos communs : ama-nos Febo ;
 As Musas nos enloirão : cultos nossos

Mansa Virtude acolhe.

Em tenebrosos carcerez jazemos ;
 Fallaz accusação nos agrilhôa ;
 De oppressões , de ameaços nos carrega

O Rigor carrancudo ;

Mas puro dom dos Ceos , alva Innocencia
 Esta affronta , este horror nos atavia ;
 Intima candidez compensa as manchas

Da superficie escura.

Males com a Existencia andão cosidos ;
 Desde o primario ponto do Universo
 Esta amarga semente sobre a terra

Cahio da mão dos Fados.

Em tanto que a raiz tenaz , fecunda
 Infecta o coração da Natureza ,
 Os tugurios suffoca , assombra os thronos

A venenosa rama.

Q' muito que empeçonhe os nossos dias
 O que os seculos todos envenena !
 Não merecer-se o mal he jús , he parte

Para sentir se menos.

Dei-

Deixemos a perversos delatores
 Os filhos do terror, fantasmas negros,
 Q' o medonho clarão da luz interna
 Assoprao sobre os crimes.
 Se a Verdade entre sombras esmorece,
 Se das Eras tardias peado, e pendes,
 Para o são Tribunal, que ao longe assoma,
 Eia, Amigo, appellemos.
 Tambem ha para nós Posteridade,
 Quando lá no sepulcro em cinzas soltos
 Não podermos cevar faminta Inveja,
 Calumnia devorante :
 Os vindoiros Mortaes irão piedosos
 Ler-nos na triste campa a historia triste ;
 Darão flores, ó Ponte, ás lyras nossas,
 Pranto a nossos desastres.



O D E I V .

A L E G O R I C A .

* * *

DE Porto mal seguro a turvo Pégo
 Sahe mesquinho Baixel com raras vélas,
 Vai crespas ondas pavidó talhando
 A' discrição dos ventos :

Nau-

Nauta inexperto lhe dirige o léme,
 Chusma bisonha lhe marêa o panno;
 De hum lado fervem Syrtes, d'outro lado
 Navifragos penedos:

Susurrante chuveiro os ares cerra,
 Luz sulfúreo clarão de quando em quando,
 D'imminente Precella os negros vultos
 Féro estrago, ameaça

Já braves Escarcéas, que se amontão,
 Por cima do convéz soberbos saltão;
 Prosegue na derrota o debil pinho,
 Das vagas quasi aboste

Depois de longamente haver corrido
 A estrada desigual com Ceos adversos,
 Em lugar de colhelo, o panno augmenta,
 Desafia o naufragio:

Imaginaria Terrasse lhe antólha,
 De mil, e mil venturas semeada;
 Anhélas por surgir no Porto amigo,
 Cobiçosa Esperança:

Para cevar o horror mais campo havendo,
 A torva Tempestade então mais zune,
 Em raios, em tufões todo o ar converte,
 Todo o Pelago em serras;

O

O mísero Baixel desmantelado
 Aos duros encontrões do Mar, do Vento
 Sóbe ás Estrellas, aos Abysmos desce
 Entre o Pavor, e a Morte :

Súbito acode próvido Piloto,
 Que opprimido atéli jazêra em ferros
 N'um vil carcere escuro, onde Rebeldes
 O tinhão sopeado :

Estende a mão forçosa, afferra o leme,
 O lenho desaffronta, o rumo escolhe,
 Com saber efficaz ; com alta industria
 Vai sustendo a Tormenta.

Já volumosas nuvens se adelgáçao,
 O vento se amacia, o Mar se aplana :
 Do benigno Sarcélmo o tenuê lume
 Reiuiz no aéreo tópe.

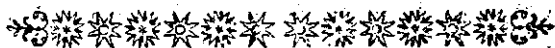
Reina hum pouco a suave, azul Bonança,
 Mas eis se tolda o Ceo de novas sombras,
 Mais negra ; mais feroz ; mais horrorosa
 Resurge a Tempestade.

O Sabio Director, que todo ufano
 Da recente victoria inda folgava,
 A repellido assalto oppõe debalde
 Arte ; vigor, constancia.

Tre-

Tremendo aos Furacões impetuosos,
 Lá descorçoa, em fim, lá desalenta,
 C'o a Máquina infeliz, que já não rége,
 Miserrimo seçobia.

Oh Ente racional! Oh Ente frágil!
 Escravo das Paixões, que te arrebatão!
 Olhos sizudos neste Quadro emprega:
 Eis o quadro da vida.



O A D E O S,

C A N Ç Ã O I.

Suave Habitação da minha Amada,
 Das Graças, e de Amor! Feliz Morada,
 Onde as mãos da Ventura
 Croarão minha fé singela, e pura,
 Onde, inflammado, exprimentou meu peito,
 Que ha no Mundo também prazer perfeito:

Le.

Leves Favónios, leves Passarinhos,
 Que, poisados nas flores, e raminhos,
 Em silencio, me ouvistes
 Canções alegres, e suspiros tristes,
 Porque inda o mais ditoso, em quanto adora,
 Canta humas vezes, outras vezes chora:

Téjo, que á minha voz abonçavas,
 Que, para me attender, nem murmuravas,
 Quando injustos Ciumes
 Me arrancarão mil prantos, mil queixumes,
 Quando á bella constancia de Gertruria
 Fiz com suspeitas vãs cruel injúria:

Antiga Patria minha, e Lar paterno,
 Penates, a quem rendo hum culto interno,
 Lacrimosos Parentes,
 Que inda na ausência me estareis presentes,
 A Deos: hum vivo ardor de Nome, e Fama
 A nova Região me attrahe, me chama.

Oh vós, que nos Altares da Amizade
 Votastes exemplar fidelidade,
 Vasconcellos, Couceiro,
 Liz bemfeitor, André de prazenteiro,
 Vós, que em doce união viveis comigo,
 Ouvi o téno Adeos de hum téno Amigo.

Os Mares vou talhar, cujos furores
Descreve o grão Cantor, por quem de amores
Inda as Musas suspirão :
Aquelles Mares, onde os Gamas virão
Do rebelde, horrendissimo Gigante
Os negros labios, o feroz semblante.

Quer a Sorte, propicia a meu desejo,
Manda-me a Honra, cujas Aras bejo,
Que com férvido brio
Contemple os Muros da invencivel Dio,
Donde, ó Silveiras, Matcarenhas, Castros,
Foi soar vossa Fama além dos Astros.

Nos Climas, onde mais do que na Historia
Vive dos Albuquerque a Memoria,
Nos Climas, onde a Guerra
Heroes eternizou da Lysia Terra,
Vou ver, se acaso a meu Destino agrada
Dar-me vida feliz, ou morte honrada.

Suffocai vossa dor, porque os gemidos
Só ás desgraças he que são devidos,
E, a pezar da ternura,
Considerai, que he sólida ventura
Seguir de altos Varões o illustre exemplo :
Por espinhos se vai da Gloria ao Templo.

Adeos,

Adeos, Socios fiéis; e tu, querida,
Cujos olhos nesta alma, á tua unida;

O primeiro empregarão
Amoroso fa'ção, que dispararão,
Abafa os tristes, candidos suspiros,
Com que me vibras perigosos tiros.

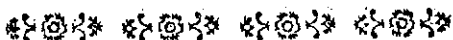
Por entre a chuva de mortaes pelotões
A núa fronte enriquecer de Loiros

Eu procuro, eu desejo
Para teus mimos desfrutar sem pejo,
Pois quem deste esplendor se não guarnece;
Não he digno de ti, não te merece.

Eu te levo, meu Bem, no pensamento;
Não armes contra mim neste momento

O novo, o doce encanto,
Que recebem teus olhos de teu pranto;
Generosa paixão de ti me affasta:
Adeos, Gertruria, adeos, não chores, basta.

Canção, fica segura
Nas mãos da Nynfa lacrimosa, e bella;
Serás consolação, e allivio della:
Pelos olhos da Mãe Cupido o jura.



O CIUME,
CANÇÃO II.

Agora, que ninguém vos interrompe,
Lagrimas tristes, inundai-me o rosto,
Mais do que nunca, assim o quer meu Fado:
Em quanto o gume de mortal Desgosto
Me não retalha os amargosos dias,
Debaixo destas Arvores sombrias
Grite meu coração desesperado,
 Meu coração cativo,
Que só tem nos seus ais seu lenitivo.

Alterosas, fructíferas Palmeiras,
Vós, que na gloria equivaleis aos Loiros,
Vós, que sois dos Heróes mais cubiqadas
Que aureos Diademas, que reaes Thesoiros,
Escutai meus tormentos, meus queixumes,
Meus venenosos, infernaes ciumes,
Ouvi mil penas, por Amor forjadas,
 Mil suspiros, mais tristes,
Que todos esses, que atéqui me ouvistes.

Tom. I. L Aquele.

Aquelles Campos, apraziveis Campos,
 Que além verdejão, de meu mal soberção
 A desgraçada, mas suave origem:
 Alli de huns olhos os meus ais nascêrão,
 Alli de hum meigo, encantador sorriso,
 Que arremeda o sereno Paraiso,
 Brotárão mil Infernos, que me affigem,
 Que as entranhas me abraçáo,
 Que meus olhos de lagrimas arrazáo:

Alli de huns labios, onde as Graças brincáo
 Ouvi suspiros, grangeei favores,
 Alli me disse A guarda o que eu não digo;
 Alli, volvendo os ninhos dos Amores,
 Cravou nesta Alma, para sempre acceza,
 As perigosas frechas da Belleza:
 Alli do proprio mal me fez amigo,
 Alli banhou meu rosto
 Patte do coração, desfeita em gosto;

Novas Campinas testemunhas forão
 De nova gloria, de maior ventura,
 Tal, que julguei, logrando-a, que sonhava;
 Entre as doces prisões da Formosura,
 Entre os candidos braços deleitosos,
 Meus crestados desejos amorosos
 No alvo rosto, que o pejo affogueava,
 No nectar... ah! que eu morro,
 Se em vós, furtivos Extasis, discorro.

Amor!

Amor! Amor! Teus jubilos excedem
 Da loira Abelha os engenhosos favos,
 Mais gratos são, que as flores, teus sorrisos:
 Gostei todos os bens, que aos teus Escravos
 Fazem tão leve a rígida cadêa,
 Tão doce a chamma, que no peito ondêa;
 Mas oh! Cruéis teus dons, cruéis teus risos,
 Principio do tormento,
 Que já me tem delido o soffrimento.

Miseravel de mim! Qual o Piloto,
 Que lêra nos azues, filtrados ares
 Indicios de huma sólida bonança,
 E eis-que vê de repente inchar os Mares,
 Vestir-se o Ceo de nuvens, donde chove
 O fogo vingador, que vibra Jove,
 Tal eu, quando suppuz mais segurança
 No meu contentamento
 O vi fugir nas azas de hum momento.

Anarda, Anarda pérfida, teus olhos,
 Onde Amor traz escrita a minha Sorte,
 Teus mimos por mim só não são gozados!
 Oh desesperação, peor que a Morte!
 Oh danados Espiritos funestos,
 De hórridos vultos, de terríveis géstos,
 Moderai vossa queixa, e vossos brados,
 Que as penas do Profundo
 Também, também se encontrão cá no Mundo

Ver outro disputar-me o caro Objecto;
 Em cujas lindas mãos puz alma, e vida;
 Não me arranca suspiros: o tormento,
 Que no peito me faz mortal ferida,
 O maior dos tormentos, ó perjura,
 He ver, que de outrem soffres a ternura,
 He ver, que dás calor, que dás alento
 A seus mimos, e amores
 C'um riso, precursor de mil favores.

Tu não foges de mim, tu não te esquivas
 Destes olhos, que em ti cativos andão;
 Delicias, onde pasma o pensamento,
 Doces instantes meu ciume abrandão;
 Mas ah! Não he só minha esta ventura,
 Meu vaidoso Rival a tem segura.
 Que indigna variedade! Em hum momento
 Teus olhos inconstantes
 Acarinhão sem pejo a dois Amantes.

Honra, Virtude, Aggravo, e Desengano
 Me gritão n'alma, que sacuda os laços,
 Que tanto soffrimento he já vileza:
 Oiço-os, protesto desdenhar teus braços,
 Protesto, ingrata, converter meus cultos
 Em mil desprezos, irrisões, e insultos;
 Mas ah protestos váos! Baldada empreza!
 Sou a amar-te obrigado:
 Não he loucura o meu amor, he Fado.

Can-

Canção , vai suspirar de Anarda aos Lares ;
 Mas se não lhe firmares
 O instavel coração , deixa a perjura ,
 E iremos socegar na Sepultura.



O D E S E N G A N O ,
 C A N Ç Ã O III.

A Alma ferida , e cega ;
 Que em grilhões vergonhosos
 Adoras a mão ímpia , que te entrega
 A males tão cruéis , e tão penosos ,
 Como os que sentem no maldito Averno
 Os Condemnados entre o Lume eterno :

Alma cega , e perdida ,
 Que a doce Liberdade ,
 O gosto , as horas , o descanso , a vida
 Consagras á maligna Divindade ,
 Antes ao Monstro , que produz , que gera
 Veneno inda peor que o de Megéra :

Bas-

Basta, faze em pedaços,
 (Porque a Razão te grita)
 Faze, que he tempo, esses indignos laços,
 Essas cadêas vis: oh Alma afflicta,
 A Virtude, a Verdade, o Ceo te valha;
 Vence a terrivel, infernal batalha.

Conhece o baixo Objecto,
 Que em triunfo te arrasta;
 Cuidas, que hum meigo, deleitoso aspecto
 Para dourar os teus excessos basta?
 Cuidas, que hum bello riso, hum ar benigno
 Filho da Infamia, de ternura he digno?

Que engano! A Formosura
 Sem modestia, sem pejo
 Tédio, tédio merece, e não ternura;
 Eia, pois, de hum frenetico desejo
 Enfrêa, apaga os impetos, a chamma,
 E lava a nódoa, com que Amor te infama.

Que affronta! Que vileza?
 Alma triste, alma escrava
 De huma profana; sensual Belleza,
 De huns olhos falsos, donde Amor te crava
 Mil séttas, cuja ponta aguda, e forte
 Hervou no opaco Inferno a mão da Morte:

Ras:

Rasga o véo da cegueira
 Fatal, que te allucina:
 Observa a Criminosa, a Lisongeira,
 Observa a Loba má, que te domina,
 Vê seus dolosos beijos nacarados
 Fartando peitos vis com vis agrados.

Contémpla a Desprezível:
 De affagos nunca escassa,
 Sem pudor, para todos he sensível;
 Este chama, outro amima, aquelle abraça:
 Ei-la com frôxos ais, humidos bejos
 Matando n'um minuto a mil desejos.

Olha aonde te abrazas:
 Em torno della o Vicio
 Bate as lodosas, peçonhentas azas,
 E, qual submissa Ovelha ao sacrificio,
 Elle de Venus ao Altar nefando
 A leva pela mão de quando em quando.

As lagrimas, que viste
 Na pérfida, que adoras,
 São graças; os suspiros, que lhe ouviste,
 Não são teus, são communs; alegres horas
 Como contigo, com mil outros passa:
 Vê-lhe a baixeza, esquece-te da graça.

Por

Por gosto, e por costume,
 Não por domar a ardencia
 Do teu negro, pestífero ciume,
 Te sacrificas os teus Rivaes na ausencia,
 Que, em favor das traições, com que trafica,
 N'ausencia aos teus Rivaes te sacrificas.

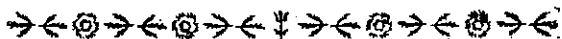
Oh Alma! Oh Liberdade!
 Eu vos sinto abaladas
 Pelas vozes da rígida Verdade:
 Vossas cadêas, por Amor forjadas,
 Desejas sacudir.... sim, já vos vejo
 Olhar os ferros com horror, com pejo:

Estais já forcejando
 Contra o pezo insoffrivel,
 Oh Liberdade! Oh Alma! Estais bramando
 Com ancia, com furor, crendo impossivel
 Romper, despedaçar tão fixos laços
 Sem o soccorro de Celestes Braços.

A fraca Humanidade
 Para tanto não basta,
 Assim he; mas implore-se a piedade
 De hum Sacro Velho, que os Mortaes affasta
 Do quasi enevitavel Precipicio,
 E ante quem treme o Erro, e pasma o Vício.

Vai,

Vai, pois, Canção, procura o Desengano:
 Elle soceorre aquelles, que o procurão,
 Elle o balsamo dá, com que se curão
 As feridas, que faz Amor Tyranno.



O DELIRIO AMOROSO,
 C A N Ç Ã O IV.

I Nda não bastão, minha voz cançada,
 Tantos ais, que tens dado,
 He necessario renovar queixumes,
 Queixumes, de que o fero Amor se agrada;
 De que zombando está meu duro Fado:
 Gritemos, pois, freneticos Ciumes,
 Gritemos outra vez, que dos Afflictos
 São triste refrigerio os ais, e os gritos.

Carrancuda Agonia, azéda, azéda
 Inda mais, se he possível,
 O venenoso fel, que em mim derramas;
 Doces enganos da minha alma arreda,
 Deixa-lhe a dor intensa, a dor terrível
 Dos igneos zelos, das Tartíreas chaminas,
 Deixa-lhe as ancias, a peçonha, as iras,
 E a desesperação, que tu respiras.

Far-

Farte-se Anarda, o variavel peito,
 Cujas graças me encantão,
 Cujas traições nó coração me ferem,
 E por quem gemo, em lagrimas desfeito:
 Que já mil bens dulcissimos não cantão
 Os ternos labios meus, antes proferem
 Lamentos contra Amor, contra a Ventura,
 Conheça a desleal, saiba a perjura.

Sim, traidora, que o júbilo, em torrentes
 Viste alagar meu rosto,
 Quando em teus braços possui mil glorias,
 Hoje morro de angustias, e o consentes,
 Podendo-me, cruel, matar de gosto?
 Oh extasi! Oh delicias transitorias!
 Oh vão prazer dos credulos Amantes,
 Mais fugaz, que os alígeros instantes!

Cansaste, Anarda: a sólida firmeza,
 Vezes mil protestada,
 Votos de eterna fé, que me fizeste,
 Manter não pôde feminil fraqueza,
 A quem sómente a novidade agrada.
 Já lugar na tua alma a outro deste,
 E o mais ardente amor, o amor mais puro
 Não satisfaz teu coração perjuro.

Se

Se me fugisses, se de todo as chammas,
 Que por mim te abrazavão,
 A nova inclinação te amortecêra,
 Desculpára esse ardor, em que te inflammas;
 Porém quanto, infiel; quanto me aggravão
 Os sorrisos de amor, com que assevera
 Teu gésto encantador, teu meigo rosto,
 Que inda propende a saciar meu gosto!

Presumes, que se paga huma Alma nobre,
 Hum Coração brioso
 De hum sórdido prazer, torpe, e corrupto
 Qual esse, que me offertas, se descobre?
 Assim só pôde o vil ser venturoso,
 Essa fortuna por baldão reputo:
 Em amor antes só ser desgraçado,
 Que d'outrem na ventura acompanhado.

Vai, fementida, que a paixão perfeita
 Os seus dons não reparte,
 Vai gemer n'outro peito, e n'outros braços;
 Pérfidos mimos desse Infame aceita,
 Em quanto juro aos Ceos de abominarte,
 Em quanto arranco meus indignos laços,
 Em quanto... ah! Que fallei! Meu Bem, detente.
 Abafa a minha voz, dize, que mente.

Eu

Eu deixar-te (ai de mim!) primeiro a Terra
 Mostre as fundas entranhas
 Por larga boca horrivel, que me trague:
 Primeiro o Mar, e o Ceo me fação guerra,
 Despenhem-se primeiro estas montanhas,
 E a meu corpo infeliz seu pezo esmague,
 Primeiro se confunda a Natureza,
 Que eu césse de adorar tua belleza.

Veirão meus olhos esses teus pasmados
 De hum Rival no semblante,
 Oija-te os ais, que com seus ais misturas,
 E os agrados, que oppões aos seus agrados:
 A tudo está sujeito hum cégo Amante,
 Que não póde quebrar prizões tão duras,
 A tudo estou submisso, estou disposto,
 Quero tudo soffrer, porque he teu gosto.

Terá por crime, supporá vileza
 Tão cruel tolerancia
 Quem não sente o poder da Formosura;
 Porém minha alma, nos teus olhos preza,
 Inda chega a temer, que esta constancia
 Prova não seja de exemplar ternura,
 E saibão, se com isto hum crime faço,
 Que o crime adoro, que a vileza abraço.

Sobre as azas dos Ventos,
Canção chorosa, e rouca,
Vai narrar pelo mundo os meus tormentos:
De Almas estoicas a dureza louca
Rirá dos teus lamentos;
Mas nos Servos de Amor terás abrigo:
Quando te ouvirem, chorarão comigo.





ELMANO A GERTRURIA,

E P I S T O L A I.

Pasce l'Agna l'erbette, il Lupo l'Agne,
 Na il crudo Amor di lagrime si pasce.

Torquat. Tass. Amint.

CA' do pé das Gangeticas Ribeiras,
 Inimigas da Paz, e da Alegria,
 Cá d'entre Serpes, Tigres, e Palmeiras,

A ti, bella Gertruria, Elmano envia:
 Seus gemidos ternissimos, e ardentes
 Sobre as cinzentas azas da Agonia.

Se o teu fiel character não desmentes,
 Se inda em teu coração não teve entrada:
 A Variedade, o vicio dos Ausentes;

Se

Se do voto reciproco lembrada,
Suspiras por me ver como suspiro
Por dar-te beijos mil na mão nevada;

Chorando escutarás o que profiro:
Estes queixumes vão, que entrego aos ares;
Estes inúteis ais, que d'alma tiro.

Dó saíto abrigo de meus Deoses Lares
Pela Sorte cruel desarraigado,
E exposto em fragil quilha a bravos Mares;

Sobre as espaldas do Oceano inchado,
Dirigindo tristissimo lamento
Contra o Ceo, contra Amor, e contra o Fado;

Debr' de conjurando o rouço Vento,
Em vão pedindo a Tethis sepultura
Nas entranhas do maldito Elemento:

Puz, finalmente, os pés, onde murmura
O plácido Janeiro, em cuja arêa
Jazia entre delicias a Fernura.

Alli, como nas margens de Ulysséa,
Prendendo Corações, brincavão, rião
Os Filhinhos gentis de Cytheréa;

Mil

Mil Graças, que a vangloria trocarião
Em vergonhosa inveja á tua vista,
Usurpar-te meus cultos presumião;

Eis olhão como facil a Conquista;
Mas a Fé me acompanha, a Fé me alenta,
E constancia me dá, com que resista.

Este combate a gloria me accrescenta:
Conhece-se o valor do Navegante
Em tenebrosa, horrisona Tormenta.

Contemplando na idéa o teu semblante,
Pude evitar o Escolho, onde naufraga
O Coração mais livre, e mais constante;

Hum virtuoso amor nunca se apaga:
O tiro de outra mão não faz emprego
Aonde a tua abrio tão doce chaga.

Sempre no mais cruel desasocego,
Sempre comigo mesmo em viva guerra,
A's vastas ondas outra vez me entrego.

Os negros Furacões Eólo encerra,
Até que aos frôxos olhos se me offrece
O bruto Adamastor, filho da Terra.

Vê-me o Monstro, que ainda não se esquece
Da nossa antiga audacia, e logo exclama
Com voz horrível; que trovão parece:

Oh tu, que de huma vã, caduca Fama,
De huma illustre Quimera ambicioso,
A estrada vens saber do áffoito Gama;

Tu, dos Servos de Amor o mais ditoso;
Se as desordens fataes da louca idade
Te houvesse reprimido o Ceo piedoso;

Tu, que, de huma terrestre Divindade
Memorando os encantos, e os agrados,
Deliras entre as garras da Saudade;

O modelo serás dos Desgraçados,
Porque mais, ó Mortal, a ver não tornas
Meigos olhos, por Venus invejados.

As correntes de lagrimas, que entornas,
Os suspiros, que exhalas de continuo,
A singular paixão, de que te adornas,

Nada revoga as ordens do Destino:
Que eu de opaca procélla estenda o Manto
Quer, e ao fatal Decreto a fronte inclino;

Mas a tua afflicção move-me tanto,
Que os olhos meus, a permittillo a Sorte,
Saberião, por ti, que cousa he pranto.

Das entranhas do Inferno arranco a Morte,
Que a Lei do Fado, a meu pezar, me obriga
A que a vida miserrima te córte.

Mares, lambei dos Ceos a base antiga,
Morra Elmano; adejai, Dragões do Averno,
Sobre o veloz baixel, onde se abriga.

Disse dos Nautas o Inimigo eterno,
E aos ares arrojou no mesmo instante
Medonhas trévas, pavoroso Inverno.

O Ceo troveja; Eólo sibilante
Ora aos Abysmos, ora aos Astros leva
Entre as azas da Morte o Lenho errante:

Sobre elle o Mar violento a furia ceva,
Rebentão cabos, não governa o leme,
Consternada Celeuma ao ar se eleva.

Em tanto horror meu coração não treme,
Antes se alenta, agradecendo ao Fado
Hum Bem, que implora, a Morte, que não teme.

Par-

Parcas ! (eu grito) oh Deosas , que a meu lado
Andais brandindo as fources carniceiras ,
Inclinai para cá seu gume hervado :

O golpe em mim descarregai , ligeiras ,
Em quanto offreço á candida Gerruria
O final pranto , as vozes derradeiras.

Ceos ! Que prodigio ! O Vento applaca a furia ,
E a teu nome adorado a propria Morte
Não ousa , em dano meu , fazer injúria ;

Teu nome vence a cólera da Sorté :
Torna a luz , foge a sombra , e já mil vivas
Os muros vão ferir da Ethérea Corte :

Só eu choro o prazer , que tu motivas ,
Só eu sinto escapar deste perigo ,
Só eu culpo as Estrellas compassivas.

A prospera Derrota assim prosigo ,
Até que vejo , e pizo a Sepultura
Dos Tristes , que não tem na Patria abrigo.

Aqui vai sempre a mais minha amargura ,
Aqui , pela Saudade envenenado ,
Como Espéctro acompanho a Noite escura :

Aquí ninguem me attende , (oh negro Fado !)
Nem Deoses, nem Mortaes , ninguem me attende:
Tão molesto se faz hum desgraçado !

Só teu suave nome , a quem se rende
O proprio Deos de amor , algum momento
Meu pranto enfrêa, minhas ancias prende.

Sou qual Febricitante , que sedento
Em libar fresca taça allivio goza ,
Affagando com ella o soffrimento.

Ai gesto encantador , face amorosa ,
Que me inspiraste da paixão mais pura
A doce chamma , a chamma deleitosa !

Que torrente de gosto , e de ternura
Fizeste borbulhar no meu semblante ,
Em quanto o permittio minha Ventura !

Qual na cálida sésta o Caminhante ,
Que em despenhada fonte , amena , e fria
Matar o vivo ardor vai anhelante :

Tal nas azas do júbilo eu corria
A saciar em ti , Vista adoravel ,
O sequioso amor , que em mim fervia.

Oh

Oh lúbrico prazer! Fortuna instavel!
Apenas fui feliz, fui desgraçado:
Oh Catástrofe acerba, e deploravel!

Mas tu, Gertruria bella, idolo amado,
Tu, meu unico bem, cuja mudança
Me faria acabar desesperado,

Por piedade não percas da lembrança
O terno Adeos, e as lagrimas, e os votos,
Com que elle vigorou minha esperança.

Vê, que, entregue ao furor de horriveis Nótos,
Vim, só por me fazer de ti mais digno,
A Climax, do meu Clima tão remotos.

Semblante, para mim sempre benigno,
Reserva-me hum sorriso: elle sómente
Póde o meu Astro serenar maligno;

Elle só me fará viver contente:
Só nelle está suspensa a minha gloria,
Só delle o meu socego está pendente:

Voemos para o Templo da Memoria,
Nossa fidelidade ao Orbe espante,
E sirva de modelo a nossa Historia;

Socio meu , que ora attento , é mudo ouvias
A minha branda Lyra maviosa ,
Ora a seus ternos sons teu canto unias ,

Tu , que da linda Marcia carinhosa
Inflammas com mil osculos ardêntes
As faces côr de neve , e côr de rosa ;

Tu , que no ingenuo peito não consentes
O vicio , que por Lei da Natureza
Mancha , e corrompe os Corações ausentes ;

Tu , que adorando as Aras da Belleza ,
Tributas aos Altares da Amizade
Puros incensos , exempiar firmeza ;

Tu , que desta alma occupas ametade ,
Ouve o tremulo som , com que suspira
Dentro della a tristissima Saudade.

Desde que a existencia expuz á ira
Do fero Mar , meu peito não socega ,
Meu pensamento esfalfa-se , delira :

Indomavel Paixão , que a todos cega ,
De teus conselhos falta , honrado Amigo ,
A' desesperação minha alma entrega.

Lou-

Louco fui, não pensei (mil vezes digo)
 Que em horas se trocassem de tormento
 Horas tão doces, que passei contigo;

Fiei-me de hum fugaz contentamento,
 Devendo conhecer, que os bens do Mundo
 São qual o sutil pó, que espalha o Vento;

Por isso agora, afflicto, e vagabundo,
 Estranho tanto o mal, por isso agora
 De lagrimas sem fim meu rosto inundo;

Por isso, na paixão, que me devóra,
 Invoco a muda paz da Sepultura,
 Da suspirada Morte a feliz hora.

Miseros gostos! Misera Ternura!
 Que sempre, injusto Amor, teus Servos tenham
 Queixumes, que formar contra a Ventura!

Huns, adorando Ingratas, que os desdenhão,
 Tarde no escuro abysmo, em que descança
 O Desengano horrivel, se despenhão:

Outros, chorando a pérvida mudança
 De huma Alma desleal, enfurecidos
 Co a Morte arrostão, que no Inferno os lança

Qu.

Outros, em fim, como eu, correspondidos,
Depois em longa Ausencia amarga, e crua
Arrancão das entranhas mil gemidos:

Tal, fraudulento Amor, he a Lei tua,
Lei, que o Fado approvou para que a Terra
A si mesma se estrague, e se destrua.

Ah Josino fiel! Que horror faz guerra
Aos tristes olhos meus nestes lugares,
Onde me pôz a Sorte, onde me encerra!

Sem medo á fúria dos terriveis Mares,
Vim do culto, benéfico Occidente
Viver com Tigres, habitar Palmares:

Aqui tórrida Zona abafa a Gente,
Ferve o Clima, arde o ar, e eu o não sinto;
Que tu, fogo de Amor, és mais ardente:

Aqui vago em perpétuo labyrintho
Sempre em risco de ver maligno braço
No proprio sangue meu banhado, e tinto;

Mas caso dos perigos eu não faço,
E que posso temer, quando procuro
Rasgar da fragil vida o tenue laço:

En-

Enche-me sim de horror o Culto impuro, (*)
 Idolos vãos, sacrilegos Altares,
 Vís Ceremonias deste Povo escuro.

Eterno Deos! Não longe dos teus Lares
 Tépidá nuvem de maldito incenso,
 Dado ao negro Satân, perturba os ares.

Que tolerancia tens, Monarca Immenso!
 Por mais crimes, Senhor, que o Mundo faça,
 Tudo releva teu Amor intenso.

Désce, ah désce dos Ceos, Potente Graça,
 Diffunde a santa Luz, a santa Crença
 Pelos cégos Mortaes, que o Erro enlaça.

Volto, Josino, a ti. Lethal Doença
 Do Bárathro surgio, veio intimar-me
 A antiga, universal, cruel Sentença:

Negras fauces abrio para tragar-me;
 Porém cedeo, rugindo, á Voz Divina,
 Que a vida, a meu pezar, quiz conservar-me;

Eis-que pérfida Mão cabal ruína
 (Sepultando o Dever no esquecimento)
 A todos nos prepara, e nos destina:

Ras-

(*) São bem notorias aos Sabios as abominaveis
 Ceremonias do Gentilismo da Asia.

Rasgado o peito c'um punhal cruento,
Hia baixar o teu choroso Amigo,
Qual Victima innocente, ao Monumento:

Huma Alma infame, hum barbaro Inimigo
Da Fé, das Leis, do Throno, hum Deshumano,
Crédor de eterno, de infernal castigo,

Tendo embebido seu furor insano
Na falsa Gente Brâchmane inquieta,
Que amaldiçôa o jugo Lusitano,

Contra nós apontava a mortal sétta,
Mas estorvou o inevitavel tiro
A Mão Divina, Poderosa, e Recta:

Desenvolveo-se o Crime, inda respiro,
E já déstes, ó Reos de atroz Maldade,
Em vis Theatros o final suspiro.

Eis, Amigo, a recente novidade,
Que da remota Goa ao Tejo envio
Nas murchas, debeis azas da Saudade.

A quem tem da tua alma o senhorio,
Offreço n'uma fêrvida lembrança
Provas do affecto, em que jámais esfrio.

Dize á minha dulcissima Esperança,
A' suave Prisão desta alma afflicta,
Que no meu coração não ha mudança;

Que estou gemendo aqui, bem como grita
Pelo perdido, alígero Consorte
Viuva Rola, que a Floresta habita;

Que he a minha paixão paixão tão forte,
Que ha de na escuridão da Sepultura
Volver-me as cinzas, superior á Morte;

E que espero, a pezar da Ausencia dura,
Por milagre de Amor, que os meus gemidos,
Voando aos Lares seus, aos seus ouvidos,
Lhe vão justificar minha ternura.

EL.



ELMANO A URSELINA,

EPISTOLA III.

DOs homens o mais triste, e o mais amante,
O cego adorador da formosura,
Em que Amor se esmerou no teu semblante,

Elmano he quem te escreve, he quem procura
Nos mansos olhos teus piedoso abrigo
Aos prantos da saudade, e da ternura;

Elmano, que a seus ais sempre inimigo
Encontra o Fado, Elmano, que te adora,
Que tem por morte não viver contigo;

Que das ardentes lagrimas, que chora,
Não cessa, quando a Noite estende o manto,
Não cessa, quando estende o véo a Aurora.

Ah meu doce prazer, meu doce encanto,
O Condenado a males sempiternos
Não desespera assim, não soffre tanto!

Ter-

Ternos amóres, cada vez mais ternos,
 Gerão, pelo ciúme envenenados,
 Dentro em meu coração Fúrias, e Infernos,

Cuido, que outro grangêa os teus agrados,
 E, nutrindo a voraz desconfiança,
 Exclamo contra os Ceos, e contra os Fados.

A vida, que prezei, me afflige, e cança,
 A vida, que prezei, porque illudia
 Meus vãos desejos credula Esperança.

Frio horror os cabellos me arripia,
 Quando a imaginação me representa
 Meigo Esposo, que ao Thalamo te guia.

Como que o vejo c'o a paixão sedenta
 Manchar-te a leda boca purpurina,
 De seu nectar dulcissimo avarenta;

Como que o vejo . . . oh raiva! E não fulmina
 A mão de Jove hum barbaro, hum tyranno,
 Que me rouba o meu bem, que me assassina!

Raios! Puni-lhe o crime . . . ah cego! Insano!
 Desejar ser feliz, quando foi crime?
 Cede ao Destino, abraça o Desengano;

Teu

Teu ciúme frenético reprime,
E entre os martyrios, que a paixão te ordena,
Pasmoso, heroico estímulo te anima.

Adoçarás em parte a amarga pena
Do summo bem, que perdes, se attentares
Na desgraça, a que o Fado te condena.

Tu, vago habitador de estranhós lares,
Que em vão buscaste o riso da Ventura
Por longas terras, por immensos mares,

Tu, sem thesoiro algum mais que a ternura,
Tu formarias o fatal projecto
De fazer desgraçada a Formosura!

Quem sente n'alma generoso affecto
Mais do que o próprio bem, e o próprio gosto
Anhêla as ditas do adorado Objecto.

O Ceo he justo: o Ceo não tem disposto,
Qué vivas c'o a Belleza, que te encanta,
Unido peito a peito, e rosto a rosto.

A' dor tenaz, que as forças te quebranta,
Oppõe da alta Virtude o firme escudo,
E com tão novo assombro o Mundo espanta.

Per-

Perde Urselina amavel , perde tudo ;
Morre em fim , se não tens valor bastante ,
Que impugne a teu pezar cruel ; e agudo.

Despreza a Morte ; a Morte he hum instante !
Com ella os ais tem fim , tem fim com ella
Quanto's males semêa a Sorte errante.

Desarreiga o terror , que a todos gela ;
Rasga as veias , e expira , articulando
O doce nome de Urselina bella.

Brandos suspiros de seu peito brando
Consagrará piedosa a tua Amada
A teu triste cadaver miserando.

Morreo , morreo por mim (dirá , banhada
Em lagrimas de amor , e de saudade :)
Oh paixão lastimosa , e malfadada !

Morreo , morreo o exemplo da Lealdade ;
Ah ternos Corações ! Chorai comigo
Caso tão digno de geral piedade.

Sõem continuos ais ... porém que digo !
Ah ! Não , não sãoem , candida Urselina ,
Nem regues com teu pranto o meu jazigo ;

Dos

Dos olhos a luz pura , a luz Divina
Não deixes perturbar , antes contente
No peito de outro Amante a face inclina.

Esquece Elmano , para sempre ausente
Da tua alegre vista encantadôra ,
E de mil bens te crôe o Ceo clemente.

Nunca a cega Fortuna enganadôra
Comtigo de seus mimos se arrependa ,
Nunca té negue os dons , de que he senhora.

Nunca o benigno coração té offenda
Zelosa furia : com seguros laços
Ao melhor dos Mortaes Amor te prenda.

Vive sempre ditôsa entre seus braços ,
Vive em serena paz , e a Deos , querida ,
Que para a Morte já dirijo os passos.

Ella chama por mim , vou dar-lhe a vida :
F'eliz eu no fim miserô , a que aspito ,
Se c'o a boca amorosa á tua unida.
Desentranhasse meu final suspiro !



A' Illustrissima, e Excellentissima Senhora
D. Marianna Joaquina Pereira Coutinho.

E P I S T O L A IV.

* * *

Piedosa, excelsa Heroína,
Tu, que em transcendente altura,
Com alma quasi divina
De huns evitaste a ruina,
De outros creaste a ventura:

Tu, que em formosa união
Com refulgente Nobreza
(Accidental condição)
Ligas mais alta grandeza,
Grandeza do coração:

Tu, que á Mãi do Luso Estado,
Chorada, Augusta Rainha,
Mereceste honroso agrado,
Colhe os ais, que te encaminha
Triste victima do Fado.

Teus

Teus bráodos, faceis ouvidos,
Ouvidos ha tanto affeitos,
Senhora, a atender gemidos
De roucos, anciados peitos,
Pela Desgraça opprimidos:

Teu favor, tua piedade,
Com que viva ao Ceo te elevas,
Abriguem minha anciedade,
Versos nascidos nas trévas,
Entre a dor, e a adversidade.

Pezado grilhão me opprime,
Duro carcere me fecha,
Tecem-me d'hum erro hum crime,
E a vil calumnia não deixa
Que a compaixão se lastime.

Sombra, qual o Averno, escura,
Impios Zoilos derramarão
Em vida de crimes pura:
As cadêas me forjarão,
Forjarão-me a desventura.

Eis doloso, eis negro véo
Meu são character encerta;
Monstros me pregôão Réo,
Tornão-me odioso á Terra,
Fingem-me rebelde ao Ceo:

Desesperada Agonia
Aggrava mais minha sorte,
E a meus olhos noite, e dia
Gyra o Fantasma da Morte
C'o a turva Melancolia.

Desparzio preces em vão
Angustia, que em mim se exalta,
Mas no centro da afflicção
Conheço que inda me falta
Invocar teu Coração.

Esse adoravel tesoiro,
Tesoiro da Natureza,
Furtado ao Seculo de oiro,
Póde expellir-me a Tristeza,
E mal peor: o Desdoiro.

Não te imploro, alta Matrona,
Como aquelle, a quem o enxame
De vicios mil desabona,
E em si cãe depois que infame
Sobre o delicto resona.

Eu, desvalido Mortal,
Ludibrio de Sorte injusta,
Amei sempre, avêso ao mal,
As Leis da Virtude augusta,
As Leis da recta Moral.

Se

Se casuâes erros fiz,
 (Socios da Idade imprudente)
 Meu desvario infeliz
 No coração innocente
 Não teve infesta raiz.

Da vaidade activo ardor,
 Que o peito inexperto inflammá,
 Das Musas suave amor,
 Sêde implacavel de fama
 Me sumirão neste horror.

Em versos não baixo, ou rude
 A teu animo propicio
 Já sagrar louvores pude:
 Se grato me fora o vicio,
 Eu não cantára a virtude.

Meu crime he ser desgraçado,
 Ou talvez não ser indigno
 De attrahir da Fama o brado:
 Hum Bando inérte, e maligno
 D'inveja me fere armado.

Risonhas, ternas Camenas
 Sobre mim lançavão flores
 Viçosas, brandas, amenas,
 E com benignos favores
 Affagavão minhas penas.

Dom

Dom divino, almo, e lustroso,
(Que a raros o Céu dispensa)
Azedou Tropel danoso:
O mérito he grave offensa
Ao Coração do Invejoso.

Alma gentil, não presumes
Que exaggera altivo abalo
Torpes, sordidos ciumes:
Se de mim com gloria fallo,
Honro a dadiva dos Numes.

Mas á triste, á maviosa
Frase da Consternação
Já volve a voz lamentosa;
Mais cobiço a compaixão,
Q'hum nome, que mal se gosa.

Não te interéssé o valor
(Se algum tem) do Vate afficto,
Commova-te o dissabor,
A desgraça, o pranto, o grito,
Que demandão teu favor.

Exerce efficaz valia,
Que me serene a Fortuna,
Irósa Fortuna impiá:
Para guarida opportuna
Meus ais, minhas anéias guia.

Pe.

Pelo Misero intercede,
Que a ti recorre em seus males,
Que prompto auxilio te pede:
O que pódes, o que vales,
Por minhas angustias mede.

Dá-me a luz, que respirei
No seio da Humanidade,
Roga que se abrande a lei,
Á que a doce liberdade
Submisso, e mudo curvei.

Que, ainda que rôta a lira
No chão desprezível jaz,
E a Musa, que já delira,
Sem harmonia, sem paz,
Em vez de cantar suspira:

No meu éstro anniquilado
Revivendo a morta chamma,
Te daria eterno brado,
Se ha muito o grito da Fama
Não te houvera eternizado.

TRI.



T R I T Ã O ,
 IDYLLIO I. MARITIMO.

Omnia vincit Amor.

Virgil. Gall. Eclog. X.

A Fóz do Téjo, em bronca penedia,
 Minada pelas ondas salitrósas,
 Prisioneiro de Amor, Tritão gemia.

Luzião-lhe as espadoas escamosas,
 Sustentava o mârítimo instrumento,
 O buzio atroador nas mãos callosas:

Conchas da côr do liquido Elemento
 Parte do Corpo enorme lhe vestião,
 Igual na ligeireza ao proprio Vento:

Da barba salsas gotas lhe cahião,
 E nos olhos que Amor affogueava,
 Em borbotões as lagrimas fervião.

Li-

Lilia, que hum Bosque proximo habitava,
Lilia a Napéa, desdenhosa, e bella,
Amorosos clamores lhe arrancava:

Hum dia a vio na praia, e só de vèlla
Seu coração feroz enfeitado,
Voou, gemendo, para os olhos della.

Das entranhas do Pélago salgado,
Louco de amores, louco de saudades,
O queixoso Amador tinha saltado:

Do Pai, que abafa as negras Tempestades;
Já seu voráz tormento era sabido,
E das outras equóreas Divindades.

De aéreas esperanças illudido,
Grão tempo seu Espirito saudoso,
Rastejando a cruel, vagou perdido;

Grão tempo glorias vás sonhou, teimoso;
Antes que dêsse fructuosa entrada
Ao acre desengano o peito ancioso.

Já pela transparente, immensa estrada
No Côche rutilante o Sol corria
Após a Aurora candida, e rosada,



Quan-

Quando envolto nas sombras da Agoniã
 Ao vento derrantava o Deos amante
 Taes queixas, que eu não longé occulto ouvia:

Lilia! Lilia! Ah cruel! Ver hum instante
 Teus olhos garços, tuas loirás tranças
 Para meu lenitivo era bastante.

Ardo, choro, e não vens, e não te amanças!
 Oh Ceos! Talvez nos braços cabelludos
 De vil, bicórneo Sátyro descanças?

Féra, peor que os Jacarés sanhudos,
 Rirás, talvez, com elle, em quanto abalo
 Com meus suspiros os penhascos mudos!

Ah! De zelos frenéticos estalo,
 E doces illusões desvanecendo,
 Na desesperação o Inferno igualo.

Quantas serpes contém seu bojo horrendo
 Vem cravar-me o lethal, maligno dente
 Pelas entranhas, que me estão fervendo.

Como te soffre o Ceo, como consente,
 Que ultrajem teus desdens a Prole augusta
 Do Numen, que maneja azul tridente!

Não

Não ponderas quem sou , barbara injusta!
Se o meu rendido amor te não commove,
Nem meu grande poder sequer te assusta!

No Mar á minha voz tudo se move:
Eu aos Deoses undivagos intimo
Altos Decretos do cerúleo Jove:

De Eólo as fúrias em tão pouco estimo,
Que até na horrivel , sinuosa Gruta
Com cem cadeas os Tufões lhe opprimo:

Muge o Mar , tremê a Terra , o Ceo se enluta
Apenas , Tempestade apregoando ,
Este meu buzio concavo se escuta :

Tambem , se quero , os duros sons lhe abrando ,
E os magos versos do Cantor de Thracia
Vou no riço instrumento arremedando ;

E desprezas-me ainda , e tens a audacia
De regeitares com soberbo enfado
O Filho de Neptuno , e de Salacia!

Em que , Nynfa cruel , te desagrado ?
Que te affugenta ? As lúcidas escamas ,
As verdes conchas , de que estou forrado ?

Pois

Pois isto, que, por feio, em mim desamas,
 E que te obriga a nunca me escutares,
 Geia em mais docil peito ardentes chammas.

Oh quantas vezes sahe dos vitreos Lares
 Só para ver-me Arginia, que, em se rindo,
 Enfrêa os Ventos, agrilhôa os Mares!

A Dóris, á benigna Mái fugindo,
 Brando affago me traz no lacteo rosto:
 O teu, Vaidosa, o teu não he mais lindo;

Mas a seus doces mimos sempre oppôsto
 Acha meu coração, que foge della,
 E vem sacrificar o amor ao gosto.

Debalde a triste Nynfa se desvéla...
 Em finezas, e em lagrimas, que tudo
 Engeito por amar-te, ó dura, ó bella:

Com semblante entugado, e carrancudo;
 Lhe atalho os ternos ais, e, se porfia,
 Ou as costas lhe volto, ou fico mudo.

Oh pазmo! Nem Proêo pensar devia,
 Que eu por huma campestre Semidéa
 A Prole de Nerêo desprezaria.

Mas

Mas ah ! Já sinto Amor , que me refrea
A perulante voz. Não mais , perdôa
A' desesperação , gentil Napéa :

Para meus braços amerosos vôa ,
Vôa , e verás entãõ , que alegres Hynos
Meu rude buzio , respirando , entôa.

Depois de ouvires os meus sons Divinos,
Mergulhando comigo , irás sem medo
Aos magestosos Paços Neptuninos :

Lá no seio de hum concavo rochedo
Jaz de meu Pai a esplendida Morada ,
Donde , para te ver , sahi tão cedo :

De oiro , e safiras altamente obrada ,
E de lustrosas conchas de mil cores
Com mimoso artificio variada ,

Attrahirá teus olhos , e os Amores ,
Que te acompanhão , lograrão , pasmados ,
Mais prazer entre as agoas , que entre as lizes :

Alli sobre diáfanos estrados
Oh Lilia , a par de Thetis , e Anfirite
Repousarão teus membros delicados :

Emx

Em honra tua festival Convite
 farei aos patrios Deoses : o meu gosto
 nos mesmos Immortaes inveja excite :

Meu venerando Pai, no Sólío posto,
 ton grave riso, e placida alegria
 a enil ruga alisará no rosto :

Eubros coraes, fulgente pedraria
 te oferecerá nos candidos regaços
 a trusma das Nereidas á porfia :

Aquella mesma, que em gostosos laços
 lertnde unir-me a si, teus olhos vendo,
 Coño, que te aperte entre seus braços :

Tnto poder terás ! Ah ! Vem correndo,
 Quejá seus raios de oiro o Sol dardeja
 Lo théreo Carro, o Mundo esclarecendo :

Puge os Ethontes, como que deseja
 A qda anticipar nas agoas, onde
 De jto, ó Nynfa, tuas graças veja.

Va, pois, Encanto meu, vem, corresponde
 Ao fvoroso amor, em que me inflammo,
 Sahe entre a basta selva, que te esconde.

Mas

Mas ai , que em vão te rogo , em vão te chamo :
 Nem fazes caso de meu Ser Divino ,
 Nem das lagrimas tristes , que derramo.

Peito insensível , peito diamantino ,
 As maviosas preces da ternura
 Não amacião teu rigor ferino.

Ah ! Basta de cegueira , e de loucura ,
 Basta de suspirar , Paixão funesta :
 Quem ha de n'uma penha achar brandura ?

Viboras , que jazeis néssa Floresta ,
 Vingai-me , envenenai c'ò tenue dente
 A Ingrata , que me foge , e me detesta :

Sinta rábidas ancias , como sente
 Meu triste coração , de Amor ferido ,
 Atassalhado de peor Serpente. . . .

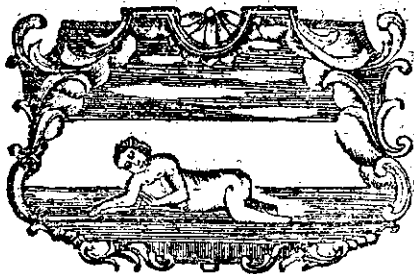
Mas não. Furias do Inferno , eu vos convido ;
 Sois mais dignas de mim : de vós se vale (*)
 Hum Deos irado , hum Deos escarnecido :

Re-

(*) Tritão , Deidade marítima , deve pedir , e não mandar ás Furias , que o vinguem ; por isso o verbo *Valer* me parece proprio. Juno , em Virgilio , implorando Eólo , fortifica o meu parecer.

Rebentai de Vulcão, que o Mundo abalê;
E a peste, que exhalais do peito horrendo,
O ferreo coração de Lillia rate.

Calou-se, e do alto Escolho á pressa erguendô
O formidavel corpo, inda mais alto,
E as negras mãos, frenetico, mordendo,
Por entre as ondas se abysmou de hum salto.





A NEREIDA,

IDYLLIO II. MARITIMO.

A Fóz do Mandóvi (*) sereno, e brando
 Alicuto infeliz estava hum dia
 Amorosos queixumes espalhando:

Alicuto, o Maritimo, que ardia
 Por Glaura, das Nereidas a mais bella,
 Que em vitrea lapa sem pezar o ouvia.

Doido pela não ver, doido por vèlla,
 E nas algosas pedras debruçado,
 Bradava desta sorte alli por ella:

Tanto, ó Glaura cruel, te desagrado,
 Que não deixas por mim, nem hum momento,
 As crespas ondas, o licor salgado!

Olha que em ais, e em lágrimas o alento
 Me vai fugindo, que a mordaz saudade
 Me rõe continuamente o soffrimento:

Tom. I.

O

Olha

 (*) Rio de Goa.

Olha, que lá me tens a liberdade,
 E que mais te não peço em recompensa,
 Que hum ar benigno, huns longes de piedade.

He digno tanto amor de tanta offensa!
 Ah! Que me faz odioso? A má figura?
 O pé gretado, a pallida presença?

Queres só quem te iguale em formosura:
 Pois sabe, que jámais verás objecto,
 Que possa merecer tua ternura.

Não devo á Natureza hum grato aspécto,
 He verdade: o meu mérito consiste
 N'um claro entendimento, e puro affecto.

Se a compasso da lyra o verso triste
 Entôo alguma vez, ao som canoro
 Ninguem, não sendo tu, ninguem resiste:

Que provas mais fieis de que te adoro,
 Que este incansavel pranto? E finalmente,
 Do meu mister que requisito ignoro?

Na manobra quem he mais diligente
 Que eu? Quem sabe deitar melhor o prumo?
 Quem no leme, e n'agulha he mais sciente?

A carga no Porão com régra arrumo,
Sei pôr á capa, sei mandar á via,
Como qualquer Piloto, e dar o rumo:

Sei como hei de correr com travessia,
E pela balestilha, ou pelo oitante
Achar a latitude ao meio dia:

Sei qual Estrella he fixa, e qual errante,
A Lebre, o Cisne, a Lyra, a Não conheço,
E Orión, tão fatal ao Navegante.

Talvez muito vaidoso te pareço;
Mas devo assim fallar, para qué vejas
Que teus desdens, ó Nynfa, não mereço;

E se o que digo he pouco, e mais desejas;
Irei, pois, outros méritos ganhando,
Até que tu de mim contente estejas:

Tentarei, por fazer teu genio brando,
Nunca tentados, nunca vistos mares,
Os meus Antepassados imitando;

E agora, se teus olhos singulares
Pozeres á flor d'agoa hum só minuto,
Dando-me allivio, serenando os ares,

Quero fazer-te hum mimo... ai ! Já te escuto,
 Oíço-te já dizer ; que não cobiças
 Donativos do misero Alicuto ;

Mas , apesar de tantas injustiças,
 Hei de cada vez mais mostrar-te o fogo,
 Que tu com teu rigor nesta alma atijas.

Ah ! Vem , Nereida , amanse-te o meu rogo
 Se te enoja o fallar , e estar comigo ,
 Não falles , apparece , e vai-te logo.

Topámos ha tres dias o Inimigo
 N'altura de Chaul ; travámos guerra,
 Sentio do Portuguez o esforço antigo ;

Fez-se huma preza , répartio-se em terra
 Inda agora : o quinhão , que lá me derão ,
 Este pintado cofrezinho encerra.

Nas mãos hum collar de oiro me pozerão
 Sobre aljofares mil : vi que , por bellos ,
 Do teu collo , e teus pulsos dignos erão.

O mesmo foi pegar-lhes , que trazêllos
 Para offercer-tos : vem (não he desdoiro)
 Vem accetallos , ou , sequer , vem vêllos ;

Mas

Mas que precisas tu, se és hum thesoiro,
Se tens mais lindas pérolas na bôca,
Se tens oiro melhor nas tranças de oiro!

Loucas idéas! Esperança louca!
Louco Amor! E offreci com voz ousada
A' Filha de Nerêo coisa tão pouca!

Mas se nem alma tão fiel te agrada,
Hum pobre, ó Glaura, hum triste Marinheiro
Que mais te ha de offerer? Não tem mais nada.

Já te entendo (ai de mim!) Bem sei, primeiro
Qual Glaucó irei vagar no Pégo vasto
Sobre as espaldas de Delfim ligeiro;

Pélo embate das ondas será gasto
Do soberbo Neptuno o grão tridente,
E os Palmáres ás Fôcas darão pasto;

Lá no oppôsto horizonte do Occidente
O dia apontará, primeiro (ah dura!)
Que tu me attendas huma vez sómente.

Bu que fiz, miseravel! Por ventura
Amor he crime! Para ser querida
Não creou Jove eterno a Formosura?

A

A que foi, como tu, no mar nascida,
 Por vencer Juno, e Pallas na belleza
 Mais que Pallas, e Juno he applaudida.

Porém se ainda assim suppões vileza
 Soffreres que hum Mortal se affoite a amar-te,
 Sendo tu de mais alta natureza;

E se levas a mal o importunar-te
 Com ais hum coração desesperado,
 Tyranna, porque tardas em vingar-te?

Pune, pune este amor desatinado;
 Eu não fujo, aqui estou: das ondas saia
 Tragador Jacaré, por ti mandado.

Sobre mim de repente o Monstro caia:
 Folgarás, vendo o sangue de meu peito
 A's golfadas saltar, tingindo a praia;

E eu morrerei contente, e satisfeito
 Por escapar de estado tão penoso,
 E inda mais por morrer por teu respeito.

Só temo, que o meu Caso lastimoso,
 O deploravel fim de meus amores
 Faça teu nome a todos horroroso.

Pro-

Proseguiria o Triste em vãos clâmorez,
 Mas vio, que para alli vinhão remando
 Nos lúbricos sadós (*) os Pescadores,
 E ficou mudo, para o mar olhando.



FILENA, OU A SAUDADE,

IDYLLIO III. PASTORIL.

Que terna, que saudosa cantilena
 Ao som da lyra Melibeo soltava,
 O Pastor Melibeo, que por Filena,
 Pela branca Filena em vão chorava!
 Inda me fere o peito aguda pena,
 Quando recordo os ais, que o Triste dava,
 O pranto, que vertia, amargo, e justo
 A' sombra que alli faz aquelle arbusto.

Tu,

(*) Barcos de pescaria na India.

Tu, maviôsa a chôros, e a clamores;
 Tu, Venus (Venus só na formosura)
 Luz de meus olhos, unicos amores
 Desta alma, e seu prazer, sua ventura,
 Que, reclinada, amarrotando as flores,
 Descanças em meu peito a face pura,
 Ouve-me os ais, e as queixas de outro Amante,
 Que ao teu no ardente extremo he semelhante,

Ceos! (assim começou, e eu escondido
 Entre as copadas arvores o ouvia)
 Por vós em duras mágoas convertido
 Vejo, em fim, todo o bem, que possuia,
 A' candida Filena estar unido
 Julgastes que hum Pastor não merecia:
 A mais doce prisão de Amor partistes.
 Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

Mal haja a Lei dos Fados inclemente!
 O seu poder, o seu rigor praguejo.
 Morre! Geral Verdugo! Estás contente?
 Já saciaste o sófrego desejo?....
 Mas Filena inda he viva, inda me sente
 Suspirar nos seus braços: inda a bejo....
 Ah meus olhos, morreo: sem alma a vistes.
 Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

Em

Em ti, cara Filena, a sepultura
 Tem de Amor, tem das Graças o thesoiro;
 Alli te arranca a Morte acerba, e dura
 Da mimosa cabeça as tranças de oiro.
 Eis terra, eis cinza, eis nada a Formosura...
 Ah! Que não pude perceber o agoiro
 Com que esta perda, ó Fados, me advertistes.
 Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

Hum dia, ha tempos, Lénia, a Feiticeira,
 Me disse: *Grande mal te está guardado!*
 Não mo quiz declarar, e ave agoireira
 De noite me piou sobre o telhado:
 Cuidei que perderia a sementeira,
 O rebanho, o rafeiro... ah desgraçado!
 Perdeste mais, e a tanto inda resistes!
 Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

A tua meiga voz, o teu carinho,
 Maior falta me faz, minha Filena,
 Que li no bosque ao rouxinol sósinho
 Da preza amiga a doce cantilena:
 O teu branco, amoroso cordeirinho
 Mal que se vio sem ti, morreo de pena:
 Balar saudoso, ó montes, vós o ouvistes.
 Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

O meu rebanho definhou de sorte,
 Depois que te perdi, que anda cahindo;
 Sécca estes campos o hálito da Morte
 Desde que ella sumio teu gesto lindo:
 Rogo-lhe vezes mil, que me transporte
 Lá onde, como Estrella, estás luzindo,
 Lá onde, alegre para sempre, existes.
 Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

A Roseira tambem, que tu plantaste,
 Teu prazer, e prazer da Natureza,
 Murchou-se logo assim que te murchaste,
 Oh flor na duração, flor na belleza:
 A pequenina rôla, que apanhaste,
 Não comeo mais, finou-se de fraqueza.
 Por que blasfemia, ó Deoses, me punistes?
 Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

Já pelas selvas, ao raiar da Aurora,
 Caçando, as tenras aves não persigo;
 Tudo me ancêa, me enfastia agora,
 Nem soffro os que por dó vem ter comigo.
 Figura-me a saudade a toda a hora
 Ternas delicias, que logrei contigo.
 Ah! Quão depressa, gostos meus, fugistes!
 Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

Como as formigas pelo chão, no estio,
Ou como as folhas pelo chão, de inverno,
No afflicto coração, que em ais te envio,
Jazem penas cruéis, quaes as do Inferno:
Ora me sinto arder, outr' hora esfrio,
Desfaz-me em ancias hum veneno interno:
Talvez meus pés, ó víboras, feristes!
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

Nos troncos, e nos mármores gravemos
Memorias de Filena idolatrada,
Tão digna de suspiros, e de extremos,
De tantos corações tão cubiçada:
Amor! Amor! Seu nome eternizemos...
Ai, que me falta a voz! Soccorro, amada;
Conforta-me dos Ceos, aonde assistes.
Não mais, ó triste lyra, ó versos tristes.



C R I N A U R A ,

O U

O A M O R M A G I C O ,

IDYLLIO IV. FARMACEUTRIO.

JA', da Noite ametade annunciando,
 O gallo velador tinha cantado;
 Regougávão nas sertas as raposas,
 Carpião pelas arvores os mochos,
 E no sórdido lago as rãs coaxávão.
 Por entre densas, pluviosas nuvens,
 Prenhes de raios, transluzia apenas
 Semimorto clarão da frôxa Lua.
 Entregue ao somno, o Racional jazia
 Ou nos braços de Amor, ou solitario,
 Sobre cama de feno, ou leito de oiro,
 Segundo teus caprichos, ó Fortuna,
 Com que das tudo a huns, a outros nada.
 Só n'um bosque de viboras coalhado,
 Fértil de sombras, sombras dos Infernos,
 N'um ermo, onde não ha pégada humana,
 Que dos Magos noctívagos não seja,

Ve

Velava hum delles , o amoroso Elmano ,
Perto de turvo , e rapido ribeiro ,
Que do atro seio de horrorosa gruta
Com rispido susurro hia correndo.
Fantasmas infernaes , que a negra Noite
Arroja á Terra , sacudindo o manto ,
Vagavão por alli : Górgonas , Furias ,
Que o pavoroso Bárathro vomita ,
Que exhaláo peste das cruéis entranhas ,
As serpes , as melenas assanhavão
Em torno do infeliz , queixoso Amante ,
Influindo-lhe a raiva , a dor , e a morte.
No centro da terrivel Assembléa ,
Com carrancudo aspecto o Malfadado
Só tinha em ti ; Crináura , os pensamentos :
Tu lhe negavas o fulgor suave ,
Com que teu rosto os Ceos abrilhantarão ;
Longe estavas , cruel , porém supprião
Aos olhos corporaes os olhos d'alma ;
Longe estavas , cruel , porém pasmado
Na fantástica imagem de teu gesto ,
Que vivamente Amor lhe debuxava ,
Desta maneira os ares atroava.

EL

E L M A N O.

Potentes versos meus, Arte divina,
 As tãtareas Cavernas invadistes,
 Commovestes Sumano, e Proserpina,
 Hydras, Cerastes, Furias attrahistes:
 Da fresca Lua a face crystallina
 Com tenebrosas nuvens denegristes,
 Domais as Feras nesta horrivel mata:
 Só não podeis vencer Crináura ingrata.

Versos! Versos! Oh dadiva celeste!
 Apinhando os Delfins ao som da lyra,
 O Musico Arión remir podeste.
 Das cubiçosas mãos, em que cahira:
 Desarraigaste as arvores, soubeste
 As penhas derreter; Amor te inspira,
 Amor a força tua em mim dilata,
 E não has de vencer Crináura ingrata!

Versos! Versos! Nas ermas sepulturas
 Com graça, pelas Graças influida,
 Furtando as Almas das prisões escuras,
 Tornais ás cinzas o calor, e a vida:
 A Dite, revogando-lhe as leis duras,
 Tirais a Nynfa, do áspide mordida:
 Tanto podes, ó Arte, aos Deoses grata!
 Só não triunfarás daquella Ingrata!

Ah!

Ah! Sim, tentemos outra vez a Sorte,
 A Ternura porfie, a Paixão teime;
 Deixai-me, ó Desenganos, longe, ó Morte:
 Deos Fébo, teu fervor minha alma queime.
 Eia, Venus, e Amor, dai-me hum transporte
 Digno de vós, ó Filho! O' Mai! Valei-me,
 Não só, não só por mim, de vós se trata:
 Vós venceis, se eu vencer Crináura ingrata.

Solte-se a vêa, principie o encanto;
 Versos! Versos! Crináura! Eu tos envio.
 Eis nas plumas de Zéfyro o meu canto,
 Eis Iris sobre o ar humido, e frio:
 Cessa o berro da rá, do mocho o pranto,
 Ficão mudas as Furias, mudo o rio:
 Lá mostra a Lua a face prateada.
 Trazei-me, versos meus, a minha amada.

Esta semente, de fragrancia bella,
 Aos raios veneravel como o Loiro,
 Planto aqui: flores mil brotarão della
 Súbito... ah! Ei-las, he feiz o agoiro:
 Accendâmos tres vezes esta véla,
 Cres'emos á terceira este bisoiro:
 Minha Mestre ma-deo, Canidia, a Fada.
 Trazei-me, versos meus, a minha amada.

As

As amoras silvestres espremamós
 Neste vaso de Alceo, Mágico experto;
 Sobre o licor sanguíneo desfaçamos
 Folha a folha esse cravo meio aberto:
 Misturemos-lhe agora o mel, e os ramos,
 Que torrei, que mói, remédio certo
 Contra o negro lacráo: não falte nada:
 Trazei-me, versos meus, a minha amada.

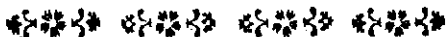
Pondo este roto véo, que era de Circe,
 Depois batendo o pé, Lâmia podia
 Converter-se em morcêgo, e restituir-se
 A' forma natural, quando queria;
 Eis o buço de lobo: a sabia Tirse
 Com elle assombros mil também fazia:
 Já com isto em serpente a vi. mudada.
 Trazei-me, versos meus, a minha amada.

Puz a seccar debaixo de hum penedo
 Crescida, e gorda rá, que apanhei viva;
 Dois ossos lhe guardei: pondo-lhe o dedo
 Qualquer Amante, seu amor se aviva;
 Tem a virtude, em fim, tem o segredo
 De amansar lobos: a caduca Oliva
 Com elles das mãos d'hum foi já tirada.
 Trazei-me, versos meus, a minha amada.

A torta vara, com que Ilêo fazia
 Milhões de Espectros negrejar nos ares;
 Com que ao minimo aceno embravecia
 Placidas auras, bonançosos mares:
 Parte do incenso, que Médca impia
 Dava da horrivel Hécate aos altares,
 Guardo naquella gruta, ao Sol vedada.
 Trazei-me, versos meus, a minha Amada.

Falta a cinza (ei-la aqui) do corvo bratico;
 Que Lcidas caçou, que tanto estimo:
 Dos feridos com ella o sangue estanco,
 E os quasi mortos, em querendo, animo:
 Eis a admiravel planta, com que arranco
 As mais crávadas séttas, eis o limo,
 E esta concha, no Eufrates apanhada:
 Trazei-me, versos meus, a minha Amada:

Produzi, meus encantos, vosso effeito
 Para gloria de Amor, e gloria minha;
 Venha curar o mal, que me tem feito
 Aquella, em cujos olhos me mantinha:
 Trazei-a... ah! Que prazer me inunda o peito!
 Que luz, que objecto para mim caminha!
 Que força occulta as forças me restaura!
 Basta, meus versos: alli vem Crináura.



A R S E L I N A,
I D Y L L I O V.

L Á onde em fôfa espuma se despenha
O gárrulo Alviéla transparente
De alcantilada, ruínosa penha,

Quando as sombras cahião do Occidente,
Renovando seus ais a Ave nocturna,
E a Rá loquaz seu cantico estridente,

Jazia o triste Elmano em ampla Furna,
Que, roçando a corrente crystallina,
Nega o concavo seio á luz diurna.

Alli ao som da humilde sanfonina
O Pastor solitario em vãs endeixas
Dava ás traições, e ás graças de Arselina
Ternas saudades, lastimosas queixas.

EL-

E L M A N O.

Desce, Noite piedosa, estende o manto,
 Que doirão do Ceo puro os vivos lumes,
 Toma, torna este horror mais denso, em quanto
 Dirijo inuteis ais aos surdos Numes;
 Dobra a tristeza do funéreo canto,
 Oh Mõcho, affeito ás sombras, aos queixumes,
 E tu, com quem meus males só mitigo,
 Instrumento fiel, geme comigo.

Arselina se entregá ao rude Algano,
 Em campos, em manadas opulento;
 De amor se esquece, esquece-se de Elmano,
 Elmano lhe voou do pensamento.
 Cruel certeza! Amargo desengano!
 E inda não me abafais o ancioso alento!
 Vida, teimosa vida, eu te maldigo.
 Instrumento fiel, geme comigo.

Fujão das Máis os tímidos Cordeiros.
 Para o Lobo voraz de hoje em diante
 Võem para os Milhafres carneiros
 A Pomba namorada, a Rola amante;
 Unão-se os Ceos, e os ingemes oiteiros,
 Oh torpe Algano, aos Brutos semelhante,
 Que Arselina também se unio contigo.
 Instrumento fiel, geme comigo.

P ii

Eu,

Eu, cativo de amor, cantando amores,
Mil vezes tenho os Zéfyras calado,
Eu pelos Maioraes, e Guardadores
O Cantor, o Poeta sou chamado;
Eu, e mais de huma vez, com hera, e flores,
Vencedor no Attraial, fui já croado,
Eu passei na carreira o leve Eurigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

Algano, mais agreste, e carrancudo
Que as noites, em que o Sul goteja, e berra,
Sabe apenas seguir o arado agudo,
E os bois aguilhoar, se acaso emperra;
Nas festas, nos serões parece mudo,
E estala, quando vê na alheia terra
Ceres mais liberal, mais grado o trigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

Mas, tal qual he, dos mimos de Arselina
Goza o boçal Vaqueiro, em quanto eu choro;
No collo a negra face lhe reclina,
E une a mão calejada á mão, que adoro...
Ah Pastora infeliz! Que encanto, ou sina
Te fez de hum Monstro escrava! Eu te deploro:
Tens na tua cegueira o teu castigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

A

A gralha idosa com sinistro agoiro,
Triste Mulher, predisse-me o teu Fado;
Mas ai, que vá quimera! A fome de oiro
Fez-te perjura, e fez-me desgraçado.
Tiveste por baixeza, e por desdoiro
Dar-te a pobre Pastor de estranho gado:
Desdenhar a indigencia he uso antigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

Porém no fatal dia, em que formaste
O pacto vil com sórdida avareza,
Não tremeste, infiel, não te lembraste
De tantos votos de immortal firmeza?
Das vezes, que em teus braços me apertaste,
Do ultimo excesso, da maior fineza?
Dize tu, dize, oh Noite, o que eu não digo.
Instrumento fiel, geme comigo.

Ah! Praza, praza aos Ceos, que ainda seja
Pesado á falsa o laço vergonhoso,
Ah! Praza, praza aos Ceos, que eu inda a veja
Chorar desprezos do grosseiro Esposo:
Para meu vingador o Fado eleja
O mesmo, que o viver me faz penoso,
Do meu socego o barbaro inimigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

As

As chagas, que me abriu alma perjura,
 A imagem da traição, que nos afasta,
 A ausencia curará, que tantos cura,
 O tempo gastará, que tudo gasta;
 Mas em que fundo a nescia conjectura,
 Se invencivel poder me attrahe, e arrasta?
 A' Cabra segue o Lobo, a Amor eu sigo.
 Instrumento fiel, geme comigo.

O Galgo esguio, a Lebre temerosa
 Hão de unidos brincar por entre o mato,
 Tereis, branco Jasmim, sanguinea Rosa,
 Desengraçada a cor, e o cheiro ingrato:
 Será mais que a do Cysne harmoniosa
 A voz do negro Corvo, ou rouco Pato,
 Antes que cesse o mal, que n'alma abrigo.
 Instrumento fiel, geme comigo.

Em quanto o succo do tomilho amarem
 Os mordazes Enxames voadores,
 E o Sol, e a Lua pelo Ceo gyrarem,
 E a mais bella Estação der vida ás flores,
 Quantos arderem, quantos suspirarem,
 Quer tristes, quer ditosos Amadores,
 Hão de fallar de mim com dor, e espanto.
 Instrumento fiel, põe fim ao pranto.

LÉ-



L É N I A,
 IDYLLIO VI. PISCATORIO.

AS arvores estavam gotejando,
 Bramia ao longe a costa, e resoava
 Pavoroso trovão de quando em quando;

Tudo horror, e tristeza respirava:
 Os ares, a montanha, o rio, o prado,
 E mais triste que tudo Elmano estava:

O Pescador Elmano, o malfadado,
 Que em aziago instante a Luz primeira
 Vio lá nas praias, onde morre o Sado.

Tu, pernicioso Amor, fatal Cegueira,
 Reinavas no infeliz, que em vão carpia
 Do claro Mandovi sobre a ribeira.

Oh Náiade formosa! (elle dizia)
 Oh Lénia encantadora, a meus clamores
 Tão surda como a surda penedia!

Da

Da boca, sempre escaça de favores,
 Que te exhala hum perfume, hum ar divino,
 Mais doce do que o halito das flores,

De huma palayra só pende o Destino
 Da paixão deploravel, com que gemo,
 Que se vai transtornando em desatino.

Reduzido me vejo a tal extremo,
 Tão macerado estou pelo desgosto,
 Que até me esfalfa o menear do remo,

Por ti com terno pranto alago o rosto,
 Por ti mil noites vélo, amargurado,
 E ao máo relento n'almadia (1) exposto.

Já que tens nos teus olhos o meu Fado,
 Vem consolar-me ao menos c'um sorriso,
 Vai-te depois, e deixa-me enganado.

Ha quantas horas estas margens pizo!
 Ha quantas pelas ondas te procuro!
 Ha quantas, quantas mais te não divizo!

Da tua branda vista o raio puro,
 A cor celeste, o frôxo movimento
 Aclarem, branca Lénia, o tempo escuro.

As-

(1) Embarcação pequena da India.

Assanha as ondas o impeto do Vento,
Negreja pelos ares o sombrio,
Grosso vapor do Inverno turbulento.

Gloria das Nynfas, gloria deste Rio,
Surge, assoma, apparece, e teus encantos
Farão subito aqui brilhar o Estio.

Ao som das agoas ouvirás meus cantos,
Ou antes (se meus versos abominas)
Ao som das agoas ouvirás meus prantos.

Sahe das humidas Lapas crystallinas,
Onde Thetis louçãa contigo mora,
Thetis, em cujos braços te reclinás.

Oh feliz Pescador! Oh feliz hora!
Oh dia de prazer, se te mereço,
Que saias huma vez das ondas fóra!

Não posso dar-te aljofares de preço:
Tortos buzios, seixinhos luzidios,
E amor, he o que tenho, isso te offreço...

Que sonhos! Que illusões! Que desvarios,
Quererás estes dons tu, que appeteces
Ais a milhares, lagrimas em rios!

Tu,

Tu , que foges de mim , que me aborreces ,
E que talvez contente lá no fundo
Ao ecco de meus gritos adormeces !

Tu mais cruel que o Tigre furibundo ,
Que o Jacaré voraz , e as outras Feras
Das toscas Brehas , e do Mar profundo !

Tu , que n'um odio barbaro te esmeras ,
Quando a ter compaixão de meus gemidos
Até dos Brutos aprender poderás !

Quantas vezes , de ouvir-me enternecidos ,
Sabem á tona d'agoa os lisos peixes ,
Que já não são do meu anzol feridos !

Ah ! Teu cego amador morrer não deixes ,
Sequer mostra-te ao longe , inda que os bellos
Olhos teus , por não ver-me , oh Lénia , feixes.

Negas , talvez , piedade a meus desvelos ,
Porque de lá me espreita o cabelludo ,
Monstruoso Tritão , fervendo em zelos ?

Elle he Deos , eu Mortal , mas não tão rudo ,
Não tão negro , como elle , e até lhe opponho
Hum amor mais sincero , e mais sisudo.

Em

Em fim de ser quem sou , não me envergonho ,
Nem tenho , oh Lénia , que rogar ao Fado ,
Quando c'ò a posse de teus mimos sonho.

Pergunta a quantos vem do Téjo , e Sado ,
Se alli me condenou vil nascimento
A este , em que mourejo , humilde estado.

Sempre entre os mais honrados tive assento ,
Venho dos Principaes da minha Aldeia :
Não cuides , que vás fabulas invento.

Lá sobre lindas flores , que meneia
Sadia viração , cantei mil versos ,
Mil versos , de que tinha a mente cheia.

Trabalhos , afflicções , Fados adversos
A melodia , a graça me apoucarão
Em Climas , do meu Clima tão diversos.

Porém que digo ! As agoas inda parão ,
Se alguma vez em doce , em triste canto
Meus frôxos labios o meu mal declarão.

Só tu , Nynfa gentil , desta alma encanto ,
Me foges , e suppoes , que te assegura
Perpétua gloria meu contínuo pranto.

Con.

Condição, insensível á ternura
Do mais perdido Amante, a Natureza
Te deo para senão da Formosura.

Não alardêes da feroz crueza:
Pondera, que o rigor póde privar-te
De adorações, que attrahe tua belleza.

Mas não, já me desdigo. Onde, em que parte
Ha de existir hum coração tão duro,
Que por seres cruel deixe de amar-te,

Se qual chêa, que aterra estavel muro,
Tu, posto que suave, e brandamente,
Avassallas o arbitrio mais seguro?

Ah! Vem por cima da fugaz corrente
Dar lenitivo á dor, que despedaça
Meu fiel coração, meu peito ardente.

Concede a tantos ais só esta graça:
Vem, Lénia, vem dizer-me por piedade,
Que alto excesso de amor queres que eu faça.

De bom grado, e sem medo á tempestade,
Se o mandares, verás, que á vela eu corro:
O mal, com que não posso, he a saudade.

Mas

Mas ímpia, tu não vens, não dás socorro
 A's minhas afflicções, aos meus clamores;
 Eu caio, eu desfaleço, eu morro; eu morro...
 Cavai-me a sepultura, oh Pescadores.



FELIZA,

IDYLLIO VII.

NO carro azul, de estrellas marchetado
 A Deosa, que o silencio traz consigo,
 Dera a parte maior do gyro usado.

No molle colmo, no grosseiro abrigo
 Convertia as fadigas dos Pastores
 Em doce languidez o somno amigo.

Nem bocejava Zéfyro entre as flores,
 Nem murmurava o Tejo, e só carpião
 Comtigo, Elmano, as Musas, e os Amores.

Elles teus pensamentos attrahião,
 Ellas na Lyra, a queixas costumada,
 Os lasso, frôxos dedos te região.

An-

Anguícoma Sibylla, annosa Fada,
Envolta em paite do nocturno manto
N'uma Gruta, onde jaz do Averno a entrada,

Lêo, susurrou lá de hórrido recanto
Teu Destino em fatidico volume
A' luz do inextinguível amianto.

Foste por Lei de inexoravel Nume,
Que chamão Sorte, condenado ás penas
Do Inferno dos Viventes, o Ciúme.

Negra Paixão, que as almas envenenas,
Que, cevando em visões o pensamento,
Bradas pela Vingança, á Morte acenas,

São ternos corações o teu sustento,
E em torrentes o pranto, o sangue em lagos
Grata bebida a teu furor sedento.

Amor he todo riso, he todo affagos,
Tu, de suave planta amargo fruto,
E's todo horrores, frenesis, e estragos.

Como que o pobre Elmano ainda escuto,
Que ao Ceo volvia o rosto amargurado,
Nunca de acerbos lagrimas enxuto;

Co-

Como que ainda observo o desgraçado
Lá nos campos de Scálabis (1) antiga,
Onde está vigiando alheio Gado.

Memoria , sê fiel , para que eu diga
As mágoas , que espreitei , pasmado , e mudo
Quando... mas ao silencio a dor me obriga :
Musas , fallai , nem todos pódem tudo.

E L M A N O .

Em quanto a compassiva Escuridade
Adoça minha dor , minha tristeza ,
Em quanto na geral tranquillidade
Se refaz a cançada Natureza ,
Com prantos de ciume , e de saudade
Gastemos destas rochas a dureza.
Acompanha meus ais , brando instrumento ,
Une teus sons , oh Lyra , ao meu lamento.

Não corre o Téjo , o vento não respira ,
Lobo não úiva , môcho não prantêa ,
E o doce rouxinol , que amor inspíra ,
Não tina affagos , nem a rá vozêa :
O tenue vagalume apenas gyra
Pelos ares , doirando a Sombra fêa ;
Dos queixumes de amor eis o momento.
Une teus sons , oh Lyra , ao meu lamento.

Ca-

(1) Santarem.

Cavei no rio , semeei nos ares ,
 Presumi nos Leões achar brandura ,
 Os ventos apalpar , conter os mares ,
 E no amargoso fel provar doçura ,
 Quando , exercendo excessos a milhar
 Quiz segurar o que ninguem segura ,
 O feminino , errante pensamento.
 Une teus sons , oh Lyra , ao meu lamento.

Qual a tenrinha flor , que o chão matiza ,
 E os Zéfýros attrahe com seu perfume ,
 Murcha , e desbota , se o descuido a piza ,
 Ou da fouce a reparte o liso gume :
 Tal a esperança , que me dêo Feliza ,
 Amortecida jaz pelo Ciume ,
 Serpe , que nas entranhas apascento.
 Une teus sons , oh Lyra , ao meu lamento.

Chamão-te gosto , Amor , chamão-te amigo
 Da Natureza , que por ti se inflamma ,
 Dizem , que és dos Mortaes suave abrigo ,
 Que enjôa , e péza a vida a quem não ama ;
 Mas com dura experiencia eu contradigo
 A falsa opinião , que hum bem te chama :
 Tu não és gosto , Amor , tu és tormento.
 Une teus sons , oh Lyra , ao meu lamento.

Feliza de Silêo! Quem tal pensará
 Daquella, entre as Pastoras mais formosa,
 Que a vermelha papoila entre a seara,
 Que entré as boninas a corada resa!
 Feliza por Silêo me desampara!
 Oh Ceos! Hum Monstro seus carinhos gosa;
 Ancia cruel me esfalfa o soffrimento.
 Une teus sons, oh Lyra, ao meu lamento.

Ingrata, que prestígio te allucina!
 Que magica illusão te está cegando!
 Que Fado inevitavel te domina,
 Teu luminoso Espirito apagando!
 O vil Silêo não pôe na sanfonina
 Geitosa mão, nem pinta em verso brando
 Ondadas tranças, que bafeja o vento.
 Une teus sons, oh Lyra, ao meu lamento.

A' rude casca do carvalho annoso
 He conforme o Pastor, que me preferes;
 Ganhar na Aldêa hum titulo affrontoso
 Com esse amor indigno, oh Vária, queres?
 Porém de que me admiro! Ai desditoso!
 Quem prende os corações das vãs Mulheres?
 Capricho, és tu, não tu, merecimento.
 Une teus sons, oh Lyra, ao meu lamento.

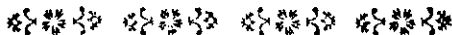
Metade do infeliz Genero humano
 Deriva da Mulher gosto, e desgosto,
 Que ella sabe c'o a voz doirar o engano,
 O Inferno traz no peito, o Ceo no rosto:
 Seu caracter fallaz, seu genio insano
 De imperfeições, de vicios he composto:
 Seu corpo de mil graças he portento.
 Une teus sons, oh Lyra, ao meu lamento.

Mas, Pastora infiel, se a melodia
 Do canto, em que entôava os teus louvores
 A vontade, os sentidos te attrahia,
 Como juraste á face dos Amores,
 Dá-me a razão da horrenda aleivosia,
 Qué cede a torpe objecto os teus favores,
 Finge-a, que eu te perdôo o fingimento.
 Une teus sons, oh Lýra, ao meu lamento.

Mas que razão darás á falsidade,
 Que te enxovalha, que te infama o peito,
 Senão, que he propria nelle a variedade,
 Senão, que á vil perfidia o tens affeito?
 Constancia feminil he raridade:
 (Ouvi ao bom Francino este conceito)
 Em vão recordo o sabio documento.
 Une teus sons, oh Lyra, ao meu lamento.

Tal.

Talvez.... oh ancias ! A importuna Aurora
 Os ares manso, e manso purpurêa ;
 Já volve a praguejada, infeliz hora,
 Que os ais me corta, as queixas me refrêa ;
 Fugamos, pois, que a Música sonora
 Dos ledos passarinhos mais me ancêa :
 Té que a Noite abrilhante o Firmamento.
 Cessem, Lyra, os teus sons, e o meu lamento.



F L É R I D A,

I D Y L L I O VIII.

OH Monte, Monte esteril, e escaldado,
 Amiga solidão, tristeza amiga !
 Eis hum pobre Pastor, e hum pobre Gado,
 Eu cheio de saudade, elle de fome :

Permitte Amor, que eu diga
 Por desaffogo o mal, que me consome :

Os clamores sentidos
 Da solitaria Nynfa, que responde

A meus ternos gemidos
 Lá da gruta, ou da mata, em que se esconde ;
 Vão ser n'outros Oiteiros,

Q ii

Vão

Vão ser n'outras Montanhas pregoeiros
 Das ancias, a que Flerida me obriga,
 E tu ouve injustiças do meu Fado,
 Da minha doce, e barbara inimiga,
 Oh Monte, Monte esteril, e escaldado,
 Amiga solidão, tristeza amiga.

Despenhada corrente,
 Modera a natural velocidade:
 Ah! que assim como foges, de repente
 Fugio do peito a Flerida a piedade;
 Assim como te lanças
 No valle, onde te empoças, onde canças,
 Do seio da Alegria
 Cahio meu coração no da Agonia.
 Para ouvires melhor hum descontente,
 Sumido nesta inculta soledade,
 Despenhada corrente,
 Modera a natural velocidade.

Passarinhos amantes,
 Já cantei como vós, mas já não canto:
 Passarinhos errantes,
 A vil ingratição me deo quebranto.
 Flerida está-se rindo, Amor suspira,
 Vendo no chão desfeita a minha Lyra;
 Amor, que os sons piedosos lhe emprestava,
 Com que o monte abalava,
 Com que as agoas prendia,
 Com que o bruto rebânho enternecia.

Ah!

Ah! Morreo-me o prazer, nasceo-me o pranto,
 Não sou quem era d'antes.
 Passarinhos amantes,
 Já cantei como vós, mas já não canto.

Oh Napéas mimosas,
 Que tendes preso Amor nas tranças de oiro;
 Onde o perfume dos jasmims, das rosas
 Adoça o cativo ao Moço loiro!

Oh mimosas Napéas!
 Vós, que por entre as flores,
 Já fugindo aos caprinos Amadores,
 Já compassando festivaes Coréas,
 Defendeis innocente formosura
 Do perigoso assalto da Ternura,
 Vinde, vinde attender-me;
 De vós não quero amor, quero piedade;
 Nem vós podeis prender-me,
 Que eu deixei n'outras mãos a liberdade;
 Vinde ouvir minhas vozes lastimosas,
 Mais tristes que a dos Passaros de agoiro,
 Oh Napéas mimosas,
 Que tendes preso Amor nas tranças de oiro.

Amo Flerida bella,
 Tão bella como vós, porém mais dura,
 Amo Flerida, aquella,
 Que foi a Amor, aos Ceos, e a mim perjurá,
 Aquella, que algum dia
 Entre os candidos braços me apertava,

Que

Que apenas os meus ais voar sentia ,
 Suspiros com suspiros misturava ;
 Que n'um terno transporte
 Jurou pela alta Mão , que move o raio ,
 Que , a ser possível , com valor constante ,
 Com risonho semblante
 Mil vezes tragaría o fel da Morte
 Primeiro (oh juras vás !) que me negasse
 Os seus olhos gentis , por quem desmaio !
 Aquella , que me deixa ,
 Que nunca suspeitei que me deixasse .
 Vós , que ouvís minha queixa ,
 Cordeiros , Ovelhinhas ,
 Que para mim com mágoa estais olhando ,
 Promessas da cruel , promessas minhas
 Vós escutastes , de prazer saltando ,
 Nesses dias tão bons , tão suspirados .
 Ah Nynfas ! Enterneção-vos meus brados ,
 Eu Satyro não sou desta Espessura :
 Vinde-me ouvir dizer , chorando nella :
 Comigo foi relampago a ventura ;
 Assim , assim o quiz Flerida bella ,
 Tão bella como vós , porém mais dura .

 Oh Ceos ! Oh Natureza ,
 Que a Flerida formaste de outra massa ,
 Que lhe déste huma graça ,
 Qual nunca possuiu mortal Belleza ,
 Ah ! Não vedes a Fera ! E como abusa
 Dos attractivos seus , que vós creastes ,
 Que

Que tão mal empregastes !
 Parece, que, zunindo, o vento a accusa !
 Não vistes como pôz no esquecimento
 O santo, o formidavel juramento !
 Escarnecer de hum misero, que geme,
 Não he dizer, oh Ceos, que vos não teme ?
 Não vingueis minha offensa,
 As offensas vingai, que vos tem feito....
 Que he isto, oh Deoses ? Tendes-lhe respeito !
 Surja lethal vapor da Estyge infensa
 A affear-lhe as formosas
 Faces Angelicaes de neve, e rosas,
 A amortecer-lhe a luz encantadora,
 Que em seus olhos chammeja :
 O perjúrio da bella Enganadora
 Nas suas perfeições punido seja.
 Sim, vingança, castigo,
 Raios contra a cruel... mas ah ! Que digo !
 Coração miseravel, tu deliras !
 Pedes vingança, raios, e suspiras !
 Vingança ! Contra quem ? Que pensamento !
 Que sacrilego rôgo !
 Ah ! Não, perdôa, Amor, foi desaffogo
 Da paixão, do tormento.
 Oh desejo maligno,
 Feroz desejo, da minha alma indigno,
 Onde vôas ? Detente,
 As Estrellas não toques,
 A terrivel Justiça não provoques
 Do Braço Omnipotente.

Eu

Eu vingar-me! Frenética lembrança!
 O crime he menos vil, do que a vingança.
 Eu vingar-me! E daquella,
 Que sendo tão tyranna, inda he mais bella!
 Elmano, morre tu, Flerida viva
 Quer branda, quer esquiva;
 Respeita-lhe a pasmosa gentileza,
 E vós não dupliqueis minha desgraça,
 Oh Ceos! Oh Natureza!
 Que a Flerida formastes de outra massa,

Amor sem fruto, amor sem esperança
 He mais nobre, mais puro,
 Que o que, domando a rispida esquivança,
 Jaz dos agrados nas prizões seguro.
 Meu leal coração, constante, e forte,
 Vendo a teu lado accezos,
 Flerida ingrata, os odios, os desprezos,
 O rigor, a tristeza, a raiva, a Morte,
 Forjando contra mim, por ordem tua,
 Mil settas venenosas,
 Em premio destas lagrimas saudosas,
 Inda assim continúa
 A abraçar-se em teus olhos... vis Amantes,
 Corações inconstantes,
 De sordidas paixões envenenados,
 Vós, a cujos ardores,
 A cujos desbocados,
 Infames appetites
 A Virtude, a Razão não põem limites,

Sus.

Suspirai por illicitos favores ,
Cevai-vos em tórpissimos desejos ,
Tratai , tratai de louco hum amor casto ,
 Que eu nos grilhões , que arrasto ,
Tão limpos como o Sol , darei mil bejos .
 Peçonhenta alliança ,
Vergonhoso prazer , de vós não curo :
 De ti sim , porque és puro ,
Amor sem fruto , Amor sem esperança .

Vamo-nos , gado meu , suspiros , basta ,
 Que ninguem vos escuta
Mais que esta arvore agreste , aquella gruta ,
E a corrente fugaz , que a banha , e gasta .
Não he delirio , que meus ais intentem
Achar piedade em coisas , que não sentem ,
 Quando são tão tyrannos
 Os corações humanos ,
Que folgão ç'os martyrios , que padeço ?
 Quando... ah Ceos ! Que enrouqueço ,
Já sinto o peito de gemer cançado .
Basta , suspiros , vamo-nos , meu gado .

ULA-



U L A N I A ,

O U

O A M O R V E N C I D O ,

IDYLLIO IX. FARMACEUTRIO.

EM selva , onde não entra a luz do dia ,
Se entranhou , alta Noite , o Mago Ilano ,
A cuja voz o Inferno estremecia .

Contra o poder do universal Tyranno ,
Contra Amor praticar determinava
Seu terrível poder , mais do que humano .

A funéreo Cypreste , onde cançava
Mesto Môcho importuno o som preságo ,
Que á negra Solidão o horror dobrava ,

Não longe de hum dormente , e turvo lago ,
Em que esparzia a rá seus roucos gritos ,
Se encostou suspirando o triste Mago .

Na aberta , esquerda mão tinha os malditos
Preceitos da Sciencia tenebrosa ,
Com sangue de Hydra por Medéa escritos ;
Ti-

Tinha na dextra a vara portentosa ,
 Que acordava os cadaveres na escura ,
 Subterranea Morada pavorosa.

Mil, e mil serpes, de hórtida figura ,
 A par delle apinhadas se enroscavão ,
 Zoando em torno a lobrega Espessura :

Os nocturnos Luzeiros de-maiavão ,
 As azas os Favonios encolhião ,
 Medrosos dos Conjuros , que esperavão ;

Eis-que elle os olhos , que em paixão fervião ,
 Pelo denso lugar correndo em roda ,
 Aos encantos , que as Furias constrangião ,
 Estes medonhos versos accommóda :

I L A N O.

He meia noite em ponto , he tempo idóneo
 Ao Rio , ao Acto , fertil de prodigios.
 Descrevo hum amplo circulo na terra ,
 Firo c'o a planta o chão , c'o a vara os ares ,
 E do torvo Sumano ao Reino escuro
 Mando o forçoso , pertinaz conjuro.

Oh

Oh tu, que lá na Região da Morte
 Dás leis com ferreo Sceptro em ferreo Throno,
 Mercê do Roubador, que á luz surgindo,
 Veio arrancar-te do Vergel Trinacrio:
 Outorga-me o favor, que em ti procuro,
 Hécate, sê propicia a meu conjuro.

Já cem vezes o Sol tem assomado
 Sobre o purpureo, lúcido Horizonte,
 Depois que intenso ardor me escalda as veias,
 Depois que adoro Ulânia... ah! Que hum rochedo,
 He menos frio, que ella, he menos duro.
 Hécate, sê propicia a meu conjuro.

Potentes, magas vozes susurrando,
 Já outr' hora esmagar tentei debalde
 A vibora de Amor, que róe meu peito,
 Qual pasce em Promethêo o Açor bravio;
 Mas de novo os prestigios aventuro.
 Hécate, sê propicia a meu conjuro.

Reina o silencio, dorme a Natureza,
 Menos eu, menos vós, oh Rás, oh Môchos
 Socios da Noite, da Tristeza amigos!
 Calai-vos, não turbeis as sérias cousas,
 Os mysteriosos versos, que murmuro.
 Hécate, sê propicia a meu conjuro.

Se

Se o magico Poder me dobras hoje,
 Fusco Bezerra, de enramadas pontas,
 O Altar, que te erigi na vasta Furna,
 Tinto de negra cor, cor, que te he grata;
 Em ondas banhará de sangue puro.
 Hécate, sê propicia a meu conjuro.

Ah! O agoiro he feliz: da esquerda parte
 Crestou fulminea Luz o véo da Noite;
 Já debaixo dos pés me foge a Terra,
 Já sulfureo vapor o Averno exhala
 Por bocas mil, que abrio no bronzeo Muro:
 Hécate, está propicia a meu conjuro.

De tantos, e tão graves Professores
 Desta Arte, que transcende a Natureza,
 Nem hum só tem noticia do thesoiro,
 Que me deo moribundo o velho Ormano,
 Meu Mestre, a quem devi alto conceito.
 Sahe, venenoso Amor, sahe de meu peito.

Herdei de Alcina (1) o Calis encantado,
 Que os que nelle bebião, transformava
 Em rios, feras, arvorea, penedos;
 Tenho o anel, com que Angelica formosa (2)
 Invisivel tomava o doce aspecto.
 Sahe, venenoso Amor, sahe de meu peito.

Con-

(1) Ved. Orland. furios. d'Ariost. Cant. 10. Stanz. 45.

(2) Ved. o mesmo no Cant 11. Stanz. 6.

Conservo o côto da cerúlea tocha ,
 Que só nas ermas horas da alta Noite
 Empunhava Canidia , quando , oh Manes ,
 Soltas as tranças , enfiado o rosto ,
 Hia abanar-vos o marmoreo leito.
 Sahe , venenoso Amor , sahe de meu peito:

De humra Fera , que imita a voz humana , (1)
 Que os Mortos do sepulcro extrahe , faminta ,
 Em caixa de azeviche os olhos guardo ;
 Convertem-se-lhe em pedras , quando morre :
 Da cova de Merlim trouxe-os Bieito.
 Sahe , venenoso Amor , sahe de meu peito.

O nitido Pavez do Mago Atlante (2)
 He meu tambem : no alifero Ginete
 Com elle o Velho a quantos se lhe oppunhão
 Attonicos , e cegos derribava.
 Da materia solar parece feito:
 Sahe , venenoso Amor , sahe de meu peito.

Com estas , e mais coisas milagrosas
 Tem cahido a meus pés soberbos Toiros ,
 Leões horrendos , maculosos Tigres ;
 Mas contra ti , cruel , que me devoras ,
 De outras mais presentâneas me aproveito.
 Sahe , venenoso Amor , sahe de meu peito:

Ro-

(1) Hyena , animal , de quem Plinio , e outros con-
 tão fabulosos prodigios.

(2) Ved. Orland. furios. Cant. 2. Stanz. 56.

Reçando a singular planta Merathro, (1)
 Restaura a serpe o lume aos turvos olhos:
 Contra tua cegueira, e teu veneno
 No desengano assim minha alma encontre
 Luz salutar, antidoto perfeito.
 Sahe, venenoso Amor, sahe de meu peito.

Nos Bosques de Ida (2) o Cervo assetteado
 Correo ao dictâmo, engole-o, cáhe-lhe a frécha:
 Com igual promptidão ceda aos prestigios
 Aquella, que invisivel me traspassa,
 Ulania, dura Ulania, a teu respeito.
 Sahe, venenoso Amor, sahe de meu peito:

Eis lume accendo c'ô fuzil de Ormano,
 Que produz instantânea labareda
 Sobre a lígnea materia, a que se applica.
 Já pega, estala, ondêz a rôxa flamma,
 E em cima os pós veneficos lhe deito.
 Sahe, venenoso Amor, sahe de meu peito:

Com ferrugínea agulha huma picada
 Dou sobre o coração deste morcêgo,
 E digo: como a esta ave nocturna
 Pelo golpe mortal se escôa a vida,
 Tal tu me fujas, que me tens sугeito.
 Sahe, venenoso Amor, sahe de meu peito.

Com

(1) Veja-se a Historia natural de Plinio.
 (2) Monte de Greta.

Com rígido cordel de sete cores
 Enleio vezes três esta figura,
 Que a desabrida Ulania representa;
 Outras tantas depois me curvo á Deosa
 Das Trévas: o impar numero he-lhe acceito.
 Sahe, venenoso Amor, sahe de meu peito.

Bem como nesta pedra de Amianto
 Arde pasmosa chamma inextinguivel,
 Se atêe, e ferva em mim perpétua sanha,
 Implacavel rancor contra o Tyranno,
 Que esmaga os corações em laço estreito.
 Sahe, venenoso Amor, sahe de meu peito.

Dou tres nós nesta fita de tres pontas,
 É c'o as palmas das mãos eis os desfaço,
 Esfregando-os sómente: o nó, que déste
 Na minha liberdade, oh Monstro cêgo,
 Com prodigio maior seja desfeito.
 Sahe, venenoso Amor, sahe de meu peito.

Do modo que este Corvo, rociado
 De somnifero humor, qual o do Lethes,
 Cabecêa, estremece, e cáhe sopito,
 Cale, adormeça em mim tenaz lembrança
 De Ulania, da cruel, e a teu despeito
 Sahe, venenoso Amor, sahe de meu peito.

Co-

Como a garrula rá no charco imundo
 A vozear de noite he costumada,
 Tu, execrando Algoz da Humanidade,
 A tragar os Mortaes, a encher a Terra
 De males sem medida estás affeiro.
 Sahe, venenoso Amor, sahe de meu peito.

Mordo as mãos, bato o pé, retorço a vista,
 As Filhas de Acheronte arremedando,
 E com tremenda praga Amor fulmino.
 Perfido, Injusto! Engulão-te os Infernos;
 Basta, obedece ao magico preceito,
 Sahe, venenoso Amor, sahe de meu peito.

Oh Ceos! Que assombro! Os olhos se me enxugão,
 Aos tristes labios os sorrisos voltão!
 Já n'alma os furacões, que me agitavão,
 Trocados sinto em placida bonança!
 O encanto produzio ditoso effeito:
 Amor cedeo, fugio, deixou meu peito.



AS TAGIDES,
IDYLLIO X. PISCATORIO,

Offerecido em Goa ao Senhor Sebastião José Ferreira Barroco, Desembargador da Casa da Supplicação, e Secretario do Estado da India.

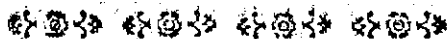
S O N E T O.

N Em só commove o tom de altos Cantores,
Enternece tambem, tambem recrêa
Ao som de crystallina, e tarda vèa,
A rude, e baixa voz dos Pescadores.

Tu, pois, cujo pincel produz mil flores
Dos campos, que Hippocrene afformosêa,
Queixumes contra Armia, e Dinopêa
Ouve a seus desgraçados Amadores.

Ais, que dêrão no Tejo, aqui voárão,
Depois de serem lá desattendidos
Das Tagides crueis, que os motivárão,

Agora vão parar nos teus ouvidos,
E nelles com razão, Sebástio, párao,
Que não te enojas de escutar gemidos.



AS TAGIDES,

IDYLLIO PISCATORIO.

DE Sadio, e Tagano os vãos clamores
Em toco verso renovar desejo,
Ambos amantes, e ambos Pescadores.

Parece-me, que ainda os ouço, os vejo,
Como quando escondido os espreitava
Onde, salgado já, susurra o Tejo.

No regaço de Thetis descançava
O loiro Febo; á porta do Occidente
A Noite sobre o carro negrejava;

Hia para os cazas a rude Gante,
Só do curto bated os dois soltavão
Queixas, lagrimas, ais inutilmente:

Morrião de sandades, suspiravão
De amor por Dinopéa, e por Armia,
Que entre o Coro das Tagides brilhavão.

O choroso Tagano a voz erguia,
 E Sadino após elle: eu sempre attento;
 Decorava entretanto o que lhe ouvia,
 E tal era o recíproco lamento:

T A G A N O.

Arnia, no semblante mais serena,
 Que o manso Tejo azul, quando nem bole
 A tenue viração na tarde amena,
 Embalando o raminho curvo, e molle;
 Mais ímpia a quem por ti nem olhos cerra,
 Que o Tubarão no Mar, que o Lobo em Terra!

S A D I N O.

Dinopéa, mais loira, e mais corada,
 Que a nuvem da manhã, do Sol ferida,
 Mais branca, mais gentil, mais engraçada,
 Que a Deosa, que he dos Deoses tão querida;
 Mais cruel, mais fatal a hum triste Amante,
 Que o canto da Serêa ao Navegante:

T A G A N O.

Mil vezes corro a praia, ora apanhando
 Conchinhas para ti, bella Inimiga,
 Outr' hora dos penedos arrancando
 Raiados mexilhões, de que és amiga:
 As mãos, por te agradar, mil vezes firo,
 E nem sequer me soffres hum suspiro.

S.A.

S A D I N O.

Ruivas lagostas , maculosas trutas ,
 O salmonete , o pâmpano te offreço
 Para attrahir-te , para ver se escutas
 Parte das penas , que por ti padeço ;
 Mas se vou dar-tos , foges de improviso ,
 E nem sequer me enganas c'um sorriso.

T A G A N O.

Viste bater no baixo pedregoso
 Misera não , dos ventos impellida ,
 Que , aberto o fragil centro cavernoso ,
 Em breve pelas vagas he sorvida ?
 Pois , qual a triste não sobre os escolhos ,
 Minha alma vim perder nesses teus olhos.

S A D I N O.

Não tens visto das ondas agitada
 A boia , sem parar hum só momento ,
 Ou quem sobre esçarceos com ancia nada ,
 Quasi rendido á furia do Elemento ?
 Pois tal meu coração , por culpa tua ,
 Em amorosas lagrimas fluctua.

TA

TAGANO.

Inda, Nympfa cruel, não te enternece
 Hum Triste, em pranto, em ais quasi desteito?
 Ah! Que não sabes quanto mal parece
 Hum feroz coração n'um lindo peito,
 N'um corpo delicado alma tão dura,
 Tanta maldade em tanta formosura!

SADINO.

Não basta ainda, oh Tagide, não basta
 De offensas, de rigor, de iniquidade?
 Em que peito arderá paixão mais casta,
 Do que a minha paixão? Quem na lealdade,
 Quem me vence no amor? De hum teu benigno,
 De hum teu suave olhar quem he mais digno?

TACANO.

Querem-se os brutos: amão-se os golfinhos,
 E os outros peixes no interior das agoas; e
 Dão-es mil berjos os fieis pombinhos,
 A todos causa Amor prazer, ou magoa;
 Só tu, que o seu poder não reconheces,
 Nem por Amor te alegras, nem padeces.

S A D I N O.

Gemer o Deos da Guerra os Ceos ouvirão
 Pela Filha do Mar, Mãe dos Amores,
 Namorado Neptuno as ondas virão,
 E ao selvatico Pan os seus Pastores;
 Ardeio tambem por Acis Galatêa:
 Quem te resiste, Amor? Só Dinopêa.

T A G A N O.

Se por ser Pescador te desagrado,
 Se o meu sordido officio te injuria,
 Tambem com redes Glaucó foi creado,
 Glaucó viveo tambem da Pescaria:
 Que importou ser humilde? He Deos agora,
 Hoje como Deldade o mar o adora.

S A D I N O.

Se acaso de meu rosto a côr tostada,
 Meus pés grosseiros, meu cabelo escuro,
 E esta mão, das êscoras talejada,
 Me ganhão teu desprezo amargo, e duro,
 Vê, que nem só na graça, e na belleza
 Faz consistir seus dons a Natureza.

TAGANO.

Eis por entre as estrellas vem raiando
 A alva Lua... eia, a some, oh Nynfa bella,
 Teu branda corpo sobre o Tejo brando,
 E sobre o Tejo brilhará mais que ella;
 Dá, dá gloria a meus olhos... mas ai louço,
 Que esfalfo em gritos vãos o peito rouco!

SADENO.

Deixa, causa gentil de meus martyrios,
 Deixa o fundo arenoso, he tempo, amansa
 Com tua vista as ancias, os delirios
 Desta alma, que sem ver-te, não descança;
 Vem, pois, e o meigo Amor contigo venha...
 Mas triste, com quem fallo! Ah! c'uma penha

TAGANO.

Suaves esperanças atégora.
 Nutri de amaciar teu genio duro,
 Que por costume ao coração, que adora,
 Sempre se representa hum Bem futuro;
 Mas menos cego já, menos insano,
 Ouvidos quero dar ao desenganço.

S A D I N O.

Atégora pensei, que os teus rigores
 A' força das finezas cederião,
 Que minhas queixas, lagrimas, e amores
 Ao meros compaixão te inspirarião;
 Credulo fui; mas já, desenganado,
 Conheço que o meu mal provém do Fado,

T A G A N O.

Já não te afflijo mais, cruel, socega,
 Repousa, vive alegre, e descançada;
 Nunca mais, a pesar da paixão cega,
 Com meus gritos serás importunada;
 Mas teme, que dos Deoses a vingança
 Venha punir tão barbara esquivaça.

S A D I N O.

Já me calo, cruel, já não prosigo
 Nestes vãos desaffogos da amargura;
 Assaz desperdicei meus ais contigo;
 Desperdiçallos mais será loucura;
 Mas treme, treme, ainda que te escondas;
 O Raio vingador penetra as ondas.

Fal-

Faltos de alento os dois aqui pararão,
 Hum para o outro olhando,
 Em silencio a chorar continuando,
 E depois que esgotarão
 De infructuosas lágrimas o peito,
 Se forão recolher no tosco leito,



A

PURÍSSIMA CONCEIÇÃO

DE

NOSSA SENHORA,

CANTO I.

Profana Lyra, a molles sons affeita,
 Vil instrumento; minha mão te engeita;
 Caducas perfeições; servís amores;
 Não mais, não maculeis os meus louvores.
 Tu, doce Chamma, Angelica Ternura,
 Que o Creador envia á Creatura,
 Oh Dádiva Celeste, oh Dom do Immenso,
 Com que aterrámos Satanáz infenso,

Com

Com que a Tormenta das paixões se acalma,
 Baixa dos Ceos, e purifica esta alma.
 Eis desce, eis desce, não me engano, he ella,
 Agora sim, que posso, ó Virgem bella,
 Enxugar criminoso, indigno pranto,
 E a teus ouvidos elevar meu canto:
 Profana Lyra, a molles sons affeira,
 Vil instrumento, minha mão te engeita.
 Inda no horror do Cahos, ou do Nada
 Jazia a Natureza inanimada,
 Inda na vasta Região dos ares
 Os grandes, os pasmosos Luminares,
 Que o Pólo aclarão, que os Viventes guião,
 Que as Ondas, abrilhantão, não luzião,
 E já Maria, para Deos guardada,
 Na Idéa Omnipotenté era creada.
 Ah! Cante-se o prazer, cante-se a gloria
 Do Ceo, da Terra, aclame-se a Victoria
 Da Immaculada Virgem Saoro-santa,
 Daquelle, que te impôz a invicta planta,
 Tartarca Serpe, na cerviz medonha,
 Ficando illesa da infernal peçonha.
 Lá vejos Pais communs, que o Monstro opprime,
 Lá caminha o Remorso após o Crime,
 Lá oigo a Voz horrisona do Eterno,
 Que faz tremer a Abobada do Inferno.
 Deos grita, Deos pergunta: ingratos, como
 Vos atrevestes ao vedado pomo:
 Que! Pertendieis hombrear comigo!
 Da vossa rebeldia eis o castigo.

Do

Do Eden minha Justiça vos desterra,
 Ide habitar a miseravel Terra:
 Ella avarenta, Adão, jámais enxutos
 De teus suores te dará seus frutos:
 Tu, crédula Mulher, que o seduziste,
 Com dor produzirá; e o duro, o triste
 Padecimento, a que ambos vos condêno,
 E que a tão grave culpa inda he pequeno,
 Grassará com terrivel igualdade
 Pela vossa infeliz Posteridade.
 Oh Sentença fatal! Oh cruel Sorte!
 Herança horrivel! O Peccado! A Morte!
 Já principião a ferver na Terra
 A Soberba, o Furor, a Invéja, a Guerra.
 Da Victima primeira o sangue corre:
 Abel, o grato ao Ceo, lá cahe, lá morre
 A's mãos perversas de Caim maldito,
 E aos Astros sôbe da Innocencia o grito.
 Pune, fulmina os Monstros do Peccado
 O Braço vingador de hum Deos irado:
 Elle as ethéreas Cataractas solta,
 Paternos Olhos a Noé só volta:
 Cahê a Torrente, em átras Nuvens preza,
 E agoniza, boiando, a Natureza.
 Que espectáculo, oh Ceos! Q'horror! Q'espanto!
 A negra Estancia do contínuo Pranto
 O proscripto Universo representa
 Na pavorosa, na geral Tormenta,
 E o Divino Furor, ainda não pago,
 Arroja sobre os Homens novo estrago:

El-

Elle, Babel sacrilega, te arraza,
Igneo chuveiro, ó Sodoma, te abraza,
Aqui, e' alli, silvando, o Raio vóa;
Mas o terrível Deos em fim perdôa.
Vê com piedade o Mundo agrilhoado
Pelo Tyranno, contra nós armado,
Que rege as Trévas do medonho Inferno,
Que céva as furias em tormento eterno.
Remir-vos, ó Mortaes, do Cativoiro
Eis que resolve o Numen Justiceiro:
Fecundada por Elle idosa Planta,
Brota o Celeste Fructo, a Pura, a Santa,
Cujó louvor os Serafins entôão
No reluzgente Empyreo, que povôão,
E cuja Conceição, por Deos obrada,
Da Mancha universal foi preservada.
Virgem depois de Mãi, Mulher bẽmdita,
Debalde o torvo Lúçifer vomita
Contra ti do espumante, horrível seio
O veneno lethál, de que está cheio;
Contra ti seu furor em vão despede,
A teu alto Poder o Monstro cede:
Tu lhe calcas a fronte ameaçadora,
Que erguêra para Deos, tu, Vencedora,
Por terra deixas o Dragão danado,
Que nos Infernos cabe desesperado,
Atremessando ao Ceo com voz blasfema
Hórridas pragas contra a Mão Suprema.
Esposa, Filha, e Mãi do Omnipotente,
Iris de paz á deploravel Gente,

De-

Depósito ineffavel da Pureza,
 Que honraste a nossa fragil Natureza;
 Do Deos Homem dignissimo Sacrario,
 Que os Thesoiros sem fim do eterno Erario
 Resumidos contêns nas Graças tuas,
 Que outros Sóes, outros Astros, outras Luas,
 Invisiveis a nós, lá vês, lá pisas
 No almo, nítido Ceo, tu divinisas
 Meus versos, dedicados atégora
 A vãos Prestigios, que a Fraqueza adora:
 Ah! Dos teus olhos humo volver piedoso
 Desarme, ó Virgem bella, o Justicoso
 Ente Immortal, que os Improbos fulmina;
 Apaga o Raio, que na Mão Divina
 A prumo sobre a fronte me chammeja:
 A quem te invoca teu Favor proteja:
 E vós, sabios Alumnos, que obtivestes
 Tão vasta profusão dos Donis celestes,
 Fecundas Mentres, o Calor sagrado
 Exhalai neste Dia abençoado,
 Dos labios entornando as frases de oiro,
 Com que tendes ganhado o Aonio Loiro.

*Recitação na Academia de Bellas Letras de Lisboa
 em Dezembro de 1790.*


 Á IMMACULADA CONCEIÇÃO
 DE
 NOSSA SENHORA.

CANTO II.

Recitado em Sessão publica da Academia de
 Bellas Letras de Lisboa, no mez de De-
 zembro de 1791.

*Laus, & gloria sit tibi, sancta Trinitas, quae
 omnes nos ad hanc celebritatem convocasti.*

De Serm. Sanct. Cyrill. Episc.
 Alex. in Homil. contr. Nestor.

R Asga o seio da Terra, e desce, oh Musa,
 A' Masmorra, onde os Réprobos arrastão
 Sempiternas, horrisonas correntes...
 Que pavorosa confusão rodêa
 O praguejado Throno ao Rei das Sombras!
 Seus torvos Cortezáos como esbravejão
 Nos sulfureos Vulcões, que o Orco exhala!
 A negra inveja que alarido arranca
 Das carcomidas fatices!
 Veneno em borbotões, lágrimas suas,
 O carão cõr da noite ao Monstro escalda!

A

(Diz aos seus o Infiel) victimas tristes
 Do Poder, que despotico afferrolha
 No carcere da Morte altas Essencias,
 Creadas para o Ceo, donde cahirão;
 Inda tantos horrores não bastavão;
 Inda a pezada Mão, que nos opprime,
 Achou leve o supplicio, em que penamos...
 Oh lembrança, peccr que quantos males
 No bojo abrasador contém o Inferno!
 Apenas arrojados nestas Furnas,
 Nova, e mais que terrifica vingança
 Fulmina contra nós o Irresistível,
 Não que mande roncar trovão medonho;
 Não que maneje o rápido corisco:
 Quer dar-nos outra especie de tormento,
 E sobre nossas fronte descarrega
 O pezo enorme de perpétua affronta.
 Seu hálito, seu braço á vil materia
 Dão fórma, vida, intelligencia, graça,
 E ineffaveis delicias no Eden puro;
 Bem que ao nosso furor não foi vedada
 A sagaz tentação, que, apodrentando
 Na raiz fraca o Tronco desprezível,
 Faz grassar o contagio
 Por todos os seus ramos, e os submette
 Ao jugo do Peccado, á lei da Morte:
 De herdada corrupção contaminados
 Ficão todos em fim.... mas ah! Não todos;
 Que hum delles escapou do estrago horrendo,
 Hum só delles, hum só.... Maria! Oh Nome,
 Tom. I. S. Que

Que no Imperio de fogo, em que domino,
 Me aterras como o raio inevitavel,
 Que arder senti na attonita cabeça,
 E cuja cicatriz inda conservo!
 O Numen vingador na Immensa Idéa
 Já tinha antes dos Tempos excluido
 Da geral, triste herança
 A Mulher portentosa,
 Que intracta produzio o ethereo Fructo,
 O Filho Redemptor, que desde os Astros,
 Armado de pavor, e Omnipotencia,
 Nos despenhou no Abysmo, onde jazemos.
 Resolução fatal á nossa furia!
 Elle os Homens adopta, ao Pai se offrece
 Expiadora Victima do crime,
 De que via infectada a Humanidade.
 Nas azas dos Espiritos celestes
 Desce ao Mundo, e vestido o térréo Manto,
 Eis começa a limar da culpa os ferros.
 Espessa multidão, que ao Verbo attende,
 Já principia a praguejar meu nome,
 E a nova Lei nas almas se lhe arreiga.
 Debalde (oh raiva!) aos impetos do Inferno
 Os corações incredulos cedêrão,
 Erigindo Patibulo affrontoso,
 Onde soffresse voluntaria morte
 Elle, a Hostia de Paz, e de Alliança:
 Ah! Seu sangue lavou a antiga nodoa,
 Que os terrestres Espiritos manchara;
 E que assombros, que espantos, que prodigios

O cruento Espectaculo seguirão!
 Subito em dois se fez o vóo do Templo,
 A ordem se alterou da Natureza,
 Do ferreo sono os Mortos despertarão,
 Sumio-se a luz do Sol no horror das trevas;
 E a Terra em convulsões, e o Poio em chammas
 Fizerão logo authentico o Deicidio.
 Hoje no livre Mundo he memorado
 O grão principio do commum resgate:
 Lá são ledos canticos festivos,
 Que, voando ás estrellas, acompanhão
 Tépidas nuvens de Sabeo perfume.
 Maria, abençoada entre as Mulheres,
 A'quelle universal, canoro applauso
 Serve de objecto; os Homens lhe consagrão
 Interna adoração „ tu és (exclamação)
 „ A Flor sagrada, e pura,
 „ Em que pousou o Espirito Divino;
 „ A salvação por ti desceó ao Mundo,
 „ No Eterno Pensamento Omnisciente
 „ Teu ser, oh Virgem, precedeo aos Evos:
 „ Como Cedro no Libano exaltada,
 „ Qual Rosa em Jericó, tu resplandeces
 Mais que o Sol no Zenith: acceita, acolhe
 Em teu piedoso ouvido humanas preces.
 Oh desesperação! E eu pronuncio
 No louvor de Maria a minha injuria!
 Eu, que... vibrar sacrilega blasfemia
 Hia o Monstro infernal, mas na garganta
 A voz, achando obstaculo, recúa.

S ii

Por

Nas roçagantes vestes,
 Cor do estivo clarão, que filtra os ares!
 De alados Génios candida Falange
 Reverente a ladêa,
 E, pelas niveas dextas balançados,
 Pingue, fragrante aroma, em honra á Diva,
 Os fumosos thuribulos derretem....
 Mas que feroz Dragão lhe jaz ás plantas,
 Sangue a boca medonha, os olhos fogo!...
 Rabido arqueja, tumido sibila,
 Baldadas forças prova
 Contra o pé melindroso
 No collo enorme, na cerviz calcada,
 Que rubras conchas escabrosas forrão:
 Enrosca, desenrosca a negra cauda,
 E em horridos arrancos desfalece!...
 Oh triunfo! Oh Mystério! Oh maravilha!
 Oh celeste Heroína! A sacra Turma,
 Os Entes immortaes, que te rodeão,
 Moduláo tua gloria em almos hymnos,
 Que entre perfumes para os Astros voão....
 Eis no leito arenoso as vagas dormem,
 Razas cedendo á Musica Divina:
 Pio ardor pelas fibras me serpêa,
 E encurvado repito os santos versos:

Oh Virgem formosa,
 Que domas o Inferno,
 Creou-te ab eterno
 Quem tudo creou,

Illesa notaste
Do Mundo o naufragio,
Da culpa o contagio
Por ti não lavrou.

Nas tuas virgineas
Entranhas sagradas,
Do Ceo fecundadas,
O Verbo encarnou.

A grande victoria
Do Genero humano
Contra esse Tyranno
De u começou.

Depois de lograres
Triunfo completo,
Cumprido o projeto,
Que o Ceo meditou,

Crescêrão nos Astros
Os vivos, os cantos,
E as furias, os prantos
O Abysmo dobrou.

Oh Virgem formosa,
Que domas &c.



AOS FAUSTISSIMOS ANNOS

D O

SERENISSIMO PRINCIPE
REGENTE DE PORTUGAL.

E L O G I O.

* * *

Recitado no Theatro do Salitre em 13 de
Maio de 1799.

D' Entre a primeira das Idades mortas
 Hum dia resurgio , soltou-se hum dia
 A bem da Humanidade , á voz do Fado.
 Mil Graças , mil Virtudes , mil Prazeres ,
 Foragidos do Mundo , ao Ceo tornados ,
 Ao Mundo volvem c'o a sisuda Astréa.
 Súbito , remoçada a Natureza ,
 Leda , vaidosa de se olhar qual fôra ,
 Nas meigas faces aminda o riso.
 Turba subtil de Olympicos Favonios
 Vôa com flores , que não temem Febo ,
 E á Mãi universal perfuma o seio ;
 Insoffridos Tufões nas cavas grutas

Cer-

Cerra, agrilhão, abafa, opprime Eólo;
 Mel espontâneo pelos troncos desce,
 Lambem rios de nectar margens de oiro.
 Saturno inclina a fronte ao ver na terra
 De seus dias luzir a amena imagem,
 Da sobranceira Esféra ao Filho exclama,
 E d'alta novidade inquire a causá.
 „ Ente, digno de mim, (responde Jove)
 „ De Heróes emanação, de Heróes principio,
 „ Hoje ao Mundo levou, por lei dos Fados,
 „ Escolhida porção de meus thesoiros;
 „ Hoje o Fructo immortal de Planta excelsa,
 „ Que nas margens dispuz do insigne Tejo,
 „ Surgio, por meus influxos bafejado;
 „ Da grande Lusitana a digna Prole,
 „ O eximio Coração, com quem reparto
 „ A Dignidade, a Força, os Pensamentos,
 „ No Seculo fatal, de horrores fertil,
 „ Sobre o terreno herdado attrahe teus dias,
 „ E'poca da Innocencia, e da Ventura.
 „ Viste há seis lustros melhorar-se o Tempo
 „ Com seu fausto Natal, viste ha seis lustros
 „ De incógnito matiz nos Lusos campos
 „ Ornar-se a Natureza em honra sua.
 „ Entrão sorrisos della annuncios forão
 „ Dos luzentes Futuros milagrosos,
 „ Que para o tenro Heróe zelava a Sorte.
 „ Se tanto não brilhou, como hoje brilha,
 „ O doce Clima productor de assombros,
 „ Foi porque inda na idade inerte, e molle
 „ Des-

„ Desatâr não podia o Regio Moço
 „ Altas idéas em acções mais altas.
 „ Agora que da illustre Monarquia
 „ Modera as longas rédeas , escudado
 „ Das aptas forças , e do avito exemplo ,
 „ Agora se embellezão Ceos , e Terra
 „ Na gloria , no prazer , nos bens sem conto ,
 „ Que do grande João recebe a Patria ,
 „ A Patria ; de que he Pai , Senhor , e Ornato.
 „ Unido em aureo vínculo á Virtude ,
 „ Aos mil encantos de Heroína augusta ,
 „ Tempera o Coração nos olhos della ,
 „ Nos olhos della o sentimento apura ,
 „ E hum Numen bemfeitor se antolha aos Povos.
 „ Negreja , sem toldar-lhe os mansos dias ,
 „ Tempestuoso horror , bramindo ao longe ,
 „ Em vão boceja o pestilente Inferno ,
 „ Na lava abrazadora em vão sacode
 „ Horridos crimes , que outra Plaga infamão.
 „ Senhor de alta Nação , que vale o Mundo ,
 „ João , mimo do Ceo , João triunfa ;
 „ Seu Throno em corações está sentado ,
 „ E tem na Eternidade os alicerces.
 „ Della emanou seu Dia , he parte della ,
 „ E lá depois que o Sol milhões de vezes
 „ Houver com elle enriquecido a Terra ,
 „ O puro , amado , memoravel Dia
 „ No resplendor sem termo irá sumir-se.
 Assim Jove fallou : Saturno annúe ,
 E fica mais brilhante a Natureza.

A



A

LAMENTAVEL MORTE
 DO
 PRINCIPE D. JOSÉ.
 ELEGIA.

Levou a cruel Morte, sem ter pejo,
 Aquelle bello Moço, a quem tributo
 Esperavão pagar o Indio, e o Tejo.

Bernard. Adon. Eglog. 1.

E U vos saúdo, oh Tumulos ánnosos, (1)
 Onde a Tristeza c'o Silencio mora
 Entre cinzas, e Espectros pavorosos:

Salve, Bosque medonho, onde a canora
 Filomela infeliz a injuria antiga
 No curvo ramo solitaria chora:

Oh

(1) Nos arredores de Macão, onde o Author compôs esta Elegia, há hum lugar, coberto de sepulturas dos Chins.

Oh Noite, cujo véo meus ais abriga,
E vós, Manes, Fantasmas, socios della,
Vede a que extremos a paixáo me obriga :

Paixáo louvavel, justa, e não aquella,
Que ás Almas a Razáo, e a Liberdade
Destroe, da vida na Estação mais bella.

Mudos objectos, feia soledade,
Só vós encheis meu soffrego desejo,
Longe, longe de nós a claridade.

Porém que escuto, oh Ceos! Oh Ceos! Que vejo!
Ah Musa minha! E's tu? Vem, vem, prantêa
O caso, que gelou de mágoa o Tejo.

Vemos sobre a fria, agreste arêa,
Em quanto nos ornados aposentos
Venturosos Mortaes o sono enlêa.

Vê, se he proprio o lugar para lamentos,
Repara: que espectaculo! Que espanto!
Mochos! Larvas! Ciprestes! Monumentos!

Celebrem nossos ais, e nosso pranto
O commum Bemfeitor, (ah negra Sorte!)
O Heróe pio, em quem Lysia perdeu tanto;

Aquel-

Aquelle Fructo singular, que a Morte
 Arrancou de alta Planta generosa,
 Que Deos abençoou no Tronco forte;

Aquelle, cuja face magestosa
 Inda entre as mais gentis se distinguia,
 Qual entre as flores se distingue a rosa;

Aquelle, que te honrou, Sabedoria,
 Que tantas, tantas vezes, oh Pobreza,
 A vibora fartou, que te roia;

Aquelle, que do cume da Grandeza
 Baixava a consolar-nos, attentando,
 Que todos somos huns por natureza;

Aquelle Genio raro, affavel, brando,
 Que está na etherea Abobada fulgente,
 Astro novo, entre os Astros scintillando;

Aquelle, que era o Pai da Lusa Gente;
 Nosso bem, nosso amor, nossa esperança,
 Principe n'alma, Principe excellentè;

José, que em doce paz no Ceo descansa,
 Em quanto o Povo seu, já delirante,
 Em vás, perdidas lagrimas se cança.

Triste

Triste Povo! E mais triste eu, que distante
 Não pude acompanhar teu choro afflicto
 Naquelle amargo, luctuoso instante!

Triste Povo! E mais misero eu, que habito
 No remoto Cantão, (1) donde, Ulysséa,
 Não pôde a ti voar meu debil grito!

Miserrimo de mim, que em terra alhêa,
 Cá onde muge o mar da vasta China,
 Vagabundo praguejo a Morte fêa!

Que rigorosa lei, que horrivel sina,
 Me estorvou que escutasse os ais extremos
 Daquelle Alma Real, antes Divina?

Daquelle Augusto Peito, onde vivemos,
 Daquelle Coração, que idolatrámos,
 Daquelle Bemfeitor, que já perdemos!

Mas pois que nós, oh Musa, não lográmos
 O doloroso bem de estar presentes
 Ao fim do moço Heróe, que tanto amámos;

Já que não vimos consternadas Gentes
 Ferindo os rostos, e ferindo os ares
 Com freneticas mãos, com ais ardentes;

Já

(1) Provincia meridional da China, onde Macáo está situado.

Já que não vimos nos pomposos Lares
A meiga Mãe, carpindo, ora ante o leito
Do Filho, ora do Immenso ante os Altares;

Já que não vimos de paixão desfeito
O fiel coração da Esposa amante
Em lagrimas sahir do ancioso peito;

Já que não vimos o preclaro Infante,
Prezando mais o Irmão, que a Monarquia,
Traçar a interna mágoa no semblante;

E o bom Principe, em fim, já na agonia
Estas vozes soltar, balbuciente,
Pondo os olhos na Esposa, que o perdia:

A Mão, que nos unio tão docemente,
Ordena, Amada, que de ti me aparte:
Seja feita a Vontade Omnipotente.

Despindo o pó, minha alma alegre parte,
Mas crê, que, voluntaria, só podéra,
Querida Esposa, por hum Deos trocar-te;

Não chores, não suspires... ah! Pondera
Que o teu amado, o teu contentamento
Não morre, vai viver lá n'outra Esfera;

Cha

Chamado ao summo Bem do Firmamento,
 Vou morar entre os Justos, por clemencia
 Daquelle, que subjuga o mar, e o vento.

Louva, louva comigo a Providencia,
 A sacro-santa Lei, que tem disposto
 Esta do Mundo necessaria ausencia.

Nadando em mares de ineffável gosto,
 Vendo os Coros Angelicos sagrados,
 Em cada rosto lograrei teu rosto.

Poder, que move os Ceos, que rege os Fados,
 Ha de appacar a dor, que te flagella,
 Annuir a meus rogos inflammados....

Deixa voar minha alma, oh Alma bella,
 A Deos... Pai... Redemptor .. sê... sê comigo...
 A Deos... eis expirou nos braços della.

Já que não pude, oh Musa, este castigo,
 Este dano, fatal á Humanidade,
 Comtigo ver, e deplorar contigo,

Pela imaginação, pela saudade
 A nós (tristes de nós!) se represente
 O effeito da geral calamidade.

A

A Mente o pinte, que não pôde a Mente.
 Como se goza o bem no pensamento,
 Também no pensamento o mal se sente.

Oh Colossos de aereo fundamento!
 Fantasmas, Illusões, que o Mundo preza!
 De que servis no fúnebre momento?

Porque blazona a tumida Grandeza,
 Se he victima do Abutre carniceiro,
 Filho do Inferno, horror da Natureza?

Que bens herdámos nós do Pai primeiro?
 A culpa? A morte? Abominosa Herança!
 Mal haja o negro Monstro lisonjeiro.

Ai Prole da magnanima Bragança,
 Quão cedo te sumio na Eternidade
 A pavorosa Mão, que os raios lança!

Commetteste sacrilega maldade,
 Para... ah! Cessa, Mortal, Mortal insano,
 Treme, ajoelha, adora a Divindade.

Não pôde (a Razão diz) ser hum Tyranno
 Esse, que fez o barro intelligente,
 Que o Filho deo por ti, Genero humano.

O Rei dos Reis, o Padre Omnipotente
Alma, que o Mundo vil não merecia,
Comsigo quiz no Ceo resplandecente.

Cala-te, oh dor, silencio, oh agonia;
E vós, que os prantos da paixão mais nobre
Verteis do morto Heroé na cinza fria;

Vós, que beijais o Mausoléo, que o cobre;
Oh Lusos! Consolai-vos: inda temos
Quem preze o sabio, quem soccorra o pobre.

Basta, basta, não mais, não mais extremos;
No Irmão vereis José resuscitado,
João restaurará quanto perdemos.

Inda ha de ser por todos tão cantado
O novo Successor no Throno augusto;
Quanto José no tumulto he chorado.

Nação, fiel Nação, desterra o susto:
Outro Heroe, outro Atlante á Monarquia
Nos firmes hombros sustera robusto.

E tu, Mãi do teu Povo excelsa, e pia;
Que inda desfeita em lagrimas contemplo
Na revolta, enlutada fantasia,

Sobe, constante, da Memoria ao Templo:
Lá vale mais que hum Sceptro huma alma forte,
Sê da Conformidade o santo exemplo.

A' triste, cara Irmã, que invoca a Morte,
Vai docemente o pranto reprimindo;
Pinta-lhe a gloria do feliz Consorte,
Que entre os Anjos está, cantando, e rindo.



A O L I N T A,
E P I C E D I O.

*Colei di gioia trasmutossi, e rise,
E in atto di morir lieto, e vivace
Dir pareo: s'apre il Cielo, io vado in pace.*

Torquat. Tass. Gerusal. Liberat. Cant. 12.

O Linta jaz na Terra,
Comtigo, oh Noite, para sempre mora,
E Amor grita, Amor chora,
Chora o fagueiro Amor, que lhe brincava
Nos melindrosos braços,
Movendo aos corações sanguínea guerra:

Ei.

Ei-lo já delirante; a eburnea aljava,
Arco, venda, farpões eis em pedaços
Sobre o frio, o medonho
Lugar sagrado, aonde
Com ar inda risonho

O seu, e o nosso bem se nos esconde;
Na Terra occulto jaz mais hum thesoiro
Por decreto da Sorte:

Daquella tenra vida o fio de ouro
Quão cedo rebentou nas mãos da Morte!...

Ah Morte inexoravel, que te nutres
Em ruinas, em ais, em sangue, em pranto!
Mais negra que os Infernos, mais faminta
Que os famintos Abutres!

Oh tu, da Humanidade horror, e espanto,
Levaste-lhe o melhor, levaste Olinta:
Olinta, em cujas faces delicadas
Corações attrahião

As rosas sobre nevê desfolhadas,
Que de virgineo pejo se accendião
Ao brando assalto da menor fineza;
Olinta, em cujos olhos, que encantavão,
Ufana se revia a Natureza!

Olhos! Flamma celeste, a que voavão
Açorados, ternissimos desejos,
E onde, quizes borboletas, se crestavão,
Dando suspiros, dando-vos mil beijos,
Olhos! Olhos! Oh dor! E estais fechados!
Estais de opacas névoas eclipsados!

Olhos suaves, olhos milagrosos,

T II

Com

Com vossos deleitosos,
 E frôxos movimentos
 Daveis flores aos prados,
 Alento aos corações desesperados,
 Enfreaveis os ventos,
 Removieis das rochas a dureza,
 Transgredieis as Leis da Natureza,
 E não podeis sahir desse lethargo!.....
 Oh doidas illusões! Oh desvarios!
 Oh desengano amargo!
 Olhos tristes, sem luz, olhos já frios,
 A Morte não se rende á Formosura,
 Não, jámais torna a si, jámais desperta
 Quem dorme como vós na sepultura.
 A Desesperação, que nunca acerta
 No que faz, no que diz, porque não pensa.
 Nesta alma, de afflicção, de amor perdida,
 Loucuras proferio. Não ha quem vença
 O Monstro, que executa a Lei da Sorte:
 He hum contrato a vida,
 Que fez o justo Ceo c'o Mundo ingrato,
 E tu deste contrato
 E's fatal condição, terrivel Morte,
 Que restitues a Materia ao Nada.
 O Rei, que os Povos como filhos ama,
 E que de Bemfeitor, de Pio a Fama
 Préza mais do que a Purpura sagrada,
 Castigando com lástima o delito,
 Reinando em corações, qual novo Tito;
 Aquelles, que entre Bando lisonjeiro,

Será

Servil, e dependente,
 Se presumem do Raio omnipotente
 Livres, seguros, c'o a Fortuna ao lado,
 E de mais pura massa
 Que o fragil barro do Varão primeiro:
 Aquelles, que com ar divinizado,
 Insensíveis aos gritos da Desgraça,
 Envolvidos em lúcido brocado,
 E tendo a mansidão por hum desdoiro,
 Para vós olhão, Miseros, e Pobres,
 (Ricos talvez de Espirites mais nobres)
 Qual para o Mundo o Sol do carro de oiro,
 Todos hão de sulcar (oh Morte! Oh Fado!)
 Esse horrendo Oceano
 Da nunca fatigada Eternidade:
 Lá verão, que no Mundo a voz do Engano
 Traz o Filho da Terra allucinado,
 Que no Mundo não ha felicidade;
 Todos, todos hão de ir, por Lei superna,
 Inviolavel, eterna,
 Dormir nas trevas como Olinta dorme: ...
 Mas ah! Filha cruel de E'rebo enorme,
 Mudo Espectro horroroso,
 Verdugo universal! Não te enganaste
 Ao menos, quando a fouce preparaste
 Contra o peito mimoso,
 Cujos thesoiros, que o purpureo pejo
 A' sombra do véo candido zelava
 Do espiador, solícito desejo,
 Meu pensamento audaz apenas via,

E

E inda eu vèllos assim não merecia!
 Nem sequer desviaste a mão ferina
 Huma vez, parecendo-te Divina,
 E isenta das pensões da Natureza
 Aquella rara, e candida belleza!
 O magico volver dos olhos puros,
 Que vião seus escravos quantos vião,
 Os olhos, ante quem se derretião
 Os penedos, os marmores mais duros;
 A longa trança, a face transparente,
 Tão meiga para nós, como innocente,
 A rubra, intacta boca, as mãos nevadas,
 A flor da gentileza, a flor dos annos,
 As patheticas vozes, já truncadas,
 Que não ferirão só peitos humanos,
 Que essas montanhas estalar fizerão,
 Ao menos não pudérão,
 Hórrido Monstro, Monstro famulento,
 Teu golpe demorar por hum momento!
 Monstro, Monstro voraz, se nos tragaste
 Todo o bem, todo o gosto
 Naquelle singular, benigno rosto,
 Para que nos deixaste
 Cá nesra Solidão? Mortaes, choremos,
 A ver se á força de chorar morremos:
 Por Ouinta querida
 Em lagrimas de amor se esgote a vida:
 Fervão suspiros, fervão pelos ares,
 E criem nossos olhos novos mares.
 De hum bem, que aspera Lei de nós desterra,

A

A falta, a perda qual de vós não sente?
 Mundo, suspiros, lagrimas, oh Gente:
 Olinta foi-se, Olinta jaz na Terra.
 Gritemos... sempre em vão, tristeza, e luto
 Nos volta em noite o dia,
 Gritemos... sempre em vão... porém que escuto!
 Ceos! Estrellas! Que subita harmonia,
 Que nunca ouvido tom, que ethéreo canto
 Me faz balbuciar no meu lamento,
 Me faz a meu pezar conter o pranto!
 Desencrespou-se o mar!... Nem boia o vento!...
 Soava aquelle arroio... ei-lo calado,
 E como que se ri de gosto o prado!
 Oh pismo! Oh maravilha!
 Iste canto... este som... não he terreno...
 Vem do Ceo, vem do Ceo, que tão sereno,
 Olhos meus, nunca vistes;
 Nectar consolador minha alma rega...
 Prém que nova luz nos ares brilha!
 Que resplendor me cega!
 A vista delle o Sol despede a belleza,
 Como á vista do dia a tocha acceza!
 Que he isto, coração! Lagrimas tristes,
 Recuastes, fugistes!
 Que doçura! Que encanto!
 Este som faz que em extasis me sinta!....
 He verdade, he verdade: os Anjos oiço....
 Mas he digno hum Mortal de ouvir-lhe o canto?
 Humanos, escutais? Oh Ceos! Olinta!
 Olina! He illusão do pensamento....

Não

Não, não he... que portento!
 Humanos, atenção: „ Na Corte immensa
 „ Do Rei, que vibra os raios vingadores...
 „ Prostrada... aos Pés Divinos...
 „ Olinta... goza já... da recompensa...
 „ Das palmas... da Virtude... os seus louvores...
 „ Sobre... as azas... dos Hymnos...
 „ Como... são no Ceo... na Terra sõem...
 „ Consolai-vos... Humanos...
 „ Mais suspiros... não võem;
 „ Vosso nescio queixume... a Deos insulta...
 „ Longe... de olhos profanos...
 „ Que não merecem... vêlla, aqui, se encerra...
 „ Aqui... das Virgens... entre... o Coro exulta...
 „ Consolai-vos... Humanos...
 „ Olinta... está... no Ceo... não jaz na Terra, „
 Ah! Que o verso adoravel emmudece,
 E a luz celestial desaparece!

Deos! Oh Deos! Será sonho!
 Será sonho, oh Mortaes, o que escutamos!
 Não, não he, que inda o prado está risonho,
 Que o limpido regato inda não anda,
 Nem Zéfyro bafeja os arvoredos,
 Nem bate o mar nos ingremes penedos.
 Ah! Bemdito o Senhor, que nos abranda
 Esta saudade, que mortal julgámos.
 Prazer, oh Mundo, canticos, oh Gente,
 Olinta está nos Ceos, e lá piedosa
 De de os aureos degraus do Throno eterno
 Do Nume Omnipotente

Nos

Nos chama para o bem , de que ella goza.
 Lá faz estremecer o horrendo Inferno ,
 Lá prende , orando , o Braço justicoso
 Daquelle , mais que os seculos annoso ,
 Que , farto de soffrer nossos delitos
 Quasi , quasi infinitos ,
 Me faz crer a Razão , que já queria
 Mostrar-nos , oh Mortaes , quanto podia ,
 Lançando-nos ás testas criminosas
 Irresistivel , pavoroso estrago :
 A barbara invasão , que opprimio Roma ,
 Horrida furia , que arrasou Carthago ,
 Ou chuva ardente , que inundou Sodoma.
 Scenas terriveis , Scenas luctuosas ,
 Olinta he quem de nós vos affugenta ,
 Olinta a Mão sustêm , que nos sustenta
 Ah ! Gratidão , Saudade ! A nossa Amada
 Seja , seja cantada ;
 Versos em vez de lagrimas lhe demos ,
 Do Cedro vividoiro
 Com seu nome adorado o tronco honremos ;
 De beijos , e de rosas
 Cubra-se o cofre , cubra-se o thesouro
 Daquellas sacras cinzas preciosas ;
 E depois que do peito amortecido
 A nossa fragil vida transitoria
 Voar nas azas do final gemido ,
 Vereis quão terna Olinta nos recebe
 Lá nessas Fontes de ineffavel Gloria ,
 Onde mais quer beber quanto mais bebe .

Lon-

Longe da nossa idéa , oh Bens mundanos ,
 Sim , desde agora vos armâmos guerra.
 Orai a Olinta , não choreis , Humanos :
 Olinta está no Ceo , não jaz na Terra.

TRADUCCÃO

De alguns Epigrammas Francezes.

I.

A Mor he hum Menino
 Tão velho como o Mundo ,
 Dos Deoses o maior , e o mais pequeno :
 De seu fogo Divino
 Occupa o Ceo sereno ,
 O longo Mar profundo ,
 A populosa Terra ,
 E nos olhos contudo Iris o encerra.

De Mr. Perrault.

II.

Rosas , oh como hum coração , que adora ,
 Vos conhece o valor , vos crê felizes !
 Nasceis no seio da benigna Flora ,
 Morreis no seio da benigna Lizes.

De Mr. Rabutin a humas rosas , que
 huma Dama tinha no peito.

III.

III.

Que ! De tão tenra idade nos verdores
 Ninguem te pôde ouvir, mimosa Isbella,
 Nem ver teus olhos sem morrer de amores !
 Ah ! Fosses mais crescida, ou menos bella !
 Para causares as feridas nossas
 Espera o tempo, em que sarallas possas.

Mr. Bois Robert,

IV.

Quando o velho Damon me diz, que emprega
 Amor tiro mortal no peito humano,
 Sem que elle ouse clamar contra o Tyranno ;
 Quando me diz, que Amor engana, e cega ;
 Que ás lagrimas, que aos ais he insensivel,
 Então não me parece Amor terrivel ;
 Mas quando o moço Alfeo me diz, sorrindo,
 Que Amor he meigo Deos, Menino amavel
 Mais que as flores mimoso, alegre, e lindo,
 Quanto então me parece formidavel !

Madame Bernard,

V.

A corrente, que beija aquella arêa,
 Esta Rosa, que ao Zéfyro abre o seio,

A

A viração, que as arvores menca,
 Nos dizem, que he o amor doce recreio.
 A pura chamma igual de hum Par constante
 Em dobro o faz feliz, o faz contente:
 Tem huma alma, não mais, o Indifferente,
 Duas almas encerra hum Peito amante.

Madame Scudery.

VI.

De ciumes Anfrizo envenenado,
 A' bella Nize hum dia
 Entrega-me (dizia)
 A fita, que te hei dado,
 Entrega-me o meu cão, e o meu cajado.
 Ella, para aplacar-lhe os vãos furores,
 Meiga lhe respondeo: sobre estas flores,
 Mais terno, que sisudo,
 Sem respeitar-me a candidez, e o pejo,
 Também me deste hum bejo:
 Não quero nada teu, recebe tudo.

(De Mr. Dufresny.)

Ma-

A Pomba de Anacreonte,
Nuncia dos Suspiros seus,
Tinha parte em seus desvêlos,
Tu gozas todos os meus.

Ella não foi tão fagueira,
Tão delicada, e tão bella,
Tão doce á Mãe de Cupido,
Tão digna dos mimos della.

Se vive na branda Musa
Do terno, rugoso Amante,
Tu tens juvenil Camena,
Que te idolatre, e te cante:

Tens os sons da minha Lyra
Sagrados a teu louvor,
Vezes mil nas aureas cordas
Uno teu nome ao de Amor.

Se a que voava a Bathylo
Mereceo Posteridade,
A teus encantos compete
Não menos que Eternidade.

Se em Templo que os muros de oiro,
Que a base nos Ceos escora,
Defeso ao Monstro implacavel
Que os proprios Filhos devora,

Se

Se junto ás Aras luzentes
D^halta Memoria superna,
Em galardão de meus cantos
Me cabe memoria eterna,

A'quella enchente de glorias
Ou tu voarás comigo,
Ou heide, engeitando o premio,
Morrer de todo comtigo.

Não vale este excesso a dita
De só por ti conhecer
Que inda existia o teu Vate
Para Amor, para o prazer.

Tu, despertaste em minha alma
A dormente sympathia,
Sentimentos, que a Desgraça
Quasi amortecido havia:

No horror de escuros desastres
Abafando o coração,
Das carinhosas delicias
Era esquivo á commoção;

Mas apenas a meus olhos
Em molle adejo assomaste,
De mil serenas idéas
Minha fantasia ornaste.

Eis

Eis surgir d'entre as ruínas
Vejo o Imperio da Belleza,
N'alma outra vez me resôa
O grito da Natureza.

Torno a sonhar a Ventura,
Torno a suspirar de amores,
E julgo o Ceo resumido
Nos teus dons encantadores.

Meus pensamentos se apurão,
Apurão-se os meus desejos
No tenue filtro celeste
De teus espontâneos bejos.

A's vezes, porém, meus gostos
Saltêa azedo temor
De que nas garras farpantes
Te arrebate ousado Açor.

Cuido ver-te injusta preza
Do Roubador famulento,
Que exulta no inaccessible,
Remoto asilo do vento:

Cuido ver-te lacerada
De fero, voraz instinto,
E quantas feridas sentes
Em dobro, em tresdobro sinto....

Mas

Mas longe, longe desta alma,
Arripiados terrores,
Cessai, que no meu thesoiro
Estão velando os Amores:

Elles não querem perdêllo,
Elles sabem-lhe a valia,
Sabem quanto a Natureza
Deste penhor se atavia.

Porém tu, Menino Idálio;
Se te enternecem meus ais,
A teus prodigios immensos
Ajunta hum milagre mais.

Deixando-me a vida illesa,
Abre-me o peito inflammado,
Abre, oh Nume, e desvanêce
Este medroso cuidado:

A gentil Pomba, que adoro,
Dirige c'ò a tenra mão:
Em meu peito se resguarde,
Pouse no meu coração.

Consente hum sorriso
Nos labios, que molha,
E humano se antolha
No gesto, no ser;

A monotonia
Dos bens, em que impeta,
O nectar lhe altera,
Lhe faz esquecer:

O nectar, que adoça
Mortaes azedumes,
Até entre os Numes
Matiza o prazer.
Se Jupiter bebe,
Não hei de eu beber?

De Baccho opulento
Compõe-se o thesoiro,
De perolas, de oiro,
Topasio, rubi.

Do nectar sentindo
Nas fauces o travo,
Miserrimo Escravo
Desdenha o Sofi.

Lustrosas quimeras
Lhe vagão na mente,
Do Mundo he contente,
Contente de si.

Amigos, libemos
O pico sagrado,
Tão mal condenado
Na seita de ali.

Teimosos Cuidados;
Caterva importuna,
Visões da Fortuna,
Deixai-nos, fugi.
O nosso Universo
Não passa daqui.

Em torno a Baccho
Susrra, adeja,
Ri-se, graçaça,
Scintilla Amor.

Ao Deos Idalio
Baccho he preciso,
Dobra-lhe o riso,
Lhe accende a cor.

Amor

Amor, oh Baccho,
Tem por costume
Juntar seu lume
Com teu ardor.

Ambos se adorem
Com igualdade,
Tenha a vontade
Mais de hum Senhor.
Baccho triunfe,
Triunfe Amor.



CANÇONETAS ANACREONTICAS.

I.

A R O S A.

TU, flor de Venus,
Corada Rosa,
Leda, fragrante,
Pura, mimosa,

Tu, que envergonhas
As outras flores,
Tens menos graça,
Que os meus amores.

Tan.

Tanto ao diurno
Sol coruscante
Cede a nocturna
Lua inconstante,

Quanto a Marilia
Té na pureza
Tu, que és o mimo
Da Natureza.

O bolicoso,
Candido Amor
Poz-lhe nas faces
Mais viva cor,

Tu tens agudos,
Cruéis espinhos,
Ella suaves,
Brandos carinhos;

Tu não percebes
Ternos desejos,
Em vão Favonio
Te dá mil beijos?

Marilia bella
Sente, respira,
Meus doces versos
Ouve, e suspira,

A Mãi das Flores,
A Primavera
Fica vaidosa,
Quando te gera,

Porém Marília
No mago riso
Traz as delicias
Do Paraiso.

Amor que diga
Qual he mais bella,
Qual he mais pura,
Se tu, ou ella;

Que diga Venus....
Ella ahi vem....
Ai! Enganei-me,
Que he o meu bem.

II.

FILIS, E AMOR.

N Um denso bosque
Pouco trilhado,
E a ternos Crimes
Accommodado,

Por

Por entre a rama
Fresca, e sombria
De tenro arbusto,
Que me encobria,

Vi sem aljava
Jazer Cupido
Junto de Filis
A' Mãi fugido.

Entre as nevadas
Mãos melindrosas
Tinha hum fragrante
Festão de rosas.

A mais brilhante
Delle affastando,
Dizia a Filis
Com riso brando:

Mimosa Nynfa,
Gloria de Amor,
Das-lhe hum beijinho
Por esta flor?

Sou criancinha,
Não tenhas pejo.
Sorrio-se Filis,
E deo-lhe o beijo;

Mas

Mas o Travesso
Logo outro pede
A' simples Nynfa,
Que lhos concede.

Que por marar-lhe
Doces desejos
A cada instante
Repete os beijos.

Assim brincavão
Filis, e Amor,
Eis-que o Menino,
Sempre traidor,

C'o a pequenina
Boca risonha
Lhe communica
Sua peçonha.

Descora Filis,
E de repente
Solta hum suspiro
D'alma innocente.

Mal que o gemido
Férvido sôa,
O máo Cupido
Com elle vôa.

Nin-

Ninguem, oh Nynfa,
 (Diz a adejar)
 Brinca comigo
 Sem suspirar.

III.

A N O I T E.

A Deosa, que esmalta
 De Estrellas o Ceo,
 Já tinha dobrado
 Metade do véo;

O fero Inimigo
 Da Ovelha medrosa
 Jazia ululando
 Na serra fragosa:

A rá rouquejava
 No túrbido lago,
 Carpia entre as moitas
 O môcho aziago:

De alados insectos
 Nos ares vagava
 Caterva lustrosa,
 Que as sombras doirava:

Os

Os lassos Favonios
Dormião nas flores,
Em quanto velavão
Famintos Amores :

Susurro apazível,
Que o Tejo fazia,
Coarctava a tristeza
Da Noite sombria.

Então, solitario,
Seu mal, seus segredos
O languido Elmano
Contava aos penedos.

De gélidas gotas
O rosto orvalhado,
De zelos mordido,
Da vida enjoado,

Destinos ! (clamava)
Que assim retardais
O termo infallível,
Que implorão meus ais.

De que me aproveita
Viver desta sorte ?
A vida he aos Tristes
Mais agra, que a morte.

Fe-

Feliza deixou-me,
Fugio-me a perjura,
Depois de votar-me
Perenne ternura:

Fugio-me, deixou-me
Curtindo a ansiedade,
Que gerão, que nutrem
Ciume, e saudade:

Entre estes dois males
Meu peito se sente,
Qual entre dois lobos
Cordeiro innocente.

Ah Ceos! Tu, minha alma,
Tu, idolo meu,
Marchando reus olhos
No torpe Silêu!

A mão, que no peito
Me abriu funda chaga,
Nojoso Vaqueiro
Te beija, te affaga!

C'os braços macios,
Apoio das Graças,
O collo rugoso
Lhe amimas, lhe enlaças!

Con-

Consentes-lhe, ingrata,
Que libe, que empeste
Nos teus doces labios
O nectar celeste!

Cedendo aos assaltos
De impuras caricias,
Tambem lhe franqueas
Vedadas delicias!

Ah! Vinguem-me, estorvem
Seus jubilos ternos
Com Raios, com Furias
Os Ceos, e os Infernos.

Aqui os sentidos
Nas azas de hum ai
Lhe escapão, lhe fogem,
E o Misero cái.

Nas grutas os ecos
Ao grito espertarão,
E, delle doídos,
A Amor o levirão.

Voando ao fragrante
Vergel de Cythera,
Por ti frequentado,
Louçã Primavera,

En.

Encontrão Cupido ,
Que ha pouco voltára
De empreza brilhante ,
Que ufano acabára.

Folgavão do Numen
As carnes mimosas
Em molle alcatifa
De goivos , e rosas ;

Dormia , e na idéa
Morfêo lhe piniava
Sanguineos triunfos ,
Que o Mundo chorava ;

Não longe , em silencio ,
Pousavão Encantos ,
Desdens , Esperanças ,
Sorrisos , e Prantos ;

Mordazes Suspeitas ,
Que o Deos vigiavão ,
Raivando , em si mesmas
Os dentes cevavão ;

Do tronco de hum Mirto
Pendia o luzente
Carcaz , salpicado
De sangue inda quente ;

Nas

Nas pontas hervadas
Dos aureos farpões
Ainda arquejavão
Fiéis Corações.

A zárula Turma
Redêa Cupido,
Repete, anhelante,
De Elmano o gemido.

Eis fremem os Ventos,
Eis Aves á lerta,
Convulsos os montes,
E Amor não desperta.

Os Ecos, pasmados
O corpo lhe abalão,
E apenas o acórdão,
Desta arte lhe fallão:

He crível; Menino,
Que durmas em paz
Ao som de hum gemido,
Que penhas desfaz?

Deixai-me, importunos,
(Lhes brada o Travesso)
Que ao som de suspiros
He que eu adormeço.

ODES



ODES ANACREONTICAS.

I.

V Eloz Borboleta,
 Que leda gyrando,
 Penosas idas
 Me estás avivando,

Insecto mimoso,
 Aos olhos tão grato,
 Da minha Tyranna
 Tu és o retrato:

A graça, que ostentas
 Nas plumas brilhantes,
 Tem ella nos olhos
 Gêntis, penetrantes;

Tu andas brincando
 De flor para flor,
 Anarda vaguêa
 De amor em amor.

II.

II.

OS teus Prisioneiros,
 Cupido, os que devem
 Saber definir-te,
 Que mal te descrevem!

E's aspide (affirmão)
 Coberto de flores,
 Sedento de estragos,
 Amigo de horrores;

Sustentão, carpindo,
 Que os feres, e enlêas
 Com aureos virotes,
 Com ferreas cadêas;

Enganão-se, oh Nume,
 Teus laços, teus tiros
 São longas madeixas,
 São ternos suspiros.

III. •

DE liquido aljofar
 As faces bordadas,
 Ao vento dispersas
 As tranças doiradas;

Vingança , meu Filho ,
(Clamava Ericina)
Que a vil Natureza
Se atreve á Divina.

Em dano de hum ímpio
Mortal , que me affronta ,
Venenos prepara ,
Tormentos apronta :

Elmano em seus hymnos
Prefere-me Isbella ,
Diz , que he mais mimosa ,
Mais loira , mais bella.

Os teus males todos
Me vinguem , oh Nume. . . .
Amor a interrompe :
Não basta o Ciume ?



M O T E.

A negra Furia Ciume.

G L O S A S.

Morre a luz, abafa os ares
 Horrendo, espesso negrume,
 Apenas surge do Averno
A negra Furia Ciume.

Sobre hum solio cor da noite
 Jaz dos Infernos o Nume,
 E a seus pés tragando brazas
A negra Furia Ciume.

Crespas viboras pentêa ;
 Dos olhos dardeja lume,
 Respira veneno, e peste
A negra Furia Ciume.

Arrancando á Morte a fouce
 De buido ; hervado gume ;
 Vem retalhar corações
A negra Furia Ciume.

Ao cruel Socio de Amor
Escapar' ninguem presume,
Porque a tudo as garras lança
A negra Furia Ciume.

Todos os males do Inferno
Em si guarda, em si resume
O mais horrivel dos Monstros,
A negra Furia Ciume.

Amor inda he mais suave
Que das rosas o perfume,
Mas envenena-lhe as graças
A negra Furia Ciume.

Nas azas de Amor voâmos
Do prazer ao aureo Cume,
Porém de lá nos arroja
A negra Furia Ciume.

Do ferreo calis da Morte
Prova o funesto azedume
Aquelle, a quem ferve n'alma
A negra Furia Ciume.

Do escuro seio dos Fados
Saltão males em cardume:
O peor he o que eu soffro,
A negra Furia Ciume.

Do

Dos immutaveis Destinos
 Se lê no idoso Volume
 Quantos estragos tem feito
A negra Furia Ciume.

Amor inda brilha menos
 Do que sutil vagalume
 Por entre as sombras, que espalha
A negra Furia Ciume.



APÓLOGOS,
 O U
 FABULAS MORAES.

I. Original.

O PASSARINHO PREZO

NA gaiola empoleirado,
 Hum mimoso Passarinho
 Trinava brandos queixumes
 Com saudades do seu ninho.

Nas-

Nasci para ser escravo,
(Carpia o Cantor plumoso)
Não ha ninguem neste Mundo,
Que seja tão desditoso.

Que he do tempo, que eu passava,
Ora descantando amores,
Ora brincando nos ares,
Ora pousado entre flores?

Mal haja a minha imprudencia,
Mal haja o visco traidor;
Hum raio, hum raio te abraze,
Fraudulento Caçador.

Em que pequei? Por ventura
Fiz-te a seara algum mal?
Encetei, mordi teus frutos,
Como o daninho pardal?

Agrestes, incultas plantas
Produzião meu sustento,
Inutil aos que se prezão
Do alto dom do entendimento...

Do entendimento! Ah malignos!
Vós, possuindo a Razão,
Tendes de vicios sem conto
Recheado o coração.

Ah!

Ah! Se a vossa liberdade
Zelosamente guardais,
Como sois usurpadores
Da liberdade dos mais?

O que em vós he hum thesoiro,
Nos outros perde o valor?
Destroe-se o jus do opprimido
Pela força do oppressor!

Não tem por base a justiça,
Funda-se em nossa fraqueza
A Lei, que a vós nos submete,
Tyrannos da Natureza.

Em offensa das Deidades,
Em nosso dano abusais
Da primazia, que tendes
Entre os outros animais.

Mas ah triste! Ah malfadado!
Para que me queixo em vão?
Que espero, se contra a força
De nada serve a razão?

Aqui parou de cançado
O volátil Carpidor,
Eis-que vê chegar da caça
O seu barbaro Senhor.

Tra-

Trazia encostado ao hombro
O arcabuz fatal, e horrendo,
E alguns passaros no cinto,
Huns mortos, outros morrendo.

Das penetrantes feridas
Ainda o sangue pingava,
E do cruento Verdugo
As curtas vestes manchava.

O prezo, vendo a Tragedia,
Coitadinho, estremeceo,
E de susto, e de piedade
Quasi os sentidos perdeo.

Mas apenas do soçobro
Repentino a si tornou,
C'os olhos nos seus finados
Estas palayras soltou:

Entendi, que dos viventes
Eu era o mais infeliz:
Que outros tem peor Destino
Aquelle exemplo me diz.

Da minha sorte j'agora
Queixas não torno a fazer:
Antes gaiola, que hum tiro,
Antes penar, que morrer,

II.

II. Original.

O LOBO, E A OVELHA.

HUma Ovelha em tempo antigo
Estreita união travou
C'um Lobo: não sei que Santo
Este milagre operou.

Esqueceo-se do rebanho,
Do guardador se esqueceo,
E em companhia do amigo
Pelos matos se metteo.

Alli a que d'antes era
Qual mansa Pomba sem fel,
Pelo exemplo estimulada,
Aprendeo a ser cruel.

Apenas lhe parecia
Ter feito já digestão,
Eis pronta a comadre Ovelha
Para a sanguinea função.

Se, vendo as Prêas, não tinha
O valor de arremetter,
Ao menos, depois de mortas,
Nellas entrava a roer.

Con-

Contemplando o fero Mestre
No pervertido Animal
Os progressos, que fazia
A sua escola brutal,

De prazer, e de vaidade
Lhe pulava o coração,
E tinha á sua Educanda
Cada vez mais afeição.

Mas hum dia em que esfaimado
Sahio com ella a caçar,
Nem rasto do que buscava
Pôde ao menos encontrar,

Montes, valles, bosques, tudo
Farejou, subio, correo;
Em fim, só farto de vento,
Na cova se recolheo.

Cozeo-se á terra esfalfado,
E depois que repousou,
Para a debil companheira
Os crueis olhos lançou.

Que! (disse o máo lá consigo)
Não ha soffrimento igual!
Heide curtir esta angustia,
E morrer por ser leal!

A

A Natureza me instiga,
E devo dar-lhe attenção:
Está primeiro que tudo
A propria conservação.

Tu, Virtude, és attributo
Dos Homens, dos Racionais;
Não me pertences: eu sigo
Meu instinto, e nada mais.

Nisto, veloz como hum raio,
C'o a pobre ovelha investio,
E logo dentes, e garras
Nas entranhas lhe sumio.

Com trémula voz pergunta
Ao desleal a infeliz:
Porque me tiras a vida,
Ingrato, que mal te fiz?

Que lei o rigor te ordena
A que eu motivo não dei?
E elle soffrego responde:
Tenho fome, a fome he lei.

Desta arte cevando a furia,
Não cessou de lacerar,
E, antevendo alguma urgencia,
Os ossos nús foi guardar.

Ve-

Vede, Mortaes, neste exemplo,
 Exemplo cheio de horror,
 O que produz a alliança
 De hum perverso, de hum traidor.

Se os mios tiverdes por socios,
 Eu fico que os imiteis,
 E que lobos desta casta
 Ou cedo, ou tarde encontreis.

III. Original.

O AMANTE, E A BORBOLETA;

NA solidão da alta noite
 Que Ceos, e Terra enlutava,
 Lauro em seu curto apozento
 Ao somno os olhos negava.

Em meza, donde esparzia
 Candida vela o clarão,
 Apoiava os frôxos braços,
 E a turva face na mão.

Tinha absorto o pensamento
 Nos motivos do seu mal,
 Nos desprezos de huma ingrata,
 Nas venturas de hum rival.

De

De quando em quando arrancava
Das entranhas vãos queixumes,
Já pedindo a Amor vingança,
Já pedindo a morte aos Numes.

Leve Borboleta, em tanto,
Por entre os crebros suspiros,
Junto do lume ondeante
Vaguêa em rápidos gyros.

Ei-la de espaço em espaço
Roçando a flamma luzente:
Dóe-se, mas que evite o dano
Cégo instinto não consente.

Cevando o fatal desejo,
Que á crua morte a conduz,
Vai, e vem, vâa e revôa,
Embellizada na luz.

Susurro, que faz c'ô as azas,
Quando nella a simples cahe,
Os olhos amortecidos
Do terno Mancebo attrahe.

Olha o triste, e vê o effeito
Da luminosa negaça,
Contempla o crestado insecto,
Que já languido esvoaça.

Dor

Dor de o ver naquelle estado
Lhe penetra o coração :
Quem ama , franquêa o peito
Facilmente à compaixão.

Onde vás , louca , teimosa ?
(Grita-lhe elle) encolhe as azas ,
Torna em ti ; não vês , não sentes
Que te destroes , que te abraças ?

E tu com que jús (diz ella)
Me increpas porque me mato ?
Ah ! Se em teu sizo estivesse ,
Víras em mim teu retrato.

Se te expões qual eu me exponho ,
Se no mesmo caso estás ,
Insano , porque não tomas
O conselho , que me dás ?

Eu , e tu victimas somos
Da mais funesta loucura ,
E esquecemos o perigo ,
Pasmados na formosura.

Ardes n'uns olhos , que adoras ;
Eu nesta luz , que contemplo ;
Argue-te , ou não me arguas ,
Emmudece , ou dá-me exemplo.

Pro-

Proficua moralidade

Deve extrahir-se daqui :

Ninguem reprove nos outros

O que não reprovava em si.

IV. Original.

O CORVO , E O ROUXINOL.

Vinha apontando a serena
Precursora do aureo Sol ,
E entoava em selva amena
Hum saudoso Rouxinol
Maviosa cantilena.

A voz , que aos ares soltava ,
Attrahia o Coro alado ,
Que em torno d'elle pousava ;
Assim não fosse escutado
De hum Corvo , que alli morava.

Cego de inveja , e furor ,
Detestando a melodia
Do namorado Cantor ,
Comsigo mesmo dizia
O sinistro , o grasnador :

Que

Que este animalzinho encante
 Tudo, apenas abre a bouca,
 E que eu affugente, espante
 Com voz desabrida, e rouca
 Quanto se me põe diante!

Aos Homens no meu pregão
 Infaustos annuncios mando,
 (Diz a vã superstição)
 E tenho certa, em grasnando,
 Ou pedrada, ou maldição.

A raiva em meu peito aáceza
 Com o que escuto se atiça:
 Soffrer vantagem he vileza;
 Vou-me vingar da injustiça,
 Que me fez a Natureza.

Eis nisto o bruto Agoireiro
 Para o Rouxinol caminha,
 Mostrando-se prazenteiro,
 E á delicada Avezinha
 Diz com modo lisonjeiro:

Respira tanta doçura
 O teu canto, que por certo
 Abranda a penha mais-dura,
 E assim de te ouvir de perto
 Quero ter hoje a ventura.

Não

Não fujas, Cantor mimoso,
 Não te assustes, continua:
 Como o Ceo te fez ditoso!
 Que linda prenda he a tua!
 Que voz! Que dom milagroso!

Não tendo astucia, que sonde
 O projecto, que o malvado
 Nas vis entrenhas esconde,
 Já da lisonja tentado,
 O passarinho responde:

Sejas bem vindo, que assaz
 Afortunado me acclamo
 Em ver que attenção me dás;
 Pousa aqui sobre este ramo,
 E a teu cómodo ouvirás.

Vamos, de novo começa,
 Que a teus sens o ouvido applico
 Torna o Corvo, e se arremessa,
 E no torto, negro bico
 O pobrezinho atravessa.

Elle em tamanha afflicção
 Entra a carpir-se da Sorte,
 E ao Invejoso glotão
 Diz, sentindo já da morte
 As ancias, a convulsão:

Que fiz, que te obrigue a tanto?
 Meigos amores suaves
 Em doçes versos eu canto:
 Eu sou a glória das aves,
 Eu sou dos besques o encanto.

Desta arte pedio favor
 O melhor dos passarinhos,
 Porém foi vão seu clamor,
 Que, moendo-lhe os ossinhos,
 Assim gagueja o Traidor:

Simplez, vaidoso, insensato,
 Devias ser mais remisso
 Em predazir teu retrato:
 Não te defendes com isso,
 Que por isso he que eu te matos!

V. Original.

AS DAMAS, E A BORBOLETA.

BAtendo as azinhas leves,
 Matizadas de mil cores,
 Hia veloz Borboleta
 Libar o succo das flores,

Anhe-

Anhelante, cobiçosa,
 Vôou a ameno jardim,
 E a flor, que tocou primeiro,
 Foi o candido jasmim.

Da bonina, cor de neve,
 Esquivou-se, desdenhosa,
 Praticando igual desprezo
 C'o a fragrante, idalja rosa.

Sobre insípido, amarelo
 Malmequer em fim pousou,
 E nelle o vivo appetite
 A mitigar começou.

Não longe dalli jazião
 Duas mimosas Donzellas,
 Taes, que, a serem tres, seriam
 De Venus as Filhas bellas.

Tendo seguido c'o a vista
 Os vãos do lindo Insecto,
 Huma dellas para a outra
 Disse com irroso aspecto:

Olha a brutinha, bem mostra
 De razão não ser dotada:
 Deixa o jasmim, deixa a rosa,
 E do malmequer se agrada.

Ouvio isto a Borboleta,
Fitou-lhe os olhos, e assim
C'o a voz, que teve algum dia,
Perguntou: fallais de mim?

Suppondes extravagante
A escolha, que tenho feito?
Ah vaidosas! Que não vedes
Vosso principal defeito!

Despi, loucas, o amor próprio,
E depois conhecereis,
Que fallais contra vós mesmas
No que contra mim dizeis.

Quem faz mais errada escolha
Que a Mulher? Sendo a melhor
De todas as Criaturas,
Sempre se inclina ao peor;

E só nutre, só conserva
Amor firme, ardente, e lizo
Se encontra no objecto delle
O nome da flor, que pizo.

VI.

Traduzido de la Fontaine.

O LEÃO VENCIDO PELO HOMEM.

P Oz-se em venda huma pintura,
Onde estava figurado
Leão de enorme estatura,
Por mãos humanas prostrado.

Mirava a Gente com gloria
O painel, eis-senão quando
Hum Leão, que hia passando,
Lhe diz: he' falsa a victoria.

Deveis o triumpho vosso
A' ficção, blazonadores:
Com mais razão fora nosso,
Se os Leões fossem pintores.

VII.

Traduzido do mesmo.

A RAPOZA, E AS UVAS.

COntão, que certa Rapoza,
Andando muito esfaimada,
Vio rôxos, maduros cachos
Pendentes de alta latada.

De bom grado os trincaria,
Mas, sem lhes poder chegar,
Disse: estão verdes, não prestão,
Só caens os podem tragar.

Eis cêhe huma parra, quando
Proseguia o seu caminho;
E crendo que era algum bago,
Volta depressa o focinho.

VIII.

VIII.

Traduzido do mesmo.

O CORVO, E A RAPOZA.

HE fama que estava o Corvo
 Sobre huma arvore pousado,
 E que no sofrego bico
 Tinha hum queijo atravessado.

Pelo faro áquelle sitio
 Veio a Rapoza matreira,
 A qual, pouco mais ou menos,
 Lhe fallou desta maneira :

Bons dias, meu lindo Corvo;
 E's gloria desta espessura,
 E's outra Fénis, se acaso
 Tens a voz, como a figura.

A taes palavras o Corvo
 Com louca, estranha afoiteza;
 Por mostrar, que he bom sôlfista,
 Abre o bico, e sólta a prêza.

Lan-

Lança-lhe a Mestra o gadanho,
 E diz: meu amigo, aprende
 Como vive o lisonjeiro
 A' custa de quem o attende.

Esta lição vale hum queijo,
 Tem destas para teu uso;
 Rosna então comsigo o Corvo,
 Envergonhado, e confuso:

Velhaca! Deixou-me em branco,
 Fui tolo em fiar-me della;
 Mas este logro me livra
 De cahir n'outra esparrella.

IX.

Traduzido do mesmo.

A CIGARRA, E A FORMIGA.

TEndo a Cigarra em cantigas
 Folgado todo o Verão,
 Achou-se em penuria extrema
 Na tormentosa Estação.

Não

Não lhe restando migalha ,
Que trincasse a Tagarella ,
Foi valer-se da Formiga ,
Que morava perto della.

Rogou-lhe , que lhe emprestasse ,
Pois tinha riqueza , e brio ,
Algum grão , com que manter-se ,
Té voltar o accezo Estio.

Amiga , (diz a Cigarra)
Prometto á fé d'animal
Pagar-vos antes de Agosto
Os juros , e o principal.

A Formiga nunca empresta ,
Nunca dá , por isso ajunta.
No Verão em que lidavas ?
A' Pedinte ella pergunta.

Responde a outra : eu cantava
Noite , e dia , a toda a hora.
Oh bravo ! (Torna a Formiga)
Cantavas ? Pois dança agora.

X.

Traduzido do mesmo.

A MONTANHA, QUE PARE.

Começou a berrar com dor de parto
 Certa Montanha, e fez tamanho estrondo,
 Que acodio muita gente, a qual suppondo,
 Que dalli nasceria huma Cidade
 Maior do que Paris, eis nasce hum rato.
 Quando por esta fabula discorro,
 E observo, que o sentido he verdadeiro,
 Logo se me afigura Author inchado,
 Que diz: eu cantarei a horrivel guerra,
 Com que os Filhos da Terra
 Sacrilega invasão nos Ceos tentarão,
 E a Jove assoberbárão.
 Promette grandes cousas, cousas bellas:
 Que produz? Bagatellas.

XI.

XI.

*Traduzido do mesmo.**O LEÃO VELHO.*

DEcrepito o Leão, terror dos bosques,
 E saudoso da antiga fortaleza,
 Vio-se atacado pelos outros brutos,
 Que intrepididos tornou sua fraqueza.
 Eis o Lobo c'os dentes o maltrata,
 O Cavallo c'os pés, o Boi c'o as pontas,
 E o misero Leão, rugindo apenas,
 Paciente digere estas afrontas:
 Não se queixa dos Fados, porém vendo
 Vir o Burro, animal de infima sorte,
 Ah vil raça! (lhe diz) morrer não temo,
 Mas soffrer-te huma injuria he mais que morte.

XII.

*Traduzido do mesmo.**O LEÃO CAÇANDO COM O BURRO.*

FEz annos o Leão, quiz ir á caça,
 E a delle não costuma ser escaça;
 Não consiste em pardaes, em bagatellas,

Mas

Mas em boas javalis, e em corças bellas:
 O Rei dos bosques pródigo, e discreto,
 Para sortir effeito o seu projecto,
 Chama o Burro, animal de voz não fina;
 E o Burro vai servir-lhe de bozina.
 Elle ao posto o conduz, cobre-o de ramos,
 Ordena-lhe, que zurre, e a seus reclamos
 Crê, que inda os mesmos brutos, que dão provas
 De atroz braveza, fugirão das covas.
 Não era aquella Tropa ainda usada
 Ao fragor de asinina trovoadas:
 No ar o espantoso orneio em fim resôa,
 Vaga o terror, e as grutas despovôa:
 Tremendo, a Turba agreste alonga o passo,
 Foge tudo, e fugindo, eis cãe no laço,
 Onde os espera a garra penetrante.
 Então, que tal, que tal? Não sou chibante?
 (Diz o Burro ao Leão, c'o a fronte alçada,
 Arrogando-se a gloria da caçada.)
 Trôas, (volta o Leão) trôas devéras,
 E se não conhecesse quem tu eras,
 Eu mesmo com teus zurros me assombrava.
 O Burro, se pudesse, resmungava,
 E tínhamos arenga, ainda que havia
 Motivo para aquella zombaria;
 Pois quem hade soffrer, quieto, e mudo,
 Que hum, que não vale nada, arrote em tudo
 Quem soffrerá, que audacia o Burro affete?
 Caracter fanfarrão não lhe compete.

F I M.

INDICE

Das Poefias , que contém este Livro.

S ONETOS, - - -	Pag. 1 até	139.
ODE I. <i>Os Amores</i> , - - -	- - -	140.
ODE II. - - -	- - -	147.
ODE III. - - -	- - -	151.
ODE IV. <i>Alegorica</i> , - - -	- - -	154.
CANÇÃO I. <i>O Adeos</i> , - - -	- - -	157.
CANÇ. II. <i>O Ciúme</i> , - - -	- - -	161.
CANÇ. III. <i>O Desengano</i> , - - -	- - -	165.
CANÇ. IV. <i>O Delirio amoroso</i> , - - -	- - -	169.
EPISTOLA I. <i>Elmano a Gertrúria</i> , - - -	- - -	174.
EPIST. II. <i>Elmano a Fosino</i> , - - -	- - -	182.
EPIST. III. <i>Elmano a Urselina</i> , - - -	- - -	189.
EPIST. IV. <i>A' Illustrissima e Excellen-</i> <i>tissima Senhora D. Mariana Joaqui-</i> <i>na Pereira Coutinho</i> , - - -	- - -	194.
IDYLLIO I. <i>Tritão</i> , - - -	- - -	200.
IDYL. II. <i>A Nereida</i> , - - -	- - -	209.
IDYL. III. <i>Filena, ou a Saudade</i> , - - -	- - -	215.
IDYL. IV. <i>Crinaura, ou o Amor magico</i> , - - -	- - -	220.
IDYL. V. <i>Arselina</i> , - - -	- - -	226.
IDYL. VI. <i>Lénis</i> , - - -	- - -	231.
IDYL. VII. <i>Feliza</i> , - - -	- - -	237.
IDYL. VIII. <i>Flerida</i> , - - -	- - -	243.
IDYL. IX. <i>Urania, ou o Amor vencido</i> , - - -	- - -	250.
	IDYL.	

IDYL. X. <i>As Tágides</i> , - - - -	258.
CANTO. I. <i>A' Purissima Conceição</i> , -	266.
CANT. II. <i>A' Immaculada Conceição</i> ,	271.
CANTATA. <i>A' Purissima Conceição</i> , -	276.
ELOGIO. <i>Aos Faustissimos annos do Serenissimo Principe Regente de Portugal</i> ,	279.
ELEGIA. <i>A' lamentavel morte do Principe D. José</i> , - - - -	282.
EPICEDIO. <i>A Olinda</i> - - - -	290.
<i>Tradução de alguns Epigrammas Francezes.</i> - - - -	298.
<i>Madrigal traduzido</i> , - - - -	301.
ALLEGORIA. <i>A Anarda</i> , - - - -	301.

Cançonetas Bacchicas.

<i>Para a meza, Improvisadas</i> , - - -	306.
--	------

Cançonetas Anacreonticas.

I. <i>A Rosa</i> , - - - -	309.
II. <i>Filis, e Amor</i> , - - - -	311.
III. <i>A Noite</i> , - - - -	314.
ODES <i>Anacreonticas</i> , - - - -	320.
MOTE. <i>A negra Furia Ciúme</i> , - - -	323.

Apologos, ou Fabulas moraes.

I. <i>O Passarinho prezo</i> , - - - -	325.
II. <i>O Lobo, e a Ovelha.</i> - - - -	329.

III.

III. O Amante, e a Borboleta,	- -	332.
IV. O Corvo, e o Reuxinol.	- -	335.
V. As Damas, e a Borboleta.	- -	338.
VI. O Leão vencido pelo Homem,	-	341.
VII. A Rapoza, e as Uvas,	- -	342.
VIII. O Corvo, e a Rapoza,	- -	343.
IX. A Cigarra, e a Formiga,	- -	344.
X. A Montanha, que pare,	- -	346.
XI. O Leão velho,	- - - -	347.
XII. O Leão caçando com o Burro,	-	347.





BIBLIOTECA NACIONAL



1001971235